

SÉRIE SABERES TRADICIONAIS – VOL. 3

# UM JEITO DE SER E VIVER NO KILOMBO DE MÃE PRETA

COLETIVO DE PESQUISADORAS E PESQUISADORES KILOMBOLAS OKARAN  
(ORGANIZADOR)



Casa Leiria



JESUÍTAS BRASIL



OLMA

Observatório Nacional de Justiça Socioambiental  
Laciano Mendes de Almeida



Somos uma Comunidade Kilombola Espiritual Ecológica Cultural Sustentável que vive, em seu jeito de ser e viver, os princípios e propósitos da Nação Muzunguê – Afrobudígena – Búdica, mas não budista; devota da tradição dos orixás, mas não do candomblé; perseverante na busca constante da Yvy marã e' ý, mas não indígena; Afrobudígena. Praticantes de uma espiritualidade afrodiaspórica. Disporos de Kilembe – sementes da grande árvore da vida de esperança e sonho num mundo de potência em que ahimsa – a disponibilidade para a bondade – orienta nosso nkenda bongar – o caminho interior na busca espiritual.

A CoMPaz, guiada por uma Mãe Preta e um Pai Eşù Seu 7 quer ocupar corações e mentes. E trabalha, e sonha, e abre a visão para que aquelas pessoas que atenderem o chamado CoMPaz, com entusiasmo e com disponibilidade zelem para que seus corações se mantenham inteligentes e suas mentes emocionadas, no caminho de construção do mundo respeitoso, do mundo mais amoroso, do mundo permeado de uma ética planetária para todos os seres sencientes na Terra.

Como nos ensina nossa Yaba Ancestral Mãe Preta, é a consciência o pilar dos tempos. A história aqui contada pelas páginas deste livro é um fragmento. Fragmentos de vida. De nossas vidas. Leia. Compartilhe da nossa intimidade. Honre. Nos respeite, nós existimos CoMPaz.

Aşé e Chuva de Luz!

Conselho de Yas e Babas  
da Nação Muzunguê CoMPaz  
Julho, 2020

UM JEITO DE SER E VIVER  
NO KILOMBO DE MÃE PRETA

**SÉRIE SABERES TRADICIONAIS - VOL. 3**



**OBSERVATÓRIO NACIONAL DE JUSTIÇA  
SOCIOAMBIENTAL LUCIANO MENDES DE ALMEIDA -  
OLMA**

**Provincial da Província dos Jesuítas do Brasil**

Pe. Mieczyslaw Smyda, S. J.

**Secretário para Promoção da Justiça Socioambiental  
da Província dos Jesuítas do Brasil e  
Coordenador Nacional do OLMA**

Pe. José Ivo Follmann, S. J.

**Secretário Executivo**

Dr. Luiz Felipe B. Lacerda

**Editora Casa Leiria**

Rua do Parque, 470 – B. Padre Reus

93020-270 São Leopoldo/RS

**CASA LEIRIA CONSELHO EDITORIAL**

Ana Carolina Einsfeld Mattos (UFRGS)  
Gisele Palma (IFRS)  
Haide Maria Hupffer (Feevale)  
Isabel Cristina Arendt (Unisinos)  
Luciana Paulo Gomes (Unisinos)  
Luiz Felipe Barboza Lacerda (UNICAP)  
Márcia Cristina Furtado Ecoten (Unisinos)  
Rosangela Fritsch (Unisinos)  
Tiago Luís Gil (UnB)

Coletivo de Pesquisadoras e Pesquisadores Kilombolas  
OKARAN  
(Organizadores)



UM JEITO DE SER E VIVER  
NO KILOMBO DE MÃE PRETA

**SÉRIE SABERES TRADICIONAIS - VOL. 3**



Casa Leiria  
São Leopoldo/RS  
2020

SÉRIE SABERES TRADICIONAIS = VOL. 3

# UM JEITO DE SER E VIVER NO KILOMBO DE MÃE PRETA

Coletivo de Pesquisadoras e Pesquisadores Kilombolas OKARAN  
(Organizador)

Os textos são de responsabilidade dos autores.

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida,  
desde que citada a fonte.

U48 Um jeito de ser e viver no Kilombo de Mãe Preta [recurso eletrônico] / Organização Coletivo de pesquisadoras e pesquisadores Kilombolas Okaran. – São Leopoldo: Casa Leiria, 2020.  
(Série Saberes Tradicionais, v.3.)

Disponível em: <<http://www.casaleiria.com.br/acervo/olma/umjeitodesereviver/index.html> >

ISBN 978-65-991675-0-8

1. Comunidades Quilombolas – Rio Grande do Sul.  
2. Comunidade Quilombola – Organização para o desenvolvimento. 3. Comunidade Kilombola Ecológica Morada da Paz – Rio Grande do Sul. I. Coletivo de pesquisadoras e pesquisadores Kilombolas Okaran (Org.). II. Série.

CDU 39(816.5)

Manifestamos nossa gratidão a todas e todos que tornaram este documento possível, em especial ao Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida – OLMA, nas pessoas de Pe. José Ivo Follmann e de Luiz Felipe B. Lacerda.





Ah! Uma Comum Unidade.

Ela se chama MORADA DA PAZ.

Nossa caminhada é fruto de um processo de confiança de que tudo que existe na realidade acontece antes nos sonhos.

Um sonho sonhado por pessoas que enxergaram caminhos quando tudo parecia duvidoso, incerto, inseguro.

Cada instante de desafios mostrava aos nossos corações e às nossas mentes que o caminho é assim mesmo, onde cada ação-ação acontece da forma como olhamos para a vida.

Ver e viver a vida com ENCANTAMENTO.

Este é o nosso JEITO DE CAMINHAR.

A COMUNIDADE MORADA DA PAZ É UMA REALIDADE, UMA ENTIDADE.

Uma ENTIDADE que nos desafia, a cada instante, a encarar o futuro com confiança.

O que ela quer da gente é CO-RA-GEM.



# SUMÁRIO

- 13    PREÂMBULO**
- 15    APRESENTAÇÃO**
- 21    INTRODUÇÃO**
- 23    A HISTÓRIA DA MORADA DA PAZ**
- 29    A CASA DA 7ª ORDEM: ORDEM RITUALÍSTICA - NAÇÃO MUZUNGUÊ**
- 35    CARTOGRAFIA SUBJETIVA EM TERRITÓRIO FEMININO KILOMBOLA: NADA SOBRE NÓS SEM NÓS**
- 59    "A MORADA É UMA CURANDEIRA": O FEMININO ENQUANTO FORÇA**
- 87    LUGAR, TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE: UMA ANÁLISE A PARTIR DA COMUNIDADE MORADA DA PAZ**
- 103    COMKOLA: AÇÕES E REFLEXÕES SOBRE CRIANÇAS DE 0 A 7, 70, 100 ANOS**
- 111    ENCONTROS DIALÓGICOS COMPAZ: DESFORMAR-SE A PARTIR DE UMA COMUNIDADE ESPIRITUAL KILOMBOLA**
- 115    OJU AYIÊ: CONSTRUINDO SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL NA COMUNIDADE KILOMBOLA MORADA DA PAZ**
- 123    OȘÛPÁ: CLÃ DA LUA NOVA TRADIÇÃO E EKOESPIRITUALIDADE EM TERRITÓRIO DE MÃE PRETA**
- 129    QUANDO O ORISHÁ É O CURADOR: A VISÃO DE SAÚDE COMPAZ**
- 139    AS PRÁTICAS ALIMENTARES EM UMA COMUNIDADE KILOMBOLA: UM ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE MORADA DA PAZ - TERRITÓRIO DE MÃE PRETA**
- 153    GLOSSÁRIO: COMO NOS FALAMOS**
- 157    OS AUTORES E AS AUTORAS**
- 160    FILHOS DO TERRITÓRIO DE MÃE PRETA E PARCEIROS DO OKARAN**
- 161    COMO COLABORAR COM A COMPAZ**



## PREÂMBULO

É palavra sagrada!

Livro-banquete da memória subversiva, da história não contada, da ciência negada.

Em palavras poéticas, brincantes e proféticas, aqui se come vida.

É comensalidade dos saberes!

Nem menos nem mais saberes, mas saberes: saberes da terra, saberes do céu, saberes das coisas e saberes das gentes, das negras gentes, compartilhados e comidos com o mundo.

“Porque comer juntos é um ato político e revolucionário”.

É palavra de Vida!

Vidas negras teimosas, resistentes, resilientes, ressurgentes, gestadas e paridas do coração das divindades, do útero fértil da mulher ancestral, da seiva vital da Árvore da Sabedoria.

São Palavras sagradas!

Na voz, nos corpos, nos afetos, no mundo brincante e amoroso das crianças “Moradenses”: nos desenhos, no “cadeni de pojetos” e nas raízes crianceiras dos “pitocos”, Encantamento e Etnoludicidade que ensinam: Brincar é Urgente!

São palavras de vida!

Da boniteza da poesia, da arte e do canto rebelde da juventude que ressoa aos quatros ventos: Vidas negras importam!

São palavras de memória!

Do calor umbilical da fogueira, do “fogo dos rezadores e rezadoras”, do Axé do canto e da dança, da força coletiva do Kilombo, do poder curativo da Morada da Paz

Memória do tambor do Coração: tum, tum, tum...

da trilha, da mata, das águas sagradas.

É mistério, é magia, é ciência Kilombola.

Nos textos e contextos deste livro-vida, prazeroso manjar de palavras sagradas das deusas e deuses que alimentam nossa fome de vida, refazemos nossas energias na marcha política pelo conhecimento, na luta teimosa pelo respeito igualitário, na busca constante da terra sem males, a “Yvy

marã e'ỹ”, a Morada da Paz de todos os povos, certas e certos de que tudo nos interconecta, tudo nos entrelaça, pois “tudo está interligado como se fossemos um. Tudo está interligado nessa casa comum”.

*Aurilene Ferreira da Silva*  
*Juscélio Mauro de Mendonça Pantoja*  
Centro Alternativo de Cultura – CAC (PA)

## APRESENTAÇÃO

*"A consciência é o pilar dos tempos".*

*Mãe Preta*

Um dos maiores desafios do Brasil do século XXI é, certamente, racializar-se, democratizar suas estruturas que subalternizam, invisibilizam, exterminam e retiram corpos negros, femininos e de povos originários dos espaços de poder, do protagonismo tecnocientífico, filosófico e de todas as esferas de produção de conhecimento. O combate ao *mito da democracia racial* no Brasil é uma luta sem tréguas e, nesse sentido, do ponto de vista acadêmico, a vida contemporânea nos impõe desafios que a modernidade sequer um dia vislumbrou. Quando se tratam das questões étnico-raciais e de gênero no Brasil, são necessárias novas estratégias ontoepistemológicas não apenas para fortalecer e estender cidadania, mas, principalmente, para promover a justiça social pela qual os corpos negros, em particular, lutam há séculos. As “maiorias silenciadas” do Brasil, como bem nos lembra Lélia Gonzalez, já não aceitam mais a *máscara do silenciamento*.

Segundo dados da Comissão Pró-Índio de São Paulo, existem hoje no Brasil (março de 2020), 1.767 comunidades *kilombolas* com processos abertos e 181 tituladas. Entre esses territórios (ainda) não titulados, mas já autorreconhecidos pela Fundação Cultural Palmares, está o da Comunidade *Kilombola* Ecológica Morada da Paz – Território de Mãe Preta (CoMPaz), um *locus* de *(r)existência* no interior do Rio Grande do Sul, estado brasileiro de complexa historiografia negra, marcada por omissão e silenciamento no âmbito do racismo estrutural e estruturante que marca as relações hierarquicamente racializadas no Brasil.

O livro *Um jeito de ser e viver no Kilombo de Mãe Preta*, do Coletivo *Okaran*, escrito por pesquisadoras e pesquisadores *kilombolas* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da CoMPaz, traduz, material e simbolicamente, o significado mais essencial das questões étnico-raciais e de gênero de nosso tempo no âmbito da existência universitária: a revolucionária indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

O livro é uma narrativa sensível e um registro de memórias sobre o processo de autorreconhecimento da CoMPaz, em que os corpos negros são sujeitos e não objetos das teorias e metodologias científicas vigentes. Os textos e imagens materializam as lutas da CoMPaz, sua organização, seu contexto histórico, social e cultural, bem como suas estratégias cosmológicas nas relações sujeito-natureza e sujeito-sujeito, dentro e fora do território sagrado, comunicando mundos in(visíveis).

Ao longo de cada capítulo, leitoras e leitores têm a oportunidade de olhar para o território CoMPaz na perspectiva de Milton Santos, um dos maiores intelectuais que o Brasil já teve, em que

o território não é apenas um conjunto de formas naturais, mas um conjunto de sistemas naturais e artificiais, junto com as pessoas, as instituições e as empresas que abriga, não importa o seu poder. (...) É desse modo que ele constitui, pelos lugares, aquele quadro da vida social onde tudo é interdependente, levando, também, à fusão entre o local, o global invasor e o nacional sem defesa (no caso do Brasil) (SANTOS, 2002, p. 84).

Ao percorrer as páginas do livro e ao se deparar com a verdade desvelada que a CoMPaz vive, fomenta e expõe, não se pode negar que a história aqui contada desafia as lógicas cruéis da colonização, do patriarcado e do capitalismo, subvertendo a tragédia da escravidão atlântica e contemporânea, para juntar com pontos feitos com agulha o tecido social brasileiro. Destaca-se, no livro, o olhar das mais velhas e dos mais velhos, mas sem perder de vista a sabedoria das mais novas e dos mais novos, como num *xirê* (festa, roda, brincadeira) literário e epistêmico no contexto de uma vivência *afrobudígena*, capaz de abarcar ancestralidade e histórias intercontinentais, lugares de disputas, territórios, (con)vivências. O texto apresentado é um espaço dialógico de constante (des)formação em que a música ancestral, os toques dos atabaques, a sacudida dos maracás, os sons dos gongos, as comidas ovolactovegetarianas, os cheiros e os abraços carregados de *asé* (força, sabedoria) nos ligam ao *aiyé* (mundo, vida) e ao *orun* (céu), permeados de estrelas, e nos despertam para outras interpretações da realidade historicamente construída. São as histórias de Mãe Preta, cujo ventre pariu as estrelas do céu negro no atravessar eterno do azul-petróleo do Atlântico, que vão dando voz, representatividade e posicionamento político para essas mulheres negras que pensam, escrevem, agem e dizem palavras carregadas de brasilidade nagô que dão forma e sentido à existência, por meio de *Orí* (cabeça), *ara* (corpo), *okàn* (coração), num verdadeiro *ebo* (sacrifício) coletivo.

*Um jeito de ser e viver no Kilombo de Mãe Preta* é um livro necessário para o país do século XXI, que por meio das Leis 10.639 e 11.645, busca reencontrar-se com o seu passado e o seu futuro, no presente que é agora, por meio das histórias de lutas e da cultura afro-brasileira e indígena que estamos a construir, ouvindo, finalmente, negros e povos originários. É necessário sabê-lo, ouvi-lo, lê-lo, mas, principalmente, senti-lo, para poder viver sua história, compreender suas tradições e seus costumes, visualizar os seus sonhos, lutar por seus projetos e encantar-se com sua pedagogia e com suas cosmo percepções, generosamente partilhados ao mundo externo pelo território que é *sagrado*. As palavras aqui escritas, inquietas e sorridentes, e as imagens aqui registradas pela luz do infinito que capta a sensação des(confortante) do instantâneo, deixam o território sagrado de Mãe Preta e Seu Sete para finalmente desenhar num círculo o tempo de outrora e de agora, que se encontram no *xirê*, dão-se as mãos e seguem juntas e juntos, nos impondo novos compromissos éticos e epistêmicos.

O livro é um convite ao bom viver e à boa luta. Vivamos. Lutemos.

*Saravá Mãe Preta!*

*Porto Alegre, 17 de março de 2020*

*Alan Alves-Brito<sup>1</sup>*

## REFERÊNCIA

SANTOS, Milton. *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania*. Organização, apresentação e notas de Wagner Costa Ribeiro; ensaio de Carlos Walter Porto Gonçalves. São Paulo: Publifolha, 2002.

---

<sup>1</sup> Alan Alves-Brito é doutor em ciências (astrofísica estelar), com pós-doutorados no Chile e na Austrália. Desde 2014, é professor adjunto no Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde exerce atividades de ensino, pesquisa, extensão, divulgação científica e gestão. Integra o Programa de Pós-Graduação em Física e em Ensino de Física e o NEAB (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos) da UFRGS. Coordena o PLOAD-Brasil (Portuguese Language Office of Astronomy for Development) da União Astronômica Internacional. Interessam-lhe temas voltados à integração e ao diálogo da universidade com a educação básica e a sociedade, como a evolução química da Via Láctea, educação e divulgação da Astronomia. *Ìyàwò Dofono de Òsòòsi no Ilê Axé Ogunjá, Recôncavo da Bahia.*



*As utopias existem porque têm a virtude  
da inocência, que lhes dá a possibilidade  
de intuir o inédito.*



## INTRODUÇÃO

Somos uma Comunidade. Uma ComUnidade. Somos na maioria mulheres negras oriundas da borda e criadas por outras mulheres que, da beirada da vida, abriram caminhos resilientes. Sua luta, sua (r)existência nos fizeram hoje mulheres livres. Sim, é o que somos, Pessoas Livres.

Muitos caminhos percorremos para que, o que somos hoje, se expresse com singeleza e força, nossos caminhos de tão de longe ancoram marcas de sobreviventes em nosso lombo, o que faz de nosso Kilombo um espaço que acolhe todas e todos com o coração puro e valoroso porque carrega como princípio o Amor e o Respeito.

Somos cultura como espaço de cura. Somos educação como espaço de transformação. Somos saúde como espaço de acolhimento. Somos espirituais como poder de estruturação pessoal e coletivo.

Devotos dos Òrìṣás – Deidades e Divindades, é nossa Mãe Preta que conduz o caminho e guia nossos passos no aiyê, ela nos ensina que uma pessoa de fé não barganha nem apresenta condições às Deusas e aos Deuses, que, com seus ensinamentos, sempre fazem refletir: *de que vale a fé sem ação?* No Território de Mãe Preta, dentre tantos aprendizados, saber que a verdade é uma experiência e não uma crença nos ensina a ter muito mais esperança do que certezas.

Amparada por este campo atmosférico de esperança ao invés de certezas de que a Comunidade Kilombola Morada da Paz se tornou Ponto de Cultura; fundou o Coletivo de Pesquisadoras e Pesquisadores Kilombolas – OKARAN; o Instituto CoMPaz; a Escola Comunitária Kilombola Epè Layié – ComKola. E segue maneando ventos de desafios, bulindo, na terra do impossível, sementes de esperança e novas possibilidades. Aceitando o que não se pode mudar e mergulhando de cabeça no sonho tangível e, desse modo, vivemos, nos movemos e existimos.

O que você irá experienciar com a leitura deste livro é um singelo registro tecido por muitas mãos sobre nosso jeito de ser e viver. Que nossa escrita esteja melhor em nossas mãos honrando nossos ancestrais e que se torne ainda muito melhor nas mãos daqueles que virão depois de nós para que deem continuidade à nossa história. E para que você, leitora e leitor, acredite!

*Yashodhan Abya Yala  
Yalase da Nação Muzunguê*



## A HISTÓRIA DA MORADA DA PAZ

*Nada justifica a falta de esperança.  
Mãe Preta*



Figura 1: fundadores da CoMPaz: Yalashé Yashodhan Abya Yala, Baogan Bábà Kínní, Yabace Mako'Yilè, Yakékéré Yamoro ÒmóAyóÒtùnjá, Ekédi Elemojó Karamy ãdetta.

A Comunidade Morada da Paz é uma Comunidade Kilombola Espiritual Ecológica Cultural Sustentável Território de Mãe Preta (CoMPaz), localizada em Vendinha, entre os municípios de Triunfo e Montenegro, no Rio Grande do Sul. Ela nasceu oficialmente no início dos anos 2000, quando o povo brasileiro despertava de forma ardente para um desejo de participação em estilos de vida diferenciados, mais solidários, mais partilhados. A rebeldia, àquela época, era um traço característico e a criatividade pulsante

era a nota perfeita para o início da construção de um novo sistema, onde a vida comunitária, o exercício do voluntariado e a partilha sem fronteiras compunham os acordes harmônicos para uma nova era. A chegada de um novo século despertava nas pessoas o desejo da mudança, da solidariedade perdida, do ato da fraternidade.

Os primeiros anos do Kilombo CoMPaz, onde mulheres e homens se uniram em busca de uma nova forma de viver, foram dedicados ao autorreconhecimento, numa tentativa profunda de se compreender a jornada pessoal como pessoas, negras, quilombolas. Nesse período conhecemos também a realidade do entorno, os animais da região, os rios, as fontes e os mitos que vivificavam o local.

Após esse mergulho interior, o povo da Morada, como somos mais conhecidos, dedicou-se a um movimento mais amplo: a abertura dos portões da instituição e da comunidade e consequente inclusão, em nosso cotidiano, das pessoas que viviam nos povoados do entorno. Nosso olhar podia ver com clareza as pessoas que viviam em situações extremas, exercitando jogos tiranos de ganhos e perdas.

A aproximação foi se dando cuidadosamente através de diferentes atividades e espaço de inserção na cultura e no imaginário das pessoas da região. Para as várias estratégias de aproximação utilizadas nos orientamos nos princípios trazidos por canalização de nossa Yabá ancestral Mãe Preta; inspiração de nossa Yialašé Yashodhan, na espiritualidade presente na Nação Muzunguê, na Carta da Terra e em nossos ancestrais quilombolas, e buscamos:

- aprofundar o estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e uma ampla aplicação dos conhecimentos adquiridos. Foi o momento em que aplicamos o projeto de Percepção Ambiental convidando as escolas da região para visitar o espaço Kilombo-CoMPaz e ludicamente observar e compreender como se dava a visão sobre o mundo ambiental (fauna, flora) e as relações socioecológicas com/no contexto.
- adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam a capacidade regenerativa da Terra, os direitos humanos e o bem viver comunitário. Buscou-se aprofundar o conhecimento sobre agricultura orgânica e biodinâmica, pelas fases da lua, Kilombola, indígena. Efetivamos convênios com escolas técnicas, por alguns períodos fomos campo de observação e práticas de permacultura, manejamos com a flora nativa. Contatamos e visitamos espaços de produção e manejo não só da região, pessoas, sabedores e fazedores, falamos-escutamos muito e, depois de tantas urdiduras, tecemos o nosso jeito.

- proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida. O tempo tem sido nosso substrato em relação à realização de nossas atividades (preces práticas), organizamo-nos coletivamente para atender as demandas internas e expandir nosso caminho tracejado por este jeito de ser e viver que ensina dialogar com a vida através de uma temporalidade muito singular. Levando para outras fronteiras, o que somos e como somos, citamos a Índia, o Nepal, a Bolívia, o Chile, a Portugal, a Bélgica, o Uruguai, o Equador, o Senegal, os diferentes Estados do Brasil.
- cuidar da comunidade de vida com compreensão, compaixão e amor (Carta da Terra; ensinamentos indígenas, afrodiaspóricos, budistas, afro-brasileiros) que brotam, depois de um sonho muito acalentado, a Morada Portal: Centro Cultural, Arte, Educação e Cidadania.

O surgimento da Morada Portal provocou mudanças viscerais no diálogo com a vizinhança, as visitas à comunidade, as atividades... Não eram somente as pessoas da vizinhança que mudavam, éramos nós também que ampliávamos uma prática e uma ação até então escondidas e ignoradas. Inicialmente os moradores do entorno do Kilombo-CoMPaz observavam com olhares indiferentes toda aquela movimentação, nenhum deles se dispunha a participar ativamente do processo. Éramos considerados ainda como estrangeiros tentando encontrar soluções para um povo que vivia há centenas de anos excluído de qualquer sistema político e social.

Precisamos aprender o exercício da paciência, da humildade e do serviço despido de qualquer traço de colonialismo. Pouco a pouco, fomos aprendendo a construir laços de parceria com o povoado do entorno entre crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. Destacamos como estratégia fundamental as visitas domiciliares realizadas toda a semana, as quais denominamos de – fazer a ronda na vizinhança – a partir daí fomos nos conhecendo, enamorando e tornando-nos íntimos.

Muitas trilhas foram construídas (estudo da realidade e georreferenciamento) dos dados com apoio do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), pesquisa da memória local tentando o resgate de um patrimônio imaterial com a escuta aos moradores mais velhos da localidade, lutas políticas de visibilização da situação de segregação social e econômica da população.

O Kilombo-CoMPaz aprendeu ao longo dos anos a discutir de forma horizontalizada e em ipadê (círculo sagrado) todas as suas decisões. O autorreconhecimento sempre foi o nosso traço fundamental, e a parti-

lha juntamente com o exercício da honestidade e da ética sempre foram e são paradigmas para nossas tomadas de decisões. Provavelmente por sermos uma comunidade marcadamente feminina, acreditamos nos diálogos produtivos e incentivamos reuniões, mesmo que prolongadas, para que o tempo de gestação e parto da decisão final se processasse. Cada opinião é levada em consideração e observada cuidadosamente às contradições e pontos comuns entre todos e todas, a fim de que cada integrante possa ter o sentimento de pertinência e responsabilidade no resultado final. Muitas vezes esse processo nos levava a dificuldades aparentemente intransponíveis. Nesses instantes retomamos sempre a causa inicial, o motivo pelo qual nos reunimos e isso facilita o processo.

Outro fator que nos auxilia é a observação atenta das opiniões provenientes exclusivamente de conveniências pessoais, pois estas são questionadas por todos e todas de forma aberta, na tentativa de uma redefinição de posicionamento daquele e daquela que trouxe a proposta à baila. Exercitamos práticas que fortalecem nossos mitos e sedimentam nosso patrimônio imaterial afro-brasileiro, facilitando sobremaneira nossas decisões: o Ipádè (a roda ou círculo), o rezo cantado (oração às Deusas e aos Deuses Mãe-Pai), as meditações, orins e a reverência a Yami, a nossos Òrísás e à Mãe Natureza como uma de nossas Mestras. Foi e é dessa forma que conseguimos sobreviver na localidade de Vendinha, entre as fronteiras dos municípios de Triunfo e Montenegro, no Rio Grande do Sul. Somos uma comunidade que nasce em meio a um contexto de contraditórias profecias em que o mundo de Olódùmarè-Zambi-Maya, em seu transcurso, exige que se abandone a superficialidade e se busque a raiz dos processos.

Nós estamos vivendo cada instante focalizando um horizonte: viver como se fôssemos morrer amanhã, deste modo, estaremos, no amanhã, sentados e sentadas nos Ipádè (círculos) dos ancestrais. Mas o amanhã ainda não chegou – ele está vindo – então, é nossa a tarefa pedagógica de contar e realizar nossa própria história.

## PROPÓSITO DA COMPAZ

- Recuperar e reverenciar a educação ancestral (afro-brasileira; afrodiáspórica e africana) como continuidade de educação das gerações futuras dos jovens kilombolas.
- Servir a humanidade sem interesses pessoais, político-partidários e/ou financeiros. O serviço deve vir orientado por uma conduta ética, amorosa e baseada na cooperação, solidariedade, compreensão e sororidade.

- Honrar a história de vida de todos os seres sencientes; a vida como manifestação do poder de Olódumarè (Deus Pai-Mãe).
- Compreender e incentivar a difusão da cultura, das manifestações artísticas como espaços de transformação social e educacional e da Cultura Africana e Afro-brasileira em especial.
- Promover a sustentabilidade emocional, ambiental, espiritual, econômica e social como um caminho para o bem viver da vida com qualidade e dignidade para si e para a Comunidade Kilombola.
- Promover e defender o convívio comunitário, participativo com ênfase na matricialidade presente na cosmovisão Afrobudígena Kilombola-CoMPaz (Afrobrasileira-Afrobudígena, filosofia que conecta bases da Matricialidade Afrodiaspóricas – Indígenas – Budistas Mahayana em suas práticas de convivialidade e espiritualidade diariamente).
- Promover e difundir a prática da produção e do consumo de alimentos orgânicos de base ecológica.
- Estimular o uso de tecnologias de informação livre e acessível a todos independente de credo, etnia, classe social, gênero e opção sexual.
- Promover e difundir a educação integral **cosmocêntrica** (pensar a vida em sua plenitude respeitando seus diferentes níveis de manifestação), **antroposófica** (promoção dos sujeitos como aprendizes em diferentes níveis de compreensão do caminho em que o processo de ensinar-aprender se dá por trocas diversas), **afrocentrada** (baseada nos valores civilizatórios de sororidade-união-cooperação-matricialidade), **pedagogia do encantamento** (baseada na pedagogia do Terreiro de Mãe Preta).
- Promover a cultura de intercâmbio entre povos tradicionais, originários do país e de outros; redes de saberes e fazeres; comunidades e espaços.
- Promover a saúde integral e mentoespiritual voltada para o uso da medicina tradicional e ancestral.



Figura 2: UCIRIRI – Trabalhando juntos com as mãos e os pés no barro (2014). Acervo CoMPaz.

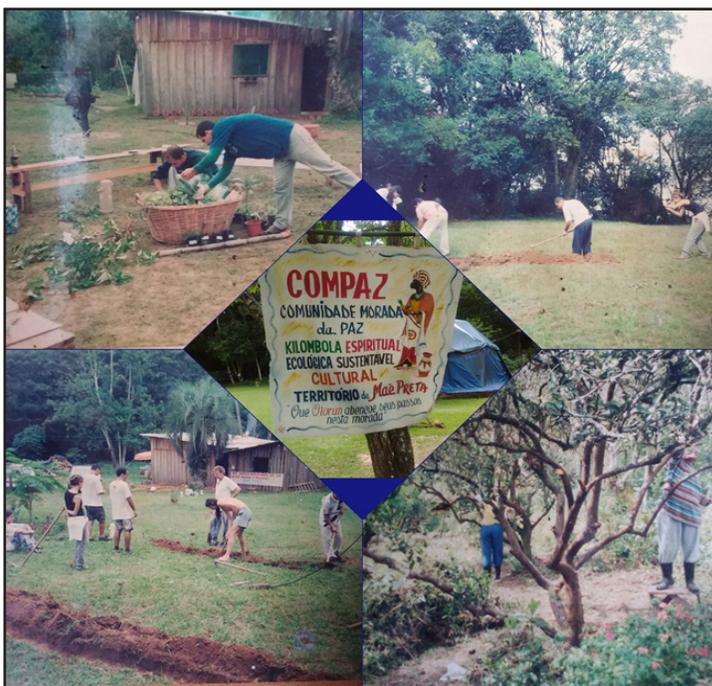


Figura 3: Nossa História (2003). Acervo CoMPaz.

## A CASA DA 7ª ORDEM: ORDEM RITUALÍSTICA = NAÇÃO MUZUNGUÊ

Os caminhos são feitos em etapas, passo após passo, eles podem ser mais rápidos, mais lentos, cada um a seu tempo e movimento. O importante é que o tempo do universo é sempre perfeito e para estarmos conectados a ele precisamos antes conectar com nosso coração!



Figura 4: Benguê, símbolos sagrados. Acervo CoMPaz..

A Comunidade Kilombola Morada da Paz – CoMPaz, na sua dimensão espiritual, é representada pela Irmandade da Casa da 7ª Ordem. A Irmandade é uma Ordem Ritualística a serviço da Grande Fraternidade Resplandecente e Universal, a humanidade. Essa Ordem Ritualística é que recupera um processo litúrgico conhecido por Muzunguê.

Nós somos, no Aiyê (Terra), uma das manifestações da 13ª Loja da Grande Fraternidade Resplandecente e Universal – GFRU.

## MUZUNGUÊ

O Muzunguê é uma palavra africana que, em quicongo, significa (caldo) e que, no modo de ser e viver da CoMPaz, interpretamos como acolhimento, uma vez que é assim que sentimos e vivenciamos o Muzunguê, um espaço de acolhimento, um espaço sagrado onde Guardiões do Território, Guardiões dos Princípios e Guardiões CoMPaz, juntos congregam e celebram em seu jeito de Ser e Viver a força da unidade, da humanidade, da gratidão e do serviço à humanidade.

## TEOLOGIA DE ORIENTAÇÃO DO MUZUNGUÊ

A Teologia de Orientação do Muzunguê se baseia em três Matrizes: a Budista da linhagem Tibetana Mahayana; a Cosmovisão Africana/Afro-brasileira da linhagem vegetariana e a Cosmovisão Indígena da linhagem M'byá Guarani, onde a magia ritual esotérico-exotérico partilha a vida simples, o estudo, a cultura, a arte, a educação, o reconhecimento e o respeito por todos os seres sencientes.



Figura 5: Tambores Atabaques da Nação Muzunguê. Acervo CoMPaz.

1. A Matriz de orientação Budista Tibetana Mahayana se pauta pelos ensinamentos de Tenzin Gyatso, o XIV Dalai Lama, fundamentada pela atitude de servir a humanidade (Shanata=Calma mental estável).
2. A Matriz de orientação Indígena M'byá Guarani, fundamentada na Casa da 7ª Ordem como um guia na compreensão da dialética espaço-tempo, remete ao entendimento que ambos não são entidades separadas, ambos estão intimamente ligados e formam juntos um *continuum*, onde presente, passado e futuro ocorrem simultaneamente, porque Deus-visão e Deus-realidade compõem um único universo mítico.
3. A Matriz de orientação Africana/Afro-brasileira completa o tripé de sustentação e orienta os movimentos e valores civilizatórios que materializam as nossas relações. Constitui nosso jeito de SER e VIVER em que os Orisás são nossos professores, em que a hierarquia circular conduzida pelas Yás/Yabás (mãe em Africano/YORÛBÁ) – matricial – assume a zeladoria e cuidado dos filhos no Asé. Vivificando a **HO SE BASSA** (o trabalho em comum unidade/juntos); fortalecendo a **TERANGA** (solidariedade); aprimorando o **AKAAN** (a capacidade de se regenerar/reexistir/resiliência); exercitando através dos **IPADÉ** (reunião/aula/encontro) a **BATAMBA** (ouvir/escutar/ver). Por essas matrizes os ritos ganham forma no território.

## POSTURA DIANTE DE UM OLÛWÁ, MESTRES E MAIS VELHOS DENTRO E FORA DO TERRITÓRIO

Guardião do tesouro espiritual e das tradições da comunidade, pelo velho uma diversidade de conhecimentos chega aos mais novos, corroborando a força de sua experiência e de sua memória. (A memória dos velhos e a valorização da tradição na literatura africana – Lidiane Alves do Nascimento e Marilúcia Mendes Ramos).

Para tornar-se um guardião da Irmandade da Casa da 7ª Ordem são necessários alguns requisitos básicos como, por exemplo, seguir a liturgia designada pela Irmandade; conhecer e pôr em prática os ritos esotéricos e exotéricos da Casa, bem como manter uma postura espontânea, respeitosa

para com todos os seres humanos ou não humanos, principalmente para com um Olùwá<sup>1</sup>, mestre e pessoas mais velhas, sejam elas de dentro do território ou de fora dele.

Postura diante de um(a) Olùwá e de uma Yalaşé:

- Quando a **Yalaşé e/ou um(a) Olùwá** entrar em uma sala, levante-se cordialmente, curve-se entoando o **Namastê Ojírè!**
- Se houver no local aquela que é reconhecida como Tojú Álààfiá (guardiã da paz), uma Bukun e/ou uma Ekedì, deve-se evocar **OLÙWÁ BUKUN** (bençãos às(aos) detentora(res) de um saber).
- É recomendável somente sentar-se após a **Yalaşé e/ou Olùwá**.
- Saúde tanto na chegada quanto na partida a **Yalaşé**, oferece-se o **Namastê Ojírè** seguido de uma prostração que é **levar as mãos da Yalaşé até o Ori (cabeça) de quem a está saudando**.
- Quando se saúda um detentor de saber (**OLÙWÁ**) oferece-se o Namastê Ojírè seguido de um abraço sagrado.
- Quando quiser receber algum ensinamento, empoderamento, audiências privadas é recomendado pedir licença. Faz-se a saudação **Agoyiè Mojùbá** (peço licença para ter a sua benção).
- O adequado é sentar-se de pernas cruzadas, recomenda-se que em círculo ou semicírculo. Nunca se deite, pois isto é considerado uma indelicadeza.

O zelo, o cuidado, o respeito, a atenção são de suma importância na Irmandade da Casa da 7ª Ordem, bem como fora da Morada. O ancião cumprirá “a religiosa função de unir o começo ao fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens” (BOSI, 2004, p. 82).

Os mais velhos, os mestres, os detentores de saberes merecem atenção especial, pois ao partilharem o conhecimento estão permitindo a salvaguarda da memória.

Com os velhos é que se pode promover a continuidade da cultura e da educação da gente adulta do presente e dos pósteros, das gerações futuras, pois permitem, em sua experiência, reviver o que já passou, como as histórias e tradições de um tempo ido, mas que permanecem, de alguma maneira, nos rastros de suas lembranças partilhadas, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias (BOSI, 2004, p. 74).

---

1 Olùwá, que em yorùbá significa mestre, guia, é aquela pessoa que desenvolveu a capacidade de guiar aqueles que seguem no caminho espiritual (Bongar). Segundo a tradição da Irmandade da Casa da 7ª Ordem pode ser uma **Ya (Yabace-Yamoro-Yatebsè), Elemojo, BaOgan** (que em yorùbá significam detentores de saberes; anciãs, anciões, aquela ou aquele a quem se deve reverência).

## RESPONSABILIDADE MEDIÚNICA, COMPROMISSO ESPIRITUAL

No Bongar – o caminho da espiritualidade – a porta é estreita, desafiadora e árdua. Na Casa da 7ª Ordem “não se pode garantir um coração feliz, mas se pode garantir um coração verdadeiro” (Baba Afra, canalização recebida em retiro de 21-25/01/2015).

Os aprendizados na Casa da 7ª Ordem se apresentam na direção do autoconhecimento, de que cada pessoa seja comandante do seu Emi/Ori e aprenda a cavalgar ao vento, que doar gera prosperidade, que tudo está interconectado, portanto, toda ação impacta no *continuum* mental, atmosfera mental, gerando tendências comprometedoras.



Figura 6: Tecendo A COMUM UNIDADE. Acervo Fodayian.

Para fazer parte deste Terreiro são necessários, fundamentalmente: disponibilidade, humildade, respeito, zelo e cuidado.

O *Bo Si Ònà* exige:

- Compreensão da cosmovisão e sua vivência cotidiana (litúrgica), internalização dos princípios;
- Assumir os ritos com estudo e reflexão, conexão onde orisás, deidades, anjos e santos são professores;
- Esforço em manter-se no bongar, com determinação, persistência e humildade;

- Respeito pela memória do patrimônio imaterial, pelos mais velhos, pelos ancestrais, pelos guardiões, pela hierarquia matrilineal do Terreiro;
- Aceitação do Kaaro, aceitar o silêncio e os movimentos esotéricos e exotéricos presentes no Terreiro;
- Disponibilizar-se a conviver com o inusitado, com o imprevisível.

Seguem algumas expressões em yorùbá, que são utilizadas na Irmandade da Casa da 7ª Ordem, importantes para conhecimento de todos os médiuns da Irmandade, pois, nesse caminho estudo, pesquisa, conhecimento, troca de experiências, de vivências também são importantes.

- **Abíyán** – (Abéyò em iorubá) de origem africana, carrega em seu significado a intenção daquele(a) que deseja se iniciar no caminho. Neste caso, quem deseja iniciar ou ser um seguidor (sanyasi em sânscrito) dos princípios que compõe a cosmovisão da Nação Muzunguê, representada pela Irmandade da Casa da 7ª Ordem.
- **Bongar** – caminho espiritual.
- **Bó Si ònà** – entrar no caminho, seguir o caminho.
- **Adéhùn** – compromissos, acordos, combinações.
- **Adosú** – aquele(a) que atendeu ao chamado do Okan (coração); aquela pessoa que recebeu o Osu, a força da manifestação do Asé.
- **Kaaro** – secreto, o que está além, é preciso sentir, viver.

Nossa Yabá nos diz que as coisas se profanam quando nos esquecemos de quem verdadeiramente somos. No caminho do adosú, saber transformar o cotidiano num modo de vida sacralizado é o exercício permanente do bongar.

Bongar, este é teu caminho?! Uma vez que você decida sobre as trilhas da busca espiritual que irá empreender, serão necessários muitos movimentos, mas os mais requisitados são RESPEITO e PERSEVERANÇA.

*Namastê Ojirè, Bongar!*

## REFERÊNCIA

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança dos Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CARTOGRAFIA SUBJETIVA  
EM TERRITÓRIO FEMININO  
KILOMBOLA: NADA  
SOBRE NÓS SEM NÓS

*Eu canto pros antepassados  
Pros meus aliados,  
Pros meus Orixás.  
Peço Ago Yê Mojúbá  
Pras minhas Yás  
Pra saravá!  
Semente de Baobá*



Figura 7: Terreiro de Chão Batido (2019). Acervo CoMPaz.

O projeto de pesquisa e extensão universitária *Pedagogia do Encantamento e Economia do Afeto: Cartografia Subjetiva em Território Feminino Kilombola*, é realizado pelo Coletivo de Pesquisadoras e Pesquisadores Kilombolas OKARAN formado por *kilombolas* moradores da *Comunidade*

*Kilombola Ecológica Morada da Paz*, Território de Mãe Preta (CoMPaz) e pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O projeto de pesquisa tem como objetivo elaborar uma cartografia subjetiva, para mapear, descrever e refletir sobre os saberes e fazeres da CoMPaz para salvaguardar o patrimônio material e imaterial kilombola, através das narrativas sobre a experiência social dos sujeitos que compõem a comunidade. Para isso buscamos descrever e analisar as vivências no Território Kilombola CoMPaz, considerando as estratégias de sustentabilidade do território, especificamente a Economia Afetiva; refletir sobre as práticas e os saberes que caracterizam a Pedagogia do Encantamento e as categorias que a compõem e que buscam romper com o senso comum, racista e patriarcal predominante na sociedade.

De início, queremos esclarecer nossa opção pela grafia de *kilombo*, *kilombola* com *k*, desde o nome do projeto de pesquisa, pois entendemos que ao renomear, tentando capturar um outro sentido, ligado à etimologia da palavra, optamos por ressignificar politicamente estes termos, antes associados historicamente a processos de colonização e ao capitalismo e, agora, redefinidos, falam da experiência social da Comunidade Kilombola Morada da Paz (CoMPaz) em ser kilombola e viver em um kilombo.



Figura 8: Kilombolas Pesquisadores. Acervo Okaran.

A língua, como se sabe, é um dos principais instrumentos de dominação política e cabe, portanto, resistir aos sentidos impostos pelo coloni-

zador e se abrir para a polissemia. Em áreas bantas na África, nos contam as Yás, quilombo significava sociedades de homens guerreiros. No Brasil colonial, a denominação quilombo passou a designar o local para o qual homens e mulheres, africanos e afrodescendentes, que se rebelaram ante a sua situação de escravizados e fugiram das fazendas, se refugiaram em florestas e regiões de difícil acesso, onde reconstituíram seu modo de viver em liberdade. Entendemos que quilombo, grafado com q é uma adaptação do colonizador ao termo africano e a usaremos sempre que citarmos textos de outros autores que foram grafados desse modo. Mas para designar o Território de Mãe Preta, suas práticas e processos educativos e de sustentabilidade, iremos grafar quilombo com k a fim de afirmar que estamos em uma disputa que é política e linguística.

Da mesma forma, grafamos ekonomia com k para aludir a *oikos* que significa casa no grego. Ekonomia é uma grafia que para os kilombolas da CoMPaz tem o sentido de buscar essência da *oikonomia* grega, que visava o cuidado da casa. Esta cosmovisão, coerente com os valores e a ética kilombola, se opõe à economia ortodoxa condicionada ao pensamento capitalista, racional, lógico e utilitarista que não incorpora em seus modelos a subjetividade e o bem comum.

Este artigo<sup>1</sup>, ampliado e atualizado, traz resultados iniciais do projeto de pesquisa e extensão universitária Pedagogia do Encantamento e Ekonomia do Afeto: Cartografia Subjetiva em Território Feminino Kilombola. Apresentaremos especificamente um primeiro nível deste mapa, a metodologia – a cartografia subjetiva –, e uma parte da história da Comunidade e de seus moradores, organizada a partir das narrativas dos pesquisadores e pesquisadoras e dos outros moradores do quilombo.

## A CARTOGRAFIA SUBJETIVA

Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – uma perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às lin-

---

1 Uma versão resumida deste artigo foi originariamente publicada em 2019. Referência: LABREA, Valéria Viana; KIEKOW, Pedro Eduardo; DORNELLES, Denise Freitas. Cartografia subjetiva em território feminino kilombola: em busca da utopia do bem viver. *Cadernos do Lapaarq*, v. 15, n. 31, p. 107-120, jan./jun. 2019.

guagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fizerem necessárias. (ROLNIK, 1989, p. 15-16).



Figura 9: Cartografando Sentidos. Acervo Okaran.

Desde a antiguidade, o mapa serve para delimitar território, fronteiras, rotas, referências, reserva de recursos, grupos sociais. A cartografia esteve a serviço da colonização e de processos hegemônicos de dominação a fim de legitimar a conquista de povos e territórios. Na contemporaneidade, ao incluir os sujeitos que vivem nos territórios para a realização de mapeamentos participativos, surge a cartografia social que pode *ser vista ora como esforço de resistência às dinâmicas da globalização, ora como instrumento de apoio à efetivação mesma dessas dinâmicas* (ACSELRAD, 2008, p. 10). Para os geógrafos, segundo Rolnik (1989, p. 15), *a cartografia é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem*.

A metodologia adotada, a cartografia subjetiva, nos permitiu entender a Comunidade Kilombola Morada da Paz, Território de Mãe Preta, e o modo como ela se organizou coletivamente para participar da pesquisa, em diálogo com características do kilombo: a oralidade, a circularidade, o ensinar pela cultura, tradição e história, o fazer junto, as decisões coletivas no *ipadê* – que em iorubá significa *encontro, união* e designa as rodas de conversa na Comunidade.

Foi dentro do Território que definimos uma *gramática* para a pesquisa e as categorias que iríamos privilegiar nessa etapa inicial da pesquisa: a memória dos moradores sobre sua chegada ao Território e como contam essa história, os elementos da cultura e espiritualidade que são incorpora-

das nos rituais do território, suas estratégias de sustentabilidade e o modo como se educam e educam os jovens e crianças. Por isso dialogaremos com as narrativas já produzidas pelos pesquisadores e pesquisadoras do OKARAN sobre a CoMPaz, principalmente BaOgan (2017), Yashodhan e Kiekow (2017), Yabacê e Yashodhan (2017), Yamorô e Opá Tenonde (2018), Folaiyan (FLORES, 2018), Labrea (2016).

A cartografia (DELEUZE; GUATARI, 1995) é uma *pesquisa-intervenção* (KASTRUP; PASSOS; ESCOSSIA, 2015; 2016) que nos permitiu entender os textos e as falas resultantes das vivências na CoMPaz como *narrativas*. A narrativa tradicionalmente é atribuída a uma obra literária e suas características são descritas por Todorov (2006, p. 211): ela é simultaneamente história e discurso. A história evoca uma certa realidade, acontecimentos e personagens. E discurso porque existe um narrador que relata essa história.

Na nossa perspectiva, tomamos a narrativa como uma história e um discurso<sup>2</sup> (PÊCHEUX, 1997) sobre acontecimentos reais, vividos nos cotidianos dos sujeitos da pesquisa. Todorov, na mesma obra, vai falar que a narrativa literária parte de uma visão ou ponto de vista. Na narrativa kilombola nos identificamos com o *lugar de fala* (RIBEIRO, 2017) que é falar a partir da perspectiva de mulheres negras e de suas condições de produção, ou seja, suas condições materiais, sociais, culturais, simbólicas, políticas de existência.

As narrativas são entendidas como a materialidade discursiva que reflete uma experiência vivida e a elaboração dessa experiência por meio da palavra escrita. Essa escrita rompe deliberadamente com a tradição acadêmica que vê na impessoalidade e na generalização a marca do saber científico.

As narrativas apontam uma outra direção: *é um conhecimento contextual na medida em que o princípio organizador da sua produção é a aplicação que lhe pode ser dada* (SANTOS, 2005a, p. 41). É um conhecimento transdisciplinar que, pela sua própria contextualização, obriga a um diálogo ou confronto com outros tipos de conhecimentos, o que o torna internamente mais heterogêneo e mais adequado a ser produzido em sis-

---

2 Pêcheux estabelece que o discurso é “efeito de sentidos entre interlocutores que enviam para lugares determinados na estrutura de uma formação social” (PÊCHEUX, 1997, p. 82). Por efeito de sentido entende-se que o sentido sempre pode ser outro, dependendo do lugar social em que os interlocutores se inscrevem. As condições de produção mostram a conjuntura em que um discurso é produzido, bem como suas contradições. As CP remetem a lugares determinados na estrutura de uma formação social. As relações de força entre esses lugares sociais encontram-se representadas no discurso por uma série de “formações imaginárias que designam o lugar que o destinatador e o destinatário atribuem a si e ao outro”, construindo desse modo o imaginário social (PÊCHEUX, 1997, p. 82).

temas abertos menos perenes e de organização menos rígida e hierárquica (SANTOS, 2005a, p. 43).

As narrativas produzidas na comunidade permitem que a voz da sabedoria popular se manifeste e os sujeitos problematizem rotinas e rituais, desvelando o cotidiano e impregnando de sentido práticas até então não refletidas. E as narrativas construídas na universidade pelos educandos visam articular a subjetividade social e um conhecimento enraizado – e por isso criador – à reflexão teórica e conceitual fomentada dentro da universidade. Entendemos que esse diálogo produza novos conhecimentos ainda não descritos pela academia, pois são articulados a partir de uma experiência vivida singular e constituem a ecologia dos saberes.

Neste projeto interessa particularmente reconhecer que essas narrativas criam uma ponte entre mundos – o mundo da experiência e o mundo do refletir sobre a experiência. Nossa pesquisa se insere no que Santos (2007) denomina como *epistemologia do Sul*. A epistemologia do Sul fala da construção do multiculturalismo emancipatório, ou seja,

na **construção democrática das regras de reconhecimento recíproco**, entre identidades e entre culturas distintas. Este reconhecimento pode resultar em múltiplas formas de partilha – tais como, identidades duais, identidades híbridas, interidentidade e transidentidade – mas todas elas devem orientar-se pela seguinte pauta transidentitária e transcultural: **temos o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza e a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza** (SANTOS, 2005b, p. 75; 2006a, p. 313, grifo meu).

Santos (2007, p. 55) diz que é cada vez mais necessária uma *utopia crítica, que reinvente as possibilidades emancipatórias e avance entre o silêncio e a diferença*. Superar o contato colonizador, reaprender a dizer, fazer o silêncio falar para produzir autonomia e não a reprodução do silenciamento, só é possível por meio da democratização de todos os espaços, ao *substituir relações de poder por relações de autoridade compartilhada e da relação entre o respeito da igualdade e o princípio do reconhecimento da diferença* (SANTOS, 2007, p. 62).

O lado político dessa utopia é a incompletude de propostas políticas e a necessidade de uni-las **sem** uma teoria geral, a partir do procedimento de uma tradução para criar inteligibilidade a partir da argumentação (SANTOS, 2007, p. 99-100). Tais iniciativas estão enraizadas no espírito do lugar, na especificidade dos contextos, dos atores e dos horizontes de vida localmente constituídos. Não falam a linguagem da globalização e nem sequer linguagens globalmente inteligíveis. O que faz delas globa-

lização contra hegemônica é, por um lado, sua proliferação um pouco por toda a parte enquanto respostas locais a pressões globais – o local é produzido globalmente – e, por outro, as articulações translocais que são possíveis estabelecer entre elas ou entre elas e organizações e movimentos transnacionais que partilham ao menos parte dos seus objetivos (SANTOS, 2005b, p. 75).

A opção metodológica pela *cartografia* se justifica porque preferimos deixar que as *narrativas* já estabelecidas contassem essa história. As subjetividades individuais e coletivas adquirem um papel relevante nos *estudos culturais sobre identidades construídas sob a forma de narrativas* (SANTOS, 2005, p. 19). Nos propomos, a partir do método cartográfico, entender que práticas são desveladas e como se organizam esses novos sujeitos epistêmicos e seu lugar de fala. Essa abordagem pressupõe um novo modo de produzir conhecimentos, necessita de uma racionalidade mais ampla, em que se amplia a diversidade epistemológica do mundo ao credibilizar a experiência social e ao reconhecer que existem infinitas formas de descrever, ordenar e classificar o mundo.

A cartografia proposta é relevante para entendermos as dinâmicas e experiências sociais da CoMPaz, ao refletirmos sobre a importância dos saberes e fazeres construídos pelos sujeitos que compõem o Território Kilombola que garantem uma pedagogia para transmissão de seus conhecimentos e seu modo de gerar sustentabilidade. Isso é necessário para a salvaguarda da memória do jeito de ser e de viver da CoMPaz, inspirado no Bem Viver, o *Buen Vivir* que por sua vez é inspirado no *Sumak Kawsay*, de origem *kichwa* e que dialoga com o *teko porã* dos guaranis e na ética da filosofia africana do *ubuntu* “eu sou porque nós somos” que preza “viver em aprendizado e convivência com a natureza” e “se apresenta como uma oportunidade para construir coletivamente uma nova forma de vida” (ACOSTA, 2016, p. 11-14; p. 23).

Ao propormos cartografar e analisar as narrativas produzidas em território kilombola, organizando-as em categorias que possam dialogar com outros saberes e fazeres, buscamos ampliar a espacialidade do aprendizado, porque entendemos que esse território possui uma identidade – com sua história, valores e simbologias – que permite que os sujeitos que ali vivem desenvolvam estratégias relevantes do ponto de vista cognitivo para superar suas dificuldades e garantir sua sustentabilidade, a partir de experiências e tecnologias sociais locais e enraizadas, conectadas em redes de relações. As teorias sobre transformação social atualmente disponíveis não dão conta adequadamente desta novidade, pois os protagonistas destas políticas operam em um contexto político ainda pouco estudado e igualmente relevante para que possa servir como fonte de pesquisa para as gerações

atuais e futuras da comunidade e de outros pesquisadores interessados nessa temática.

No OKARAN ficou claro, desde o início, que alguns dos aspectos fundamentais do kilombo eram as *narrativas* e as *vivências* – entendidas como experiências coletivas que atestam o estar no mundo e a forma como se educam e educam as crianças e jovens na CoMPaz.

As vivências são momentos em que nos possibilitamos experienciar, sentir, perceber, transcendendo padrões lógicos e racionais de pensamento. Podemos então “viver” na mais pura acepção da palavra, sem nos preocupar com conceitos, pré-conceitos ou juízos de valor, sentindo-nos plenos e conectados ao nosso real ser e ao cosmos. As vivências em nosso kilombo caracterizam-se além da subjetividade de percepções que provocam em cada um dos irmãos/irmãs, por terem um forte envolvimento coletivo/comunitário e um componente espiritual predominante. O lugar é a base para as nossas vivências e o conjunto de nossas vivências constitui a nossa história e sustentam a nossa territorialidade (BAOGAN, 2017, p. 9-10).

Podemos então perceber que as vivências na perspectiva da CoMPaz são experiências coletivas que transcendem a realidade exclusivamente material, pois há um componente espiritual que permeia tudo o que acontece (rituais, oficinas, alimentação coletiva, preces práticas). São *experiências sociais do cotidiano, pois as vivências estão imbricadas diretamente dentro dele* (BAOGAN, 2017, p. 13).

Desse modo, foi dentro do kilombo que decidimos o que iríamos pesquisar. Fizemos uma vivência onde participaram desde os mais novos aos mais velhos e todos revelaram aspectos da economia e da pedagogia que eram importantes incluir na pesquisa, também nessa vivência escolhemos as ideias-força que iriam orientar nosso estudo. Essa atividade foi gravada e é a referência a qual retornamos quando queremos retomar os combinados.

Essa pesquisa está sendo construída pela própria comunidade: *nada sobre nós sem nós* é um *ethos* que direciona a pesquisa e traduz um esforço de construir e difundir um saber kilombola singular, com categorias, metodologias, dinâmicas e expressões próprias. No caso do kilombo, utilizamos o *nada sobre nós sem nós* para marcar um território enunciativo no qual o lugar de fala sobre nossa pesquisa sobre e com o kilombo pertence a um kilombola ou a um pesquisador que o kilombo autorizou a falar ou escrever sobre ele. Neste processo interessa particularmente reconhecer que essas

narrativas criam uma ponte entre mundos – o mundo da experiência e o mundo do refletir sobre a experiência.

Este lema, *nada sobre nós sem nós*, emprestado da luta das pessoas com deficiências, alerta para uma prática comum tanto na elaboração das políticas públicas quanto na produção de conhecimento: a ausência ou irrelevância dos sujeitos, vistos como um *outro* que nada tem a dizer sobre a produção das condições de existência de sua própria vida. Essa é uma forma recorrente de violência simbólica e cognitiva, comum aos negros e negras no Brasil. Nosso *ethos* recusa essa visão apequenada e preconceituosa. Com isso declaramos que todo o conhecimento produzido sobre o quilombo seria produzido coletivamente pelos quilombolas e deste lugar de fala – da perspectiva das mulheres negras que conduzem as ações da comunidade – olharíamos para o conjunto de atividades que a Morada realiza, desde sua rotina – que mostram uma forma de viver e ser que se diferencia em muito tanto de outros quilombos quanto do modo capitalista típico que vivemos na cidade – quanto aquilo que chamamos de conhecimentos contextuais – ou seja, construídos a partir de uma experiência social particular ou tecnologias sociais – modos de fazer de certa forma originais que visam a sustentabilidade do território.

A presença do OKARAN na universidade atesta que as linhas divisórias entre *nós* e *eles*, linhas imaginárias que muitas vezes negam o direito à alteridade e à diferença e se recusam a responder ao outro não são naturais, mas uma construção artificial e perversa da nossa sociedade racista, sexista e homofóbica que tenta limitar a presença de vários grupos sociais, silenciando-os. Ao contrário, a mera presença desses negros e negras – que carregam no corpo as marcas das suas crenças e de sua cosmovisão –, denunciam a arbitrariedade e fragilidade de uma academia que muitas vezes sequer consegue acessá-los, que dirá entendê-los.

Na perspectiva adotada, as memórias, os saberes tradicionais, as tecnologias e experiências sociais, retratadas a partir de vivências e narrativas são territórios de pesquisa, campos empíricos férteis para uma cartografia subjetiva que busca relacionar os conhecimentos do passado ao presente e ao futuro, caracterizada por uma narrativa afirmativa que mostra o que a comunidade quilombola possui e sua potência latente.

COMUNIDADE KILOMBOLA MORADA DA PAZ, TERRITÓRIO DE MÃE PRETA

*Deus é uma mulher preta  
E por natureza sei que vou sobreviver  
Deus é uma mulher preta  
Benção minha mãe para lutar e escrever*

*A morte meu país genocida reservou pra mim  
Porém minha alma não é uma semente daqui  
É semente da mente de Deus é de lá de onde eu vim  
Rainhas de ontem e hoje florescem em mim*

*A morte atravessa os sonhos de pretos aqui  
Encaro e grito pro Estado não saio daqui  
Minha mãe me abençoe e dê forças pra eu prosseguir  
Seus olhos d'água refletem a força que moram em mim*

*Jéssica da Silva Gaspar*

Carvalho, Turatti e Schmitt (2002) descrevem a definição clássica de quilombo, que vigorou até meados da década de 1970. Em 1740, reportando-se ao rei de Portugal, o Conselho Ultramarino descreveu da seguinte forma o quilombo: "toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões neles" (CARVALHO; TURATTI; SCHMITT, 2002, p. 2). Nessa descrição há a presença de cinco elementos: "a fuga, uma quantidade mínima de fugitivos, isolamento geográfico, em locais de difícil acesso e mais próximos de uma natureza selvagem que da chamada civilização, moradia habitual, referida no termo rancho, autoconsumo e capacidade de reprodução, simbolizados na imagem do pilão de arroz" (CARVALHO; TURATTI; SCHMITT, 2002, p. 2).

O Decreto 4887/2003 amplia esse entendimento e reconhece que comunidades quilombolas são grupos étnico-raciais segundo critérios de "auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida" (BRASIL, 2003, p. 1). Em 2013, levantamento do governo federal indicava cerca de 214 mil famílias e 1,17 milhões de quilombolas em todo Brasil (BRASIL, 2013). Algumas dessas famílias vivem na Comunidade Kilombola Morada da Paz, Território de Mãe Preta.

A CoMPaz é uma comunidade quilombola espiritual e ecológica, habitada por mulheres e homens negros que migraram da região metropolitana

de Porto Alegre para a área rural do Distrito de Vendinha, no município de Triunfo, no Rio Grande do Sul, com o intuito de viver de um modo sustentável e solidário, em harmonia com o ambiente e com suas tradições ancestrais como caminho para uma melhor qualidade de vida.

Para chegar ao Território, contam que foram orientados por Mãe Preta que disse que encontrariam “duas velhas centenárias” que lhes mostrariam o caminho. Eles levaram algum tempo para perceber que ela se referia a duas poderosas velhas figueiras e não a duas senhoras idosas como imaginaram inicialmente. Quando viram as árvores no Território enfim compreenderam que ali seria sua Morada. Mãe Preta é uma preta velha que acompanha há mais de vinte anos Yashodhan, a *Sangoma*<sup>3</sup>, guia espiritual e guardiã da cosmovisão da Nação Muzunguê<sup>4</sup>, a Yá que guarda e comanda os ritos no terreiro.

Como aquela que guarda o poder da unidade, Yá é mãe de outros tantos, não apenas daquelas que compartilham consigo o sangue, mas de outras e outros filhas e filhos espirituais. Cada vez mais entregue à vida espiritual, busca fortalecer, com seus companheiros de vida e com as entidades que a guiam em busca de um mundo mais digno, a existência da Comunidade Morada da Paz: lugar de acolhimento, de cuidado, de cura, de vivências de saberes e de fortalecimento da vida. Aos seus filhos e filhas, ensina muito. Dentre tanto, o poder que cada um carrega de ser a transformação que queremos ver no mundo (MORADA DA PAZ, 2018).

Mãe Preta é reconhecida como a Yabá<sup>5</sup> ancestral e mãe da comunidade. Seu Sete, um Exu-Rei é o pai da comunidade. Conta Flores, em sua

---

3 Sangoma, na tradição africana, é a pessoa que é chamada para curar e através dela os ancestrais do mundo espiritual podem se manifestar, dar conselhos para curar doenças e desarmonias.

4 O Muzunguê é oriundo do kikongo, cujo significado se aproxima da ideia de acolhimento. É um terreiro de chão batido onde se faz atendimentos espirituais, "assemelham-se às casas de Umbanda, ainda que também não sejam exatamente isso – pois em um mesmo espaço-tempo ritual manifestam-se as entidades do Batuque, do Candomblé e da Umbanda" (FLORES, 2018, p. 108), e tem as "preces práticas e a noção de meditação ativa (...), o não consumo de carne e de álcool, a compreensão de que o corpo é formado por pontos energéticos, os chakras que são atribuídas ao Budismo"(FLORES, 2018, p. 115). No Muzunguê há um trabalho de recuperação dos ritos ancestrais, como, por exemplo, a introdução dos tambores nos rezos ou orins, como chamam os pontos cantados em louvação aos orixás.

5 Yabá é o termo usado no candomblé para as Orixás femininas.

tese de doutorado, fala do encantamento da sua chegada no território ao se deparar com uma *comunidade espiritual feminina kilombola*:

Mulheres negras, moradoras de uma comunidade espiritual rural, onde todas as integrantes são filhas de um Exu e de uma Preta-velha. Mulheres negras que definiram suas práticas espirituais como universalistas, a partir da relação estabelecida entre três matrizes: budismo tibetano mahayana, práticas afro-brasileiras – incluindo Umbanda, Candomblé e Batuque – e xamanismo indígena mbyá-guarani (FLORES, 2018, p. 15).

Afirmamos que Comunidade Kilombola Ecológica Morada da Paz, Território de Mãe Preta é um território negro feminino, pois a grande maioria das moradoras são mulheres que salvaguardam a cultura matricial de seu povo. Elas nos contam nas rodas de conversa que, aos poucos, “os homens foram indo embora” do território e as mulheres permaneceram. Essa característica não é incomum nos relatos de outras mulheres negras onde as famílias se desagregam e os homens deixam as mulheres, geralmente para criar seus filhos sozinhas. O que é incomum nessa narrativa é como essas mulheres subverteram uma memória histórica de discriminação em função de raça, gênero e classe social porque em seu território reconstruíram essa memória a partir das atividades de cuidado que pautam sua organização, suas estratégias educativas e de sustentabilidade comunitárias (LABREA, 2017). Ficar, permanecer no kilombo é resistir e investir na vida comunitária e reinventar um modo de ser e estar no mundo, diferente daquele que o mundo lhe apresentava (FLORES, 2018, p. 142).

O feminino, nesta perspectiva é considerado uma *força* e em uma roda do grupo de pesquisas OKARAN, ao abordarmos esse assunto, sobre “as que ficaram” houve a seguinte reflexão: “a comunidade sempre foi uma força feminina, mesmo quando o número de homens era igual. Sempre se pensou como fazer, como falar, como conviver com mais cuidado, mais afeto, com mais flexibilidade” embora reconheçam que “tem momentos que a energia masculina é importante para a comunidade (...) quando se estabeleceram os princípios norteadores precisou de uma força mais dura, mais inflexível” (FLORES, 2018, p. 169-170).

O masculino e o feminino enquanto *forças* estão presentes nos homens e nas mulheres do Território e que essa presença gera um equilíbrio, embora tanto os homens quanto as mulheres no Território de Mãe Preta tenham escolhido deliberadamente desenvolver seu lado espiritual<sup>6</sup> e co-

---

6 Na CoMPaz, entende-se por espiritualidade a conexão que qualquer ser pode estabelecer com quaisquer forças que participam do cosmos. O conceito de cosmos é o espaço

munitário e priorizar as atividades de cuidado e cura que são identificadas como forças femininas.



Figura 10: Bruxas. Acervo Folayian.

A organização da comunidade é em uma *hierarquia circular*, há diferentes grupos que dialogam: as Yás e o *Baba*, as mais velhas e o mais velho da comunidade, fundadores da comunidade e responsáveis pelas principais decisões; as *Egbomis*, as irmãs mais velhas da comunidade; as *Iaôs*, as iniciadas mais novas. Há também os *Odomodês*, os jovens, os *Omadês*, as crianças e os *pitocos*, que são as crianças de até cinco anos de idade (FLORES, 2018, p. 16). As decisões são tomadas nos *Ipadês*, círculo de diálogos, onde todos, desde os pitocos às Iyás falam e escutam e as entidades protetoras do território indicam caminhos possíveis.

A CoMPaz, explica Baogan (2017), é um lugar constituído por muitas identidades, pois é uma comunidade espiritual, um espaço educativo, um Território Kilombola, um Ponto de Cultura que acolhe pessoas. Todas estas dimensões estão conectadas umas as outras, se interpenetram, constituindo uma comum unidade em princípios e propósito. A CoMPaz acaba sendo

---

por excelência da diferença. Atenta para o fato de que há inúmeros povos e seres que o habitam – incluindo ar, sol, árvore, cachorro, homens brancos, mulheres negras, eguns, divindades e outros tantos possíveis de nomear em suas diferenças, outros que não se sabe nomear e outros, ainda, que nem ao menos se sabe da existência. A espiritualidade possibilita que essa heterogeneidade possa se comunicar, através do que é chamado de mediunidade. Essa, por sua vez, pode ser realizada de muitas formas, por conversas, visões, sonhos, sensações, incorporações, intuições, criações, entre outras tantas (FLORES, 2018, p. 174).

também um lugar de passagem, pois assim como há os que vêm, criam vínculos e desenvolvem raízes, há aqueles que se relacionam com o seu universo de uma forma transitória, ou seja, cumprem um tempo que em geral não é preestabelecido e depois seguem o seu caminho.

Os moradores e moradoras do kilombo, ao longo do tempo, lutaram para tornar o território um espaço no qual as tradições, a religiosidade e a ancestralidade fossem a base de suas práticas no qual o “bem viver coletivo busca respeitar o direito intrínseco de como cada sujeito se coloca no Kilombo” (YASHODHAN; KIEKOW, 2017, p. 18). Na CoMPaz construíram uma leitura holística de vida e de mundo que contempla aspectos materiais e imateriais que permitem uma vivência da espiritualidade e da vida comunitária como processo de afirmação da possibilidade de outras formas de existir e resistir e “imaginar outros mundos”, nos termos de Acosta (2016).

## EKONOMIA AFETIVA

*A espiritualidade é um caminho sem volta  
Morada da Paz*

Na CoMPaz as estratégias de sustentabilidade também passam pelo coletivo e cada um oferece o que pode em termos de dinheiro – há uns poucos que trabalham fora do Território e todos trabalham muito dentro da CoMPaz – e o recurso financeiro é utilizado de forma coletiva e nos *ipadês de ecogestão* decidem como irão gastar, dando prioridade para as demandas coletivas e, na medida em que é possível, atendem as demandas individuais. Os recursos que entram provenientes de salários, projetos, doações ou prestação de serviços, são canalizados para o caixa comunitário e a partir daí conforme os encaminhamentos da área de Planejamento e Gestão são alocados para suprir as várias necessidades existentes. Não há salários para os moradores, mas ninguém fica desassistido quanto às suas necessidades básicas (alimentação, vestuário, transporte, educação, moradia). Todas as entradas e saídas de caixa são dialogadas e planejadas, pois na CoMPaz tudo está interconectado, isto é, a vida de um é a vida de todos e todas. Esses elementos compõem o que chamamos *ekonomia afetiva*, que condensa as estratégias de sustentabilidade da CoMPaz.

Um aspecto marcante da *ekonomia afetiva* diz respeito ao seu caráter empreendedor que motiva a alocação de *recursos* como mão de obra, tempo, habilidades na construção de soluções criativas para gerar trabalho e renda em benefício de toda a comunidade. Os *recursos* extrapolam o di-

nheiro, é o tempo, a força de trabalho, os diferentes níveis de conhecimentos, os interesses são também contribuições que cada morador oferece, a partir das suas condições de existência.



Figura 11: Pão de Quê! CoMPaz. Acervo CoMPaz.

Para a comunidade tudo pode ser recurso: o tempo e a presença, os braços disponíveis para auxiliar no plantio ou na construção de estruturas dentro do território, pessoas dispostas a cuidar das crianças, a cozinhar, a tecer relações com outros coletivos externos, todo trabalho e dedicação de tempo dados à comunidade são percebidos como recursos. O que chamam espiritualidade, e suas muitas ferramentas, fornece recursos de cura, de cuidado, de “manutenção energética”. A natureza oferece recursos, de cura, de alimento e nutrição, de moradia. As doações de comida, de roupa (a partir da qual a comunidade seleciona o que deseja para si e o restante alimenta o brechó que realizam), de materiais de construção ou outros. Materiais reciclados podem ser recursos de artesanato, assim como retalhos de tecidos. O dinheiro, portanto, não é concebido como o único recurso. Ao contrário, é tomado como um entre tantas possibilidades (FLORES, 2018, p. 217).

Na busca pelo bem viver seus doze moradores adultos – três homens e nove mulheres – aos poucos foram deixando seus empregos na cidade, seguindo a orientação de Mãe Preta, e se dedicaram a transformar a Morada em um espaço do qual tiram seu sustento por meio de vários projetos ali desenvolvidos – tem hortas de verduras, legumes, chás e temperos, pomar de frutíferas, tudo orgânico ao lado de matas nativas. As mulheres e jovens

confeccionam bolsas e acessórios, oferecem pães e produtos alimentícios em feiras e em um Café situado na universidade. Suas crianças – três meninos e cinco meninas, entre dois e catorze anos – e seus jovens – um homem e uma mulher, ambos na idade de dezessete anos, participam de todo processo, acompanhando seus pais e parentes no horário em que não estão na escola.



Figura 12: Mãos que unem. Acervo Folleyian.

Toda a comunidade optou por seguir a orientação de Mãe Preta e se organizar para viver *de projetos, e dedicar a vida às ações em que se acredita. Ações que atuam na mudança que queremos ver no mundo* (FLORES, 2018, p. 219) e a partir daí desenvolveram várias estratégias que passam pela agricultura, pelas atividades de ensino, cura e cuidado, por participar de editais públicos, por chás e almoços comunitários, pela produção e venda de produtos alimentícios e acessórios, por doações e campanhas. O conjunto de estratégias de sustentabilidade da CoMPaz são denominadas *ekonomia afetiva*, atividades de cuidado que buscam garantir a sustentabilidade financeira dos moradores.

Atualmente a CoMPaz desenvolve projetos por meio do Instituto CoMPaz que surge em 2015 para dar sustentação ao que Mãe Preta havia orientado: *viver de projetos*, possibilitar os oferecimentos de cursos de formação e a participação da CoMPaz em feiras e outros eventos. *Mais do que isso, seria uma forma de aliar os diferentes desejos de desenvolverem ações que lhes fossem prazerosas, atuantes na criação de um mundo que*

*se deseja e, ao mesmo tempo, fornecessem as bases materiais para suas vidas* (FLORES, 2018, p. 222).

Das ações que visam a sustentabilidade do território, destacamos: *Apoiwa*<sup>7</sup> CoMPaz é o braço empreendedor comunitário, presente nas feiras dentro e fora do território CoMPaz, onde são oferecidos produtos artesanais do quilombolas feiras que a CoMPaz promove ou participa, onde produtos artesanais confeccionados são oferecidos (sacolas, bolsas, jogos), assim como produtos gastronômicos (flocadas, pães, cucas) e mesmo produtos manufaturados com a marca CoMPaz (ímãs de geladeiras, camisas, postais). Na perspectiva da CoMPaz, essas atividades são *trabalho de verdade* pois estão atreladas à sua espiritualidade e torna possível desencadear processos criativos que possibilitam um bem viver de matriz comunitária no qual apostam em um futuro diferente, em um quilombo que irá “durar dez mil anos”, como bem prediz Mãe Preta.



Figura 13: Temperos da Horta de Todos Nós CoMPaz. Acervo CoMPaz.

Segundo BaOgan, o que garante a sustentabilidade da economia afetiva no Território Kilombola CoMPaz é um processo eco-espiritual que foi passado pelo Baba Afra: *se todos souberem comer juntos na mesma cum-buca, então todos terão aprendido o verdadeiro significado da humildade e da simplicidade*. É possível afirmar que essa assertiva sintetiza e expressa

<sup>7</sup> Apoiwá é um termo em iorubá que significa saco de criação.

com clareza o significado da economia afetiva na cosmovisão da Nação Muzunguê.

## PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO

*Há portas que só se abrem pelo lado de dentro  
Mãe Preta*

Uma característica importante dos adultos que ali vivem é seu alto grau de escolarização – a grande maioria têm graduação e pós-graduação e continuam estudando – e a valorização da educação, não como um mero instrumento de ascensão social ou para se encaixar nos valores defendidos pelo capitalismo e globalização hegemônica, mas como uma forma de acesso ao conhecimento acumulado pela humanidade e direito à memória e história. A educação formal, segundo essa lógica, abre portas que tornam possível o acesso a tecnologias e experiências sociais que podem ajudar na qualidade de vida no kilombo e se contrapor aos ataques de fundamentalistas e à criminalização dos terreiros e quilombos.

Para além dessa educação formal, defendem um projeto de escola intercultural, pautada na diversidade e nos direitos dos homens, mulheres e crianças e para isso batalham por uma educação do campo kilombola, que ofereça alternativas credíveis para permanecerem e fortalecerem a comunidade. Como sabem que o nome tem poder, chamam de Pedagogia do Encantamento as práticas educativas que desenvolvem na CoMPaz.

Ela se expressa nos processos de *Desformação* onde estudam e praticam a mediunidade mensalmente. *Mas entende-se também a desformação como um processo a partir do qual todo sujeito passa na medida em que aceita viver a espiritualidade nos termos propostos pela Morada da Paz. (...) Desformar é, como Mãe Preta diz, tirar da forma em que fomos formatados, ou aprender a desaprender o modo como fomos ensinados* (FLORES, 2018, p. 229).

Há também os *Encontros Dialógicos*, espaços de partilhas com a rede escolar e demais interessados em dialogar sobre uma visão de educação integral e humanizada que é guiada pela cosmovisão *afrobudígena* da CoMPaz. Os encontros ocorrem uma vez por mês, iniciando em junho e finalizando em novembro. Cada encontro tem uma temática específica que dialoga com os saberes e fazeres da comunidade (YAMORÔ; OPÁ TENONDÉ, 2018).

O ponto de cultura da infância Odomodê desenvolve várias atividades que envolvem a etnoludicidade que é um termo que Yamorô, uma das Yás, utiliza para designar as brincadeiras tradicionais que vem sendo pes-

quisadas junto aos mais velhos e às mais velhas dos povos e comunidades tradicionais e que falam dessas brincadeiras tradicionais que aparecem em várias tradições e temporalidades. O brincar educa e ensina a história e a cultura dos povos africanos e afro-brasileiros.

Todos os jovens e as crianças do Território frequentam a escola regular, fora da CoMPaz, têm bom rendimento escolar e os jovens se preparam para o vestibular em universidades públicas. As crianças e jovens que cursam o ensino fundamental têm que caminhar muito para chegar à escola porque não há transporte público disponível e os jovens que cursam o ensino médio tem que ir até Porto Alegre para poderem cursar a escola pública.

As crianças pequenas – entre dois e quatro anos – que ainda não frequentam a educação infantil participam de atividades educativas no kilombo, antecipando as vivências de desformação na CoMKola, a Escola Comunitária Kilombola *Epè Layié* – que significa *terra viva*, gestada desde 2013 e que está em vias de se concretizar: os trâmites burocráticos para sua implementação estão sendo organizados, seu projeto político pedagógico sendo elaborado e o local já viabilizado.



Figura 14: Omorodê CoMPaz. Acervo CoMPaz.

A CoMKola surge da necessidade de uma educação biocêntrica, intercultural, baseada na diversidade, na cooperação e nos direitos humanos, que contemple a história e a tradição dos povos africanos que compõem a população brasileira porque apesar de previsto na legislação – Lei 10639/03, as escolas públicas raramente incluem em seu currículo disciplinas de história e cultura africana e afro-brasileira. A ideia é que os mais novos possam ser alfabetizados já na escola kilombola e ter acesso a uma educação que valorize sua história e cultura.

Sem abrir mão da sua história, tradições e religiosidade, vemos que no Território de Mãe Preta os mais novos produzem várias manifestações culturais contemporâneas, como poesias e músicas, nas quais traduzem esteticamente a violência simbólica que sofrem em cada episódio de preconceito racial ou de gênero que vivenciam fora do território. Uma música do Coletivo Maracatu Semente de Baobá, formado pelos jovens moradores e moradoras do kilombo, descreve as situações de preconceito e arbitrariedades que os jovens kilombolas estão sujeitos:



Figura 15: Odomodê CoMPaz. Acervo CoMPaz.

*É, quando eu vou no mercado  
Vejo o segurança me seguindo, todo espiado. (...)  
Na madrugada todo mundo voltando do fervo  
E mesmo assim, a polícia para o negro.  
Muitas vezes são de bem, estavam só na curtição  
Mas para eles temos mesmo é cara de ladrão. (...)  
Ai eu me deparo com a situação:  
A polícia gritando e eu deitado no chão.  
Não importa quantas vezes eu paro e pense  
Nunca parece ter um motivo convincente.*

*Ayan (2017)*

Não obstante todas as dificuldades, todos moradores da CoMPaz veem na educação uma possibilidade de qualificar sua presença no Território e lutam por uma escola enraizada, dialógica, que propõe um projeto humanizado e humanizador, de cunho emancipatório, construído a partir do

diálogo que as Yás e o Babá mantêm com a universidade e o conhecimento formal e as orientações de Mãe Preta, Seu Sete e os Orixás que frequentam o território e os educam para reafirmar seu modo de ser e viver kilombola, ancorado na espiritualidade onde o passado é honrado e valorizado porque contém e perpetua a experiência social dos mais velhos e dos ancestrais a partir das narrativas e vivências.

O conjunto das atividades desenvolvidas pela CoMPaz, aqui rapidamente descritas, sugere que várias tecnologias e experiências sociais são desenvolvidas dentro da comunidade e suas narrativas são importantes fontes de pesquisa. O kilombo, seu terreiro e diferentes territorialidades têm suas regras, uma ética e uma estética: produzem cultura, tem uma economia que garante sua sustentabilidade e simbologia.

Essas práticas, em nossa leitura, indicam um futuro de possibilidades já existentes, “plurais e concretas, simultaneamente utópicas e realistas, concretizadas através das atividades de cuidado” (SANTOS, 2006a ou b?, p. 116). Dialogam com um saber tradicional, matricial, crítico e autocrítico, contextual que permite gestar projetos produtivos de caráter autossustentáveis e emancipatórios que buscam transformar e transcender a realidade. O Kilombo realiza um trabalho de recuperação da sabedoria ancestral africana e afro-brasileira, que relacionamos com a ideia de Bem Viver que é um “processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a Natureza” (ACOSTA, 2016, p. 24). Este autor sustenta que os indígenas – e nós acrescentamos os kilombolas e demais povos tradicionais – não são pré-modernos nem atrasados.

Seus valores, experiências e práticas sintetizam uma civilização viva, que demonstrou capacidade para enfrentar a Modernidade colonial. Com suas propostas, imaginam um futuro distinto que já alimenta os debates globais. O Bem Viver faz um primeiro esforço para compilar os principais conceitos, algumas experiências e, sobretudo, determinadas práticas existentes nos Andes e na Amazônia, assim como em outros lugares do planeta (ACOSTA, 2016, p. 24).

Neste artigo apresentamos uma cartografia possível de uma pesquisa ainda em curso, que vem ao encontro da percepção da comunidade, da necessidade de sistematizar toda uma gama de saberes ameadados para qualificar e prosseguir a sua missão de transformação civilizatória. Nesse sentido, entendemos que este estudo se insere no conjunto de uma série de propostas oriundas de diferentes culturas que buscam bem conviver em comunidade e com a natureza, revelando as potencialidades, as contribuições, as articulações, as novas configurações, os alcances, os desafios, os

limites e as tensões que a produção de um conhecimento crítico sobre o quilombo, com o quilombo, do quilombo pode visibilizar.

## REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. *O bem viver; uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Editora Elefante, 2016.
- ACSELRAD, Henri (org.). *Cartografias sociais e território*. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRGS, 2008.
- ALMEIDA, A. W. Os quilombos e as novas etnias In: LEIT O (org.) *Direitos Territoriais das Comunidades Negras Rurais*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1999.
- AYIAN. *Pare e pense*. Triunfo, Música, 2017.
- BAOGAN. *Lugar, vivências e territorialidade quilombola: um ensaio sobre a Comunidade Morada da Paz*. Porto Alegre, Coletivo de Pesquisadoras e Pesquisadores Kilombolas OKARAN/FACED/UFRGS, 2017.
- BRASIL. *Decreto no. 4887, de 20 de novembro de 2003*. Diário Oficial, Brasília, DF, 2003.
- BRASIL. *Guia de políticas públicas para Comunidades Quilombolas – Programa Brasil Quilombola*. Brasília: SEPPIR, 2013.
- CARVALHO, M. C. P; TURATTI, M. C. M.; SCHMITT, A. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. *Ambiente e Sociedade*, ano 5, n. 10, 1º semestre 2002.
- CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- FLORES, Luiza Dias. *Ocupar: composições e resistências quilombolas*. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia) – Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo, ESCOSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção da subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCOSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: a experiência da e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina, 2016.

- KIEKOW, Pedro E. *Epé Layiè (Terra Viva)*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, FAGED/EduCampo, 2017.
- LABREA, Valéria Viana. *Cartografias de memória social, tecnologias sociais e produção de conhecimento contextual na Educação do Campo*. Projeto de Pesquisa e Extensão Universitária. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 2017.
- LABREA, Valéria Viana, YASHODHAN, BAOGAN, FOLAYIAN, YAMORO, YABACE, OPA TENODE, KIEKOW, Pedro, Eduardo. *Pedagogia do encantamento e economia do afeto: cartografia subjetiva em território feminino kilombola*. Porto Alegre, Faced/UFRGS, 2017 (Projeto de Pesquisa OKARAN).
- LABREA, Valéria Viana; KIEKOW, Pedro Eduardo; DORNELLES, Denise Freitas. Cartografia subjetiva em território feminino kilombola: em busca da utopia do bem viver. *Cadernos do Lepaarq*, v. 16, n. 31, p. 107-120, Jan.-Jun. 2019.
- MORADA DA PAZ. *Quando foi que você se tornou Yashodhan?* Depoimento colhido por ocasião do Edital no. 01, de 26/04/2018, Culturas Populares: Edição Selma do Coco, categoria mestres e mestras, pessoa física, concedido a Yashodhan.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. São Paulo: Pontes, 1997.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala*. Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- SANTOS, Boaventura de Sousa *Conhecimento prudente para uma vida decente*. Um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2004.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005a.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2005b.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006a.

- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2006b.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Bomtempo, 2007.
- SEMENTE DE BAOBÁ. *Negra Essência*. Música, 2017.
- TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- YASHODHAN; KIEKOW, Pedro E. *Inventário em Comunidade Kilombola Morada da Paz Território de Mãe Preta*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, FAGED/EduCampo, 2017.
- YABACÊ; YASHODHAN. *Contando história para resistir no Kilombo de Mãe Preta*. Porto Alegre: Coletivo de Pesquisadoras e Pesquisadores Kilombolas OKARAN/FAGED/UFRGS, 2017.
- YAMORO; OPÁ TENONDÉ. *Encontros Dialógicos de uma escola Comkola Kilombola Epè Layié*. Porto Alegre: Coletivo de Pesquisadoras e Pesquisadores Kilombolas OKARAN/FAGED/UFRGS, 2018.

## "A MORADA É UMA CURANDEIRA": O FEMININO ENQUANTO FORÇA



Figura 16: Deusas feito N'ós. Acervo CoMPaz.

Apresento aqui parte do material de minha tese de doutorado<sup>1</sup> em desenvolvimento, uma etnografia junto à Comunidade *kilombola*<sup>2</sup> Morada da Paz, formada majoritariamente por mulheres negras. O argumento que desenvolvo pauta-se por uma provocação ao pensamento produzida por algumas feministas descoloniais (LUGONES, 2008; 2011; OYERÚMÍ, 2017) que compreendem os sistemas de gênero, e sexo, como imposições oriundas do processo colonial. Aproximo-me de Oyerùmí (2017) quando argumenta que seria possível romper com uma percepção universalista e totalizadora do gênero, sistema de poder e de hierarquização de caracte-

1 Texto originariamente publicado em: FLORES, Luiza Dias. A Morada é uma curandeira: o feminino enquanto força. *Campos (UFPR)*, v. 19, p. 37, 2018.

2 Afirmam-se kilombolas e não quilombolas, como um modo de recuperar o sentido dado ao termo na língua banto, como fortaleza, união. Utilizam-se deste termo também como uma contraposição às designações do Estado, como chamam “a língua do colonizador”, afirmando-se sobreviventes e não “reminiscentes de antigos escravos”.

rísticas socialmente atribuídas, como uma categoria de análise para a compreensão de toda e qualquer cultura e povo.

A autora desenvolve seu trabalho com a cultura iorubá na Nigéria e defende a tese de que não existia relações de gênero antes da chegada do poder colonial e que foi a presença forçada e violenta dos colonizadores em terras iorubanas que inventou mulheres e homens. Mas atenta para uma dimensão ainda mais complexa que é, sobretudo, da produção de conhecimento. Não nega a relevância do gênero nas produções de conhecimento, principalmente em detrimento do encontro colonial, mas questiona sua utilização enquanto um artefato analítico universal, a partir daqueles com os quais trabalhou e que se pensavam a si próprios através de outros meios. Por isso, inscreve o debate de gênero em uma história dos discursos, entendendo sua suposta universalidade também como uma forma colonialista oriunda do feminismo branco, e questiona qual outra “cartografia social” se apresentava entre o povo Oyó-iorubá.

O ponto central, me parece, é que, para ela, o Ocidente produz e reproduz o sistema de gênero, que estabelece uma relação substancializada com as definições corporificadas a partir de preceitos biológicos, ainda que deseje romper com o sexo. Segundo ela, as diferenças sexuais não derivam características socialmente atribuídas e hierarquicamente organizadas, pois o corpo generificado não era a base dos papéis sociais, nem o fundamento da identidade. As relações de hierarquia que se manifestavam na cultura iorubá eram de senioridade e não de gênero, o que fazia com que as relações mudassem radicalmente de acordo com quem se interagia – se mais novo ou mais velho –, assim como a posição do próprio sujeito alterava ao longo do tempo, muito além da polaridade homem e mulher que ela atribui um valor estático frente à variação etária.

Ela nos diz ainda que a organização social do mundo a partir de preceitos biológicos e essencialistas é uma questão do ocidente, assim como o outro lado desta mesma moeda, ou seja, a necessária denúncia dessa organização que o conceito de gênero engendra e provoca. Em momento algum rechaça a importância deste conceito, que percebe como fundamental para compreender e denunciar as investidas coloniais. Porém, questiona sua universalidade e deixa uma provocação ao final de seu livro às pesquisadoras e pesquisadores da cultura iorubá, mas que, acredito, pode ter maior extensão:

Perguntas como “por que se vitimiza ou subordina as mulheres?” ou “qual é a divisão sexual do trabalho?” não são perguntas de primeira ordem em relação à terra Iorubá, porque ambas pressupõem o gênero. Algumas perguntas básicas para alguém que tiver interesse na análise da organização social, poderia ser “qual é a concepção iorubá da diferença? O corpo se utiliza como evidência nesta concepção?”. Um investigador ou

investigadora com curiosidade sobre a diferença e a hierarquia poderia perguntar “o que constitui uma diferença na terra yorubá?” (OYERÛMÍ, 2017, p, 288-289, tradução minha)

O questionamento da autora sobre a relevância do gênero como um artefato analítico universal me fez pensar, também, em que medida outras formas de experiência, sentido e diferença são produzidas com os próprios termos *feminino*<sup>3</sup> e *masculino*, muito além do modo como o pensamento ocidental, sobretudo o feminismo branco, o concebe através do sistema de gênero e sexo. Acredito que a Morada da Paz nos apresenta outras relações.

### AS QUE FICARAM

Assim que a conheci, definia-se como *comunidade kilombola feminina sustentável e espiritual* Morada da Paz. Situada no interior do Rio Grande do Sul, na zona rural, a 60 km da capital gaúcha, é formada majoritariamente por mulheres negras e seus filhos e filhas. Dedicar-se sobretudo a viver a *espiritualidade*, que na comunidade é chamada de *afrobudígena*, pois trata-se da articulação de três matrizes centrais, a saber, o budismo tibetano mahayana, as religiões de matriz africana e o xamanismo m'byá-guarani. Todas e todos os moradores do território consideram-se filhas e filhos de uma preta velha, a Mãe Preta, também chamada de *Yabá ancestral*, e de um exu, Exu-Rei, também chamado de Seu Sete.



Figura 17: Somos Lindas. Acervo CoMpz.

3 Aproveito para trazer informações sobre as convenções gráficas adotadas no texto. A pedido das mais velhas da comunidade, todos os nomes serão abreviados. Os termos, expressões e frases elaboradas pela comunidade estarão em itálico, com frases longas postas entre aspas duplas. Conceitos e frases citadas de autores serão postas somente entre aspas duplas. Expressões que eu desejo enfatizar estarão em aspas simples.

São estas *entidades*, sobretudo, mas não unicamente, que guiam a comunidade e todas e todos aqueles que dela participam e manifestam-se através dos processos de *incorporação* em Ys., *Yá* da comunidade. A comunidade é formada por diferentes grupos de acordo com o tempo de dedicação à vida espiritual. Há as *Yás* e *Bàbá*, as mães e pai da comunidade e fundadores, que são quatro mulheres e um homem; três *egbomis*, as irmãs mais velhas; as e os *iaôs*, novas iniciadas e iniciados que atualmente são oito. Além destes, há os *omadês* (crianças), os *odomodês* (adolescentes) e os *pitocos* (crianças de até cinco anos). Todos moram na comunidade.

El., também *Ya*, ao relatar como a Morada da Paz começou, disse que não se consideram feministas e nunca se propuseram ser uma comunidade formada majoritariamente por mulheres. Ao contrário, inicialmente havia um número equilibrado de homens e mulheres. Também não se propuseram a ser uma comunidade negra, *por ideologia*, ainda que a maior parte dos integrantes desde sempre fossem negros. O que as constitui enquanto coletivo é sobretudo o que chamam *espiritualidade*, desde o início da comunidade em 2001, e até mesmo antes disso, quando em 1998 iniciaram o Grupo Cosmos<sup>4</sup>. Porém, ainda que iniciada de forma mais equilibrada no que consiste a gênero, são elas, mulheres negras, *as que ficaram*. Esta expressão funciona como um “ritornelo”<sup>5</sup> na narrativa das mais velhas. Em

4 O grupo Cosmos foi fundado por Ys. e outras pessoas. As fundadoras da Comunidade da Paz também participavam do grupo Cosmos, criado em 1998, e foi através dele que a Morada da Paz se originou. Tratava-se de um grupo de estudo sobre a mediunidade situada em Porto Alegre.

5 “O ritornelo merece duas vezes seu nome: em primeiro lugar, como traçado que retorna sobre si, se retoma, se repete; depois, como circularidade dos três dinamismos (procurar um território para si = procurar alcançá-lo). Assim, todo começo já é um retorno, mas implica sempre uma distância, uma diferença: a reterritorialização, correlato da desterritorialização, nunca é um retorno ao mesmo. Não há chegada, nunca há senão um retorno, mas regressar é pensado numa relação avesso-direito, recto-verso com partir, e é ao mesmo tempo que se parte e se regressa. Por conseguinte, há duas maneiras distintas de partir regressar, e de infinitizar esse par: a errância do exílio e o apelo do sem-fundo, ou então o deslocamento nômade e o apelo do fora (a terra natal sendo apenas um fora ambíguo: MP, 401). São duas formas de distanciamento de si: dilaceramento do si ao qual não se cessa de retornar como a um estrangeiro, uma vez que ele está perdido (relação do Exilado com o Natal, incluído no 2º tempo da primeira tríade); extirpação de si ao qual só se regressa como estrangeiro, desconhecível ou tornado imperceptível (relação do Nômade com o Cosmo, 3º tempo da segunda tríade)” (ZOURABICHIVILI, 2004, p. 51). Uso o conceito de ritornelo da obra de Deleuze e Guattari da forma menos comprometida possível. O que me agrada na elaboração desse conceito é a ideia de um retorno possível de ser estabelecido e que, contudo, nunca é o mesmo. Penso que a afirmação “somos as que ficaram”, em todas as narrativas elaboradas pelas Yas funcionam como um ritornelo, um retorno a uma condição compartilhada que é bastante frágil, pois, como sempre nos dizem, os questionamentos e as reflexões sobre suas escolhas de vida estão

todos os momentos em que são convidadas a falarem de si, contam que em um dado momento, cujo marco temporal é 2005, “*nos demos conta de que somos as que ficaram*”.

Narrar-se assim funciona como um ato conclusivo de um percurso feito – um dar-se conta de como são e onde estão –, mas também como um ponto inicial de um percurso a ser realizado – uma percepção do que se pode fazer a partir disso. Ser “*as que ficaram*” é para onde voltam-se constantemente e cada retorno realizado impulsiona a produção de novos percursos criativos na construção coletiva da Morada da Paz. Destaco aqui a conquista da certificação de autorreconhecimento como comunidade quilombola obtida pela Fundação Cultural Palmares em 2016 e a constatação de que a Morada é uma comunidade *feminina* que atua como uma *curandeira*.

Fato é que essa narrativa, *as que ficaram*, não é incomum no relato de mulheres negras, fruto do abandono de seus cônjuges e dos preterimentos que sofrem em uma sociedade racista (Pacheco 2013; Souza 2008). Porém, as mais velhas não inscrevem sua constatação e reflexão na lógica do ‘abandono’<sup>6</sup>. Quando narram suas histórias, “*somos as que ficaram*” emerge como constatação de resistência<sup>7</sup>, pois foram aquelas que permaneceram nos *propósitos espirituais*. Levando isso em consideração, pretendo aqui desenvolver como emerge a partir destas mulheres uma teoria singular do que é o *feminino*, que configura um modo de atuar no mundo.

## O FEMININO E O MASCULINO

Estávamos na cozinha, em diferentes funções de organização do espaço. Iniciamos uma conversa, em meio a risadas provocadas pela observação das crianças na mesa que se divertiam com os alimentos. Falávamos sobre educação familiar, os papéis das figuras maternas e paternas na educação da criança e adentramos, por fim, a uma longa conversa sobre o que seria a *energia* (ou *força*) *do feminino e do masculino*. O *feminino* e

---

sempre presentes. Dizer-se a que ficou é, de alguma forma, afirmar essa posição que não é permanente, nem estática, mas uma escolha. É reconstruir os termos da sua permanência. Dessa forma, é um retorno a um território que é sempre retraçado, ou seja, um novo território.

6 Os homens que saíram da comunidade assim o fizeram por diferentes motivos e, apesar das diferenças, as falas recorrentes sobre suas saídas são “*não souberam lidar com a vida em comunidade*” e “*não souberam lidar com as autoridades femininas*”.

7 Entendo resistência não como uma oposição crítica ou reação a um poder instituído, mas como atos de criação de outras formas de existência.

o *masculino* são compreendidos na comunidade como *energias* ou *forças* que constituem todos os sujeitos, independente de sexo ou gênero. A busca constante é pelo equilíbrio dessas *forças* e uma grande constatação coletiva é de que há um profundo desequilíbrio dessas *energias* no mundo. Assim que eu iniciei minha relação com a Morada da Paz, Ys., *Ya* da comunidade, me apresentou todos os integrantes. Bg., Bábá e único homem entre as mais velhas, me foi apresentado como “*o homem mais feminino que existe*”. Isso, é importante dizer, nada tem a ver com sexualidade ou com qualquer performatividade específica – possíveis atos, ações, comportamentos associados à feminilidade.



Figura 18: Aprendendo com as preces práticas. Acervo CoMPaz.

O *feminino* e o *masculino* em questão têm a ver com uma percepção de complementariedade, e o esforço é para que essas *forças* sejam equilibradas. São também designadas através dos Orixás, pois como disseram, “*os Orixás também são femininos e masculinos*”<sup>8</sup>. Nessa conversa que tivemos na cozinha, estavam Yb., também *Ya* da comunidade, Tj., Or., Bm. e eu. Or. sendo o único homem da conversa. Tj. me explicou que o *masculino* é mais vinculado ao poder de ação, à força física e o *feminino* mais

8 As entidades com as quais a Morada da Paz trabalha são, majoritariamente, oriundas do Panteão Africano. Contudo, há também outras que se manifestam: entidades do espaço, também conhecidos como extraterrestres, os elementares, que habitam os elementos da natureza – fogo, terra, água e ar –, almas santas, mestres ascensionais e ascensionados, entre outros. Há o caso, no panteão africano, de Oxumaré, que se apresenta como metade homem e metade mulher, mas essa entidade nunca vi se manifestar na comunidade.

vinculado à intuição, acolhida e cuidado. Bm. complementa, dizendo que também há o cuidado no *masculino*, ainda que seja de outra forma. Contudo, a delicadeza, a atenção aos detalhes, seriam características do *feminino*.

Questionei se existe alguma relação entre a *força* do *feminino* e mulheres e a *força* do *masculino* e homens. Tj. comenta que entende a mulher como uma espécie de ‘materialização’ da *força* do *feminino* e o homem como a ‘materialização’ da *força* do *masculino*. Por isso, diz ela, a Morada desenvolve o *trabalho dos homens* e o *trabalho das mulheres*, para que possam se alinhar respectivamente com a *energia* do *masculino* e do *feminino*. Mas logo Yb., casada com Bg, complementa: “É gente, e tem momentos que a gente que é mulher tem mais a *força* do *masculino* que do *feminino*. A gente pode perceber isso nas nossas relações de casal”. Ou seja, as relações entre *força* e gênero – enquanto características socialmente atribuídas – existem, mas são sempre parciais<sup>9</sup>.

“O masculino é o poder ativo e o feminino é o poder passivo e não é que um seja melhor que o outro, ao contrário, o equilíbrio dos dois que é importante”, relembra Or.. “O masculino é a *força* do caçador, que vai trazer a caça pra sua família”, “é a *força* de Ogum que é guerreiro e que vai desbravar”, já “o feminino tem a ver com zelo, como o cuidado das mães das águas”, dizem as demais. Mas existe Oyá que é um orixá feminino da guerra, digo. Todas concordam e Yb., como um modo de diferenciar Oyá dos demais “Orixás de frente”, que são os Orixás guerreiros, salienta: “mas pode ver, ela usa da sensualidade na guerra, por isso que dança assim” – e mostra-me com seu corpo o modo como Oyá dança. O que dá a entender, portanto, que a sensualidade é um dos atributos do feminino e uma arma de Oyá.

Porém, mesmo que em um primeiro momento o *feminino* seja vinculado a ideia de cuidado, cura e acolhimento e o *masculino* a ideia de desbravamento, ação e enfrentamento, é interessante perceber, a partir do panteão africano trabalhado na comunidade, que os termos se embaralham e se complexificam, em que as relações binárias mostram-se profundamen-

---

9 As múltiplas imagens por onde o feminino e o masculino se apresentam são formas, são códigos através do qual a Morada habilmente mobiliza forças, tal como o faz o artista plástico, nas palavras de Deleuze e Guattari (1997, p. 134): “Cada forma é como o código de um meio, e a passagem de uma forma a outra é uma verdadeira transcodificação. Mesmo as estações são meios. Há aí duas operações coexistentes, uma através da qual a forma se diferencia de acordo com distinções binárias, outra através da qual as partes substanciais enfermadas, os meios ou estações, entram numa ordem de sucessão que pode ser a mesma nos dois sentidos. Mas, sob essas operações, o artista plástico arrisca uma aventura extrema, perigosa. Ele ventila os meios, separa-os, harmoniza-os, regula suas misturas, passa de um a outro. O que ele afronta assim é o caos, as forças do caos, as forças de uma matéria bruta indomada, às quais as Formas devem impor-se para fazer substâncias, os Códigos, para fazer meios. Prodigiosa agilidade”.

te múltiplas. É verdade que as *entidades* são associadas a essas respectivas ações no mundo. Mas se analisarmos o modo como elas fazem-se presentes ou são acionadas no cotidiano da comunidade, podemos perceber que existem três campos de atuação centrais que constituem ambas as *forças* – eu designo como a guerra, o acolhimento e a limpeza/sexualidade.

No âmbito do *feminino*, as entidades guerreiras são Obá, Oyá, Cabocla Jurema – ainda que haja também algumas Oxuns e Yemanjás –, no âmbito *masculino* – Ogum, Xangô, uma série de caboclos e também Oxaguã. As mães d'água – Oxum, Nanã e Iemanjá – e as pretas-velhas estariam mais associadas ao cuidado e ao acolhimento, assim como os pretos-velhos e Oxalá. As Pombas-giras e Exus são as entidades acionadas em qualquer situação que demande limpeza, principalmente no início – e às vezes ao final – de ritos realizados. Contudo, no quesito sexualidade são as Pombas-giras as *entidades* acionadas, tanto para trabalhar com mulheres, quanto com homens. Sei que é preciso ter cuidado com essas designações, pois qualquer pessoa da comunidade colocaria a questão de que Xangô também acolhe e cuida dos seus filhos e Mãe Preta também guerreia contra as *energias densas* que acometem os corpos dos sujeitos, por exemplo, ainda que Xangô esteja mais para a guerra do que Mãe Preta. E aí reside a complexidade dos termos.

Há uma relação entre corpo e essas *forças* que não passa pelos aspectos biológicos, ainda que se relacione com eles. Para a Morada da Paz as *forças* do *feminino* e do *masculino* estão vinculadas ao *chakra básico*, constituinte de todos os corpos, localizado diretamente no final da coluna vertebral – conhecimentos oriundos da matriz budista que constitui a espiritualidade *afrobudígena* da comunidade. O *chakra básico*, me ensinaram, é aquele responsável pela “*conexão com a Terra*”, com a energia vital, impulso criativo e sexualidade e corresponde à saúde dos órgãos sexuais. É para ele que se volta a atenção durante o *trabalho dos homens e das mulheres*, ritual específico e aberto a pessoas externas que ocorre no território. Os lugares onde esses trabalhos ocorrem são diferentes, havendo um espaço para o *trabalho dos homens* e outro para o *trabalho das mulheres*. Também não acontecem nos mesmos momentos, variando conforme a lua: na lua cheia ocorre o primeiro e na lua crescente o segundo. Eu nunca participei dos *trabalhos dos homens*, aliás, a nenhuma mulher é dada essa possibilidade, apenas quando esteja *dando corpo* para a manifestação das *entidades*. São orientados e conduzidos por Ogum Beira-Mar, manifestado em Ym., *Ya* da comunidade, e por Ogum de Malê, manifestado em Ak., *egbomi* (irmã mais velha) da comunidade. Porém, volta e meia o *trabalho dos homens* conta com a participação e condução da pomba-gira Elo, que se manifesta em Ys., também *Ya* da comunidade.

Participei, portanto dos *trabalhos das mulheres*. Estes são conduzidos pelas pombas-giras *alinhadas*, ou seja, que trabalham junto, com a pomba-gira Elo, uma das *entidades* que se manifesta em Ys.. Para este ritual, o uso da saia é um dos elementos centrais, pois, dizem, direciona a conexão do *chakra básico* com a Terra. Segundo El., em um desses trabalhos, trata-se de um espaço de fortalecimento e cuidado entre mulheres. E, principalmente, é um espaço de resistência. Uma “*resistência*”, disse, “*que não é para agredir o outro, mas para afirmar quem somos*”. Parte essencial desse processo é a reverência feita à *ancestralidade* e a atenção aos seus efeitos: “*Somos todas sementes, sementes que foram lançadas à terra por essas mulheres*”, referindo-se às mães, avós, bisavós, “*somos árvores*”.

Em um destes momentos, de olhos cerrados e concentradas, começamos a respirar longa e lentamente sob os comandos de Ys.. Eis que começa a falar de modo bastante incisivo: “*acessem a bruxa que há em vocês! Sintam! Isso não é de vocês! Permitam que essas sensações tomem conta do seu corpo! Vocês são bruxas! Filhas, netas de bruxas! Então sejam!*”. Nesse momento, as *incorporações*, como são chamadas as manifestações das *entidades*, começaram a ocorrer. Foi a primeira vez que ouvi o termo *bruxa* na comunidade Morada da Paz.

Em outro momento ritual, durante um dos *trabalhos* da *Gira de Amotara*<sup>10</sup>, uma fala semelhante foi produzida. Uma fala com o intuito de provocar algo, provocar o surgimento, o *acesso à bruxa* que existe em cada uma das mulheres que ali estavam. “*Todas nós somos bruxas, aprendemos com nossas ancestrais a sermos bruxas*”, disse Ys.. Instigando-nos, com intensidade, solta uma profunda e alta gargalhada. Já não era mais Ys., era a Pomba-gira Elo. Com ela, veio também a Pomba-gira Rainha, manifestada em Ym., e a Pomba-gira Cigana, manifestada em Ak.. Elo, Rainha, Dama da Noite, Mulambo, Cigana e Padilha – *entidades* que se manifestam nas *Yas* e *egbomis* – trabalham conosco durante o *trabalho das mulheres*. Elas ensinam, nas mais diversas situações, a importância do amor-próprio, do empoderamento e autonomia sobre seus corpos, ensinam sobre os cuidados necessários referentes à sexualidade e atuam, muitas vezes, como conselheiras para as relações conjugais. Sempre que estão presentes, ensinam às mulheres o poder de se usar um *rubro*, um batom vermelho, e se perfumar. Perfume e batom tornam-se não apenas elementos cosméticos,

---

10 A Gira de Amotara foi um trabalho direcionado para mulheres que acontecia em um local na cidade de Porto Alegre. O nome foi assim designado porque a orientação dada por Mãe Preta foi de que as mulheres “precisavam se encontrar e girar”, sem maiores orientações. O nome Amotara foi cunhado em homenagem aos povos indígenas e significa amor a todos.

mas *elementos de poder*, quando cuidadosamente *preparados* pelas giras, que atuam no fortalecimento dos corpos daquelas que usam.

O *trabalho* desenvolvido por Elo se dá em muitas escalas e isso é importante ressaltar. Das giras que se manifestam na Comunidade Morada da Paz é comum serem designadas como *alinhadas* com a Pomba-gira Elo. O *alinhamento* consiste em um trabalho que a própria Elo realiza de *recuperação* das giras. Disseram-me, certa vez, que Elo adentra os espaços *mais densos* para recuperar essas giras que realizam trabalhos por trocas materiais e que *servem a todos os lados*. Portanto, Elo trabalha na *recuperação* de não-humanas, as giras, e nos aconselhamentos e trabalhos com as humanas que procuram a Morada em momentos rituais como esse narrado. Mas também nos traz notícias e estabelece conexões com mulheres (humanas e não-humanas) de longe, que precisam ser lembradas e fortalecidas.

Um exemplo disso, também ocorrido durante a *Gira de Amotara*, quando Elo nos questionou: “*quantas de vocês sentiram-se sozinhas, solitárias, nos últimos dias?*”. A concordância silenciosa foi generalizada. Até que ela comentou: “*essa solidão não é apenas de vocês. O modo como ela se manifesta é a partir de lembranças da vida de cada uma, mas a solidão que vocês sentiram é a solidão das muitas mulheres vítimas de violências e injustiças espalhadas pelo mundo todo*”. Comentou que por toda a América Latina há tentativas de esterilização dos corpos das mulheres, medicina que, sem seus consentimentos, as impedem de terem seus filhos. Comentou também sobre as mortes, as violências e os abusos cometidos contra as travestis e as transexuais. Provocou-nos a pensar sobre a solidão que sentíamos e a nos colocar em sintonia com essas mulheres, para emanarmos *energias* capazes de fortalecer os seus corpos.

Sua fala contagiava-nos e nos engajava em atos de *cura*. A solidão, que poderia ser tratada de forma individual, foi coletivizada. E, mais do que isso, foi motivo de um *trabalho espiritual* prático, ao emanarmos *energias* a outras mulheres. Afinal, ao conceber aquelas que ali estavam como *bruxas* capazes de realizar atos de *cura* – para si e para outras –, as transformou de ‘vítimas’ da solidão a protagonistas capazes de *transmigrar*, conceito que tratarei mais adiante, este sentimento.

## ANUNCIAMENTO

Todo ano, no mês de junho, acontece um ritual aberto às pessoas externas chamado *Terreiro de Chão Batido*. É um rito em que, segundo me informaram, *Exu passa para Xangô* – ou seja, passa a regência do tempo para Xangô. Afinal, para a Morada da Paz, a cronologia do tempo – dias,

meses e horas – é regida pelos Orixás. Dizer que *Exu passa para Xangô*, implica em atentarmos para tudo que possa acontecer naquele mês a partir do que Xangô, senhor da verdade e da justiça, manifesta. Quando eu participei pela primeira vez do *Terreiro de Chão Batido*, fui ensinada por El. e Ym. de que esse rito tem por finalidade a *celebração dos povos da terra*. A celebração, portanto, das sabedorias e resistências dos povos negros e dos povos indígenas.

Cada *Terreiro* possui um tema e, no ano de 2016, o tema foi *O fortalecimento do Akaã*, conceito senegalês que significa *poder da resiliência e da regeneração*, conforme nos disse Ys. Tendo isso em vista, foram organizados *ipadês*, como são chamadas as rodas de conversa, mobilizados por diferentes assuntos. Dentre eles, havia um chamado *Rota das pombas-giras* onde aconteceram importantes reflexões. Esse *ipadê* contou com a participação especial de J., uma amiga da comunidade, militante feminista de um partido político, moradora da cidade de Alvorada – localizada na região metropolitana de Porto Alegre. Ela esteve presente nas manifestações ocorridas em Brasília contra o golpe parlamentar, que consistiu na saída da presidenta Dilma Rousseff, do PT, de seu cargo e a tomada do cargo pelo seu vice-presidente, Michel Temer, do PMDB.

Após o término da atividade, as mais velhas que participaram deste *ipadê* estavam bastante pensativas e comentaram conosco algumas de suas reflexões a partir dos relatos de J. Ym. nos disse que sentia que Xangô, a força da justiça, era uma energia vinculada às mulheres. A partir da sua experiência de vida e sua trajetória, havia visto só mulheres, pelo menos a maior parte, incorporarem essa *entidade* e disse: “*Parece que esta força está nas mulheres, é força feminina*”. Engajada em um mesmo processo reflexivo, El. retomou a narrativa de J. num comparativo com as práticas desenvolvidas pela Morada da Paz. Segundo J., houve um momento em que estava em cima do carro de som puxando a mobilização. Quando a polícia veio para atacar, todos os homens brancos presentes fugiram e deixaram as mulheres, os indígenas e os quilombolas na linha de frente. El. olha para a comunidade e nota que são exatamente essas *forças* que estão sendo mobilizadas ali. A maioria mulher, grande parte negra, em um território *kilombola* e com muita participação das *entidades* indígenas, dos caboclos que ali se manifestam.

J. participou da tentativa de ocupação do gabinete da presidência durante a manifestação, e narrou seu sentimento de solidão quando os policiais adentraram, agredindo-a com chutes, spray de pimenta e outros aparatos repressivos. El., ao narrar esses fatos, comentou: “*que bom que podemos ser um portal de acolhimento para esses militantes que fazem a frente dos movimentos*”. Assim, a Morada exerce o papel de um “*espaço*

*de cura*”, recebe essas militantes e auxilia na “*reconstrução de seus corpos espirituais*”. Mas também teceu alguns paralelos entre a luta travada por J. contra o aparato policial e as lutas travadas pela Morada no território. Disse a nós que a Morada não está na linha de frente, junto com os *militantes*, pois a Morada não se propõe a isso. Como diz Mãe Preta, “*a Morada não é do enfrentamento, é do anúncio*”, porque anuncia um *outro mundo possível*. Contudo, tem uma ação semelhante aos *militantes* nos chamados *trabalhos de transmigração*, onde se vê e se lida com muitos *seres e energias densas*, tanto quanto quem está no enfrentamento com a polícia.

Pois se a Morada não é do *enfrentamento*, é importante salientar que também guerreia. Contudo, a luta em que a Morada se engaja é outra e podemos perceber isso através do *rito das Geledés*. Todo mês de março é comemorado o *Ano Novo Solar*<sup>11</sup> e em 2016 foi um início de ano singular, pois se realizou o *rito das Geledés*. Há quatro anos preparavam-se para a execução desse rito, de origem iorubá. É desempenhado só por mulheres e se propõe ao culto da força da *ancestralidade feminina guerreira*. Quem trouxe esse rito aos cuidados da comunidade foi a *Yabá ancestral* Mãe Preta e o motivo de tê-lo recuperado é porque adentraríamos épocas muito difíceis, *muito densas*, e que seria necessário o *poder das guerreiras* para enfrentar esse novo ciclo.

Seis mulheres da comunidade, todas negras, passaram pelo rito, que implicou no ofertório dos cabelos para a confecção das máscaras, chamadas *Geledés*, e uma série de ritualísticas a serem seguidas a partir de então, incluindo tabus alimentares e orientações comportamentais e de vestimenta. No início de 2016 houve a primeira manifestação aberta às pessoas externas das *Geledés*, com os Orixás de Frente dançando com suas máscaras. O próximo *rito das Geledés* acontecerá, segundo dizem, no próximo ano bissexto, mas as máscaras produzidas neste ciclo ritual serão apresentadas a cada comemoração de novo Ano.

No *Ano Novo Solar* de 2017 eu pude presenciar a celebração. Estávamos na área central do território, um descampado que existe entre as casas da comunidade, em círculo. Algumas das *Yas* e *egbomis* foram convidadas por Ys. a fazerem um círculo interno, de mãos dadas. A atmosfera estava permeada por uma espécie de tensão ritualística. Os tambores saudaram Xangô e um *orin*, um rezo sagrado, iniciou. O “*sopro da vida*”, como nomeiam esse rito, teve seu início entre àquelas que se encontravam de mãos dadas. Em uma dança circular de aproximação e distanciamento em torno

---

11 A comemoração do Ano Novo não segue o calendário gregoriano. Ao contrário, pauta-se pelo início do equinócio de outono, que é dito na comunidade ser um processo de maturação da vida para o novo ciclo.

do centro, onde havia um pequeno caldeirão de ferro com fogo, dançavam. O toque, assim como os corpos em movimento, iniciou em velocidade lenta e seguiu em um crescente de intensidade.

Aquelas que ficaram no círculo maior foram orientadas para dar a sustentação necessária ao que acontece ao centro. Os corpos em frenesi, dançavam em passos e movimentos acelerados, o tambor e as vozes que evocavam a força de Xangô estavam no ápice da sua força. Ys. orientou o momento em que o círculo pôde, enfim, ser desfeito. Rapidamente os Orixás romperam a corrente em giros constantes e gritos potentes. Eram gritos de guerra. Exu, Ogum, Oyá, Xangô e Omulu nos presentearam com seus movimentos ritmados. Logo algumas *egbomis* que se encontravam na sustentação do rito conduziram os Orixás para a *casa Bio*, uma das casas que compõem a área central, enquanto os demais seguiram cantando e dançando. Quando retornaram, todos os Orixás trajavam belas máscaras bordadas com búzios e com longos cabelos costurados, cabelos estes ofertados por aquelas que participaram do *Rito das Geledés* em 2016. Giravam e distribuíam seu axé para todos os presentes. Os corpos dançantes eram de mulheres negras, fundadoras da Comunidade Morada da Paz, e a força invocada naquele ritual foi a força da *ancestralidade feminina*. É tempo de guerra. Uma guerra cósmica.

## O PODER DA CRIAÇÃO

Foi em um desses momentos de orientação coletiva que se desenvolveu essa conversa com Mãe Preta. Ela nos contou, entre risadas e pitos de seu cachimbo, que Adão e Eva, personagens da Bíblia, existiram de verdade. “*Alguns dizem que não existiram, outros dizem que existiram... Mas existiram sim. Só que não é a história que contam por aí!*”. Adão e Eva viviam juntos no paraíso, foram criados juntos, “*ela não saiu da costela do Adão, não!*”. Conta que Eva e Adão se aproximaram de uma árvore frondosa, carregada de frutas. Disseram para ela não comer, mas ela resolveu arriscar. Quando Eva comeu a maçã ela descobriu algo incrível, que nunca alguém havia apresentado a ela. Ela descobriu o “*poder da criação, de desafiar o dado das coisas e de criar o novo*”. Quando Eva comeu a maçã, segundo Mãe Preta, ela criou *outro mundo possível*. “*Dizem que é pecado, mas não é pecado não! Não sei de onde que tiraram esse negócio de pecado... Ainda dizem que ela foi expulsa do paraíso, mas ela não foi expulsa, não! Ela quem resolveu sair!*”, diz entre gargalhadas. Foi só depois de Eva morder a maçã e descobrir o poder da criação que ofereceu a Adão, que resolveu segui-la.

Essa fala de Mãe Preta, contudo, me parece bastante conectada com outra fala que elaborou em um momento em que Seu Sete, manifestado no corpo de Ys., e Ogum Beira-mar, manifestado no corpo de Ym., realizaram um *trabalho forte*. Logo depois que terminaram, Mãe Preta se manifestou em Ys. com o propósito de nos explicar o que havia acontecido. O trabalho realizado foi direcionado aos *omadês*, termo em iorubá para designar as crianças. Ali, Mãe Preta narrou sobre a diferença existente entre homens e mulheres e entre as duas *levas de bacuris* na comunidade. A primeira *leva* designa crianças que variam entre 7 a 17 anos e são todas mulheres, com exceção de Ay.. A segunda *leva*, com idade até cinco anos, é formada por meninos.

Disse-nos que o trabalho realizado tinha por intuito “*cortar as energias negativas*” que chegavam aos progenitores e que afetavam as crianças da segunda *leva*. Foi preciso *fazer um trabalho* com as mães e pais para que essas *energias* não alcançassem as crianças. Isso porque elas, que são meninos, têm maior dependência do que as da primeira *leva*. “*As mulheres vêm prontas, são mais firmes nas suas caminhadas*”, por isso vieram primeiro, para “*abrir os caminhos*”. Em contrapartida, os meninos não vêm prontos, “*não são tão firmes em seus propósitos*”, são mais suscetíveis as *energias densas* e por isso demandam maior atenção, disse-nos Mãe Preta. Em outro momento El. retomou a fala de Mãe Preta e explicou que existem diferentes relações de dependência entre os pais e as filhas e os filhos. Ainda que as primeiras venham “*mais firmes nas suas caminhadas*” do que os segundos, todos os seres estão sujeitos a relações com as ditas *energias densas*. A relação varia não em natureza, mas em intensidade.

Se num primeiro momento o *feminino* e o *masculino* são caracterizados por determinados atributos – como desbravar e cuidar –, é interessante perceber que essas qualidades são embaralhadas de acordo com as situações vivenciadas. E se há relação entre a mulher, enquanto um composto de características socialmente atribuídas, e o *feminino*, enquanto *força*, esses termos também são recombinações quando Mãe Preta nos diz que as mulheres vieram primeiro para “*abrir os caminhos*”, características que, a princípio, seriam da *força do masculino*. Ou, também, quando Xangô, a verdade e a justiça foram associadas ao *feminino*. Penso, portanto, que o *feminino* e o *masculino* são cortes relacionais estabelecidos em uma mesma linha de continuidade que variam conforme as situações vivenciadas e são contextualmente acionadas.

Em outra situação, alguém próximo à comunidade questionou: “o que caracteriza a Morada como *feminina*?”. A resposta mais rápida foi dada por O. T., *iaô* da comunidade, pautada na ideia de que a comunidade é formada majoritariamente por mulheres, principalmente mulheres negras. Mas logo Mj., também *iaô*, ressaltou que havia também homens na comu-

nidade e que ali trabalhavam com a ideia da complementariedade entre homens e mulheres, assim como das *forças* do *feminino* e do *masculino*. Logo Ik. contou a história da comunidade e o fato de as mulheres negras serem aquelas “*que ficaram*”. Ik. seguiu em sua reflexão: “*a comunidade sempre foi uma força feminina, mesmo quando o número de homens era igual. Sempre se pensou como fazer, como falar, como conviver com mais cuidado, mais afeto, com mais flexibilidade*”.

O interessante de perceber aqui é que o *mais* acionado por Ik. denota, claro, que há um *menos* e que diz respeito ao “*mundo aí fora*”, como ela designou, caracterizado pela *força* do *masculino*, pois é marcado pela *inflexibilidade* – “*um mundo de violência, de mortes, de desrespeitos, de desigualdades, onde as pessoas mal se olham*”, disse com pesar. “*Mas tem momentos que a energia masculina é importante pra comunidade*”, lembrou Mj., “*por exemplo, quando se estabeleceu os princípios norteadores se precisou de uma força mais dura, mais inflexível*”. Consideração com a qual todas concordaram, ainda percebendo que, mesmo assim, o *masculino* acionado dentro da comunidade é diferente do *masculino* acionado *aí fora*, porque existe em equilíbrio com o *feminino*. Apresentam-nos, novamente, a multiplicidade dessas formas.

*Feminino* e *masculino* não são tão evidentes e tão facilmente fixados em determinadas características, nem em corpos – o que permite que Ys. caracterize Bg. como o *homem mais feminino* e que Yb. desenvolva a reflexão de que ela, casada com Bg., expressa mais a *força masculina* na relação. O que acredito que seja importante de destacar é o fato de o *feminino* e o *masculino* só existirem quando em relação e sugiro que as características atribuídas a cada qual não são qualidades intrínsecas ou o que seria a ‘*essência*’ do *feminino* e do *masculino*, mas “*imagens que possibilitam acessos*”<sup>12</sup> (STARHAWK, 1988, 88). Neste sentido, possibilitam contrastes e, principalmente, possibilitam ações no mundo. É dessa forma que a Morada constrói a si mesma através da imagem de uma *curandeira*.

O rito das *Geledés* nos mostra que mesmo a Morada da Paz não sendo do *enfrentamento*, atua em uma *guerra* através do *cuidado* e da *cura*. Isso denota uma dimensão fundamental de sua existência: atuar desta forma é

---

12 O contexto a partir do qual Starhawk elabora sua reflexão é o neopaganismo norte-americano. Evidente que há inúmeras diferenças entre suas percepções sobre tais forças e as desenvolvidas pela Morada da Paz e destaco apenas uma que me parece central, mas o que me interessa aqui, sobretudo, é a atenção dada por Starhawk a essas forças: “As imagens, os símbolos, os aspectos, são chaves de entrada e não definições. Não há uma natureza masculina ou feminina subjacentes – há a realidade que experienciamos, nos nossos diferentes corpos, nos diferentes impactos que a cultura tem em cada sexo” (1988, p. 74).

uma “escolha política”, concepção que recupero de bell hooks (1990). Ou seja, não se trata aqui de corroborar com uma ideia de ‘papel natural’ da mulher e da feminilidade, principalmente no que consiste às atribuições da mulher negra como mãe preta<sup>13</sup> através das definições dadas pelo poder colonial branco. É, antes de tudo, um modo de guerrear.

## MORADA, UMA CURANDEIRA

Bell hooks, quando desenvolve a ideia de que o cuidado e a cura realizadas pela mulher negra norte-americana são “escolhas políticas”<sup>14</sup>, ela toma a casa, espaço de gestão da mulher, como lugar de resistência e de fortalecimento da comunidade negra frente a sociedade de supremacia branca e capitalista. Mostra-nos que a luta das mulheres por ocupar espaços públicos, percebendo os espaços privados como politicamente neutros, diz respeito a uma concepção feminista branca que não condiz com a realidade das mulheres negras. Busca, portanto, revalorizar o papel dessas mulheres na gestão da casa e em sua atuação de cuidado e cura da comunidade negra como fundamentais para a luta contra a supremacia branca e capitalista.

---

13 Recupero aqui as palavras de Lélia Gonzalez sobre o papel da “Mãe Preta” sob os olhos do poder colonial branco e sua releitura: “...tanto a “mãe Preta” quanto o “pai João” têm sido explorados pela ideologia oficial como exemplos de integração e harmonia raciais, supostamente existentes no Brasil. Representariam o negro acomodado, que passivamente aceitou a escravidão e a ela correspondeu segundo a maneira cristã, oferecendo a outra face ao inimigo. Entretanto, não aceitamos tais estereótipos como reflexos “fiéis” de uma realidade vivida com tanta dor e humilhação. Não podemos deixar de levar em consideração que existem variações quanto às formas de resistência. E uma delas, é a chamada “resistência passiva” (...) Mais precisamente, coube à “Mãe Preta”, enquanto sujeito-suposto-saber, a africanização do português falado no Brasil (...) e, consequentemente, a própria africanização da cultura brasileira” (GONZALEZ, 1982, p. 93-94).

14 Retomo as considerações feitas por bell hooks (1990) ao descrever a importância que as mulheres negras tiveram na gerência da casa – e nas práticas de cuidado e cura que ali se desenvolviam – para os processos de resistência da comunidade negra estadunidense. A autora diferencia as percepções teórico-políticas das mulheres negras das feministas brancas que, por sua vez, percebem a separação entre a vida pública e a vida privada, essa última concerne nas sociedades capitalistas patriarcais à mulher, como equivalente a vida política e a vida politicamente neutra, respectivamente. O que bell hooks sugere é que, na perspectiva das mulheres negras, o privado, o lugar da casa, do cuidado e da cura, não é politicamente neutro. Ao contrário, é um dos principais alicerces de resistência das famílias negras, contra a supremacia branca, capitalista e patriarcal. A *escolha política* emerge no texto de hooks não corroborando com uma noção de política “consciente” ou elaborada discursivamente, mas como uma prática fundamental para a existência e sobrevivência da comunidade negra.

Na Morada da Paz, cujo nome já carrega o sentido de ‘casa’, espaço protagonizado por mulheres negras, ocorre de maneira diferente. Poderíamos justificar essa diferença devido ao contexto histórico, onde o segregacionismo racial opera de diferentes modos nos Estados Unidos e no Brasil, onde a ‘miscigenação’, ferramenta do poder que camufla desigualdades, seria a resposta para o fato da Morada da Paz ser um espaço de cura e cuidado não restrita à comunidade negra. Acredito ser mais interessante se compreendermos a *cura* e o *cuidado* a partir dos termos da comunidade, em que a dimensão ecológica da *espiritualidade* ocupa papel central.



Figura 19: Caminho iluminado. Acervo Folayan.

Quando uma mulher negra, estudante universitária, que frequentou a Morada da Paz durante um tempo questionou Ys. sobre a existência de brancos na comunidade, ela a respondeu: “*nós não sabemos quem realmente foi o feitor!*”. A existência de cada sujeito é compreendida para além dos invólucros identitários, pois adotam uma concepção *reencarnacionista*, entendendo que após a morte pode-se voltar a viver neste mesmo mundo através de novas identidades. O mesmo é dito para as diferenças de identidade de gênero, e as *Yas* frisam constantemente que desejam que mais homens participem da comunidade. Afinal, o que está em jogo, sobretudo, é um projeto *espiritual*<sup>15</sup> e uma *guerra cósmica*.

15 Quando conversava sobre o porquê de buscarem o reconhecimento do território como território kilombola, Ik. disse-me que isso veio a partir da orientação de uma entidade,

Por *espiritualidade* entende-se a existência e relação de uma série de seres que habitam o *cosmos*. O *cosmos* é o espaço por excelência da diferença e participam dele seres, forças, povos visíveis e invisíveis – humanos, flora e fauna, *entidades* (que engloba uma porção de divindades), *eguns* (espíritos dos mortos), elementares e outros tantos que muitas vezes nem se sabe nomear. A *mediunidade* possibilita que essa heterogeneidade se comunique – por conversas, visões, sonhos, sensações, incorporações, intuições ou canalizações (como uma pintura, uma escrita, um desenho, uma música). Mas o *cosmos* não é livre de perigos. Há *forças* que potencializam ações e sujeitos e outras que enfraquecem. Há *entidades* que são *aliadas* e outros *seres* que se deseja combater, pois afetam de forma destrutiva os sujeitos. Toda *cura* é uma forma de embate com essas *forças* e *seres* destrutivos.

Curam-se os sentimentos – como vimos no caso da solidão das mulheres –, curam-se os corpos físicos, cujas doenças são percebidas como oriundas de enfermidades que primeiramente se manifestam nos *corpos astrais*<sup>16</sup> constituintes da pessoa. Assim que entrei na comunidade, conversando com El., disse que havia tomado um comprimido para dor de cabeça na semana que passou. Ela me repreendeu dizendo que seria melhor evitar o uso de medicamentos sem consultar as *Yas* e as *entidades* – aquelas que são aptas a avaliar se é o caso de uso dos fármacos e de receitar as dosagens de chás ou alimentos a serem ingeridos. Um dos motivos, disse-me ela, é a necessidade de conhecermos o nosso corpo e as causas de determinadas dores e mal-estares. Ensinou-me, então, que a dor de cabeça pode implicar muitas coisas. Uma alimentação desregrada, energias que possam ter *atacado* uma pessoa próxima, ou ainda qualquer *energia densa* que nos tenha atravessado, nos *atacado*. Nestes últimos casos, a orientação que recebemos é *transmigrar*, com a ajuda do elemento fogo e orações, essas *energias*. Os fármacos, me explicou, nos impedem de ter consciência sobre o nosso próprio corpo e atuam nas consequências e não nas causas do malefício.

Eles são evitados, mas não são de todo negados. Mãe Preta diz que tem vezes que as enfermidades, que iniciam nos *corpos astrais*, afetam de

---

Baba Afra, com o intuito de preservar aquele território. Pois há um projeto de existência da comunidade para dez mil anos, conforme orientação de Baba Afra. Não sabem quem dará a continuidade necessária à comunidade, mas o objetivo, como disse-me Ik. é garantir “os princípios e o propósito existencial da comunidade”.

16 Dizem que há 20 corpos conhecidos, porém, as mais velhas me explicaram apenas os cinco principais: *átmico, búdico, vontade, mental, físico*. O dualismo cartesiano, constituinte da perspectiva ocidental, supõe a existência apenas do corpo mental (ou espírito) e físico. Na Morada, o conjunto integrado desses corpos é chamado de *corpos astrais*.

tal maneira o sujeito que só com os medicamentos e conhecimentos dos *burros da terra*, dos médicos, para curar. Foi o caso que aconteceu, certa vez, com Ak. Seu pé acabou desenvolvendo uma grande infecção. Foram feitas pastas de ervas caseiras para o tratamento, benzeduras, mas não havia jeito de curar. Então Mãe Preta orientou que ela procurasse um *burro da terra* e, assim, iniciou o tratamento com antibiótico. A seriedade da questão me foi explicada por ela como fruto de um *feitiço* feito por seu ex-marido, por ela ter saído de casa e ido para a Morada. Informação que ela recebeu de Ogum de Malê, uma das *entidades* com as quais trabalha. Mesmo com a utilização de fármacos, continuou o uso de ervas, benzeduras e orações, pois são essas as ferramentas de *cura* que fortalecem os corpos da enferma.

A lógica que opera na comunidade é de que a saúde do corpo inicia com aquilo que ingerimos – tanto de ideias, sentimentos quanto de alimentos. O corpo precisa estar forte para não sucumbir aos *ataques*. Assim, segue-se uma porção de orientações alimentares trazidas pelas *entidades*, principalmente pelos *médicos do espaço*, dentre os quais Doutor Tchelo, que se manifesta em Ys., é um dos principais. Algumas orientações são individuais e outras são coletivas. Por exemplo, foi orientado para todos o consumo de beterraba e cenoura crua nas refeições. O motivo é porque esses dois alimentos são raízes e *servem para nos aterrar*, buscar uma conexão com a terra e aumentar a concentração e atenção. Já alimentos industrializados, alimentos transgênicos ou com agrotóxicos são evitados de modo geral. Mas nem sempre são possíveis de evitar, visto que a comunidade recebe muitas doações, pois os cultivos que realizam não são suficientes.

Enquanto conversávamos durante o almoço sobre os transgênicos, agrotóxicos e o modo como a indústria está se alastrando, Yb. comentou: “*por isso que a gente tem que irradiar pro alimento sempre! Irradia!*”. *Irradiar* é transmitir ao alimento aquilo que se deseja consumir para fortalecer os corpos através de orações. Para isso, como de praxe, em todas as refeições realizadas na comunidade, canta-se um *orin* trazido pela pomba-gira Elo como um mecanismo de *irradiação*. Mas *irradiar* é também, pelo modo como Yb. trouxe a questão, uma forma de combater o que vem junto com certos alimentos. Se o alimento está *carregado de energia densa* – como são caracterizados os transgênicos e os alimentos com agrotóxicos –, é preciso *irradiar* para fazer com que seu efeito sobre os corpos não seja destrutivo ou, pelo menos, tenha menos impacto.

A flora e a fauna também recebem *cuidado* e *cura*. Não foram poucos os movimentos de cuidado com cachorros que são constantemente abandonados na estrada que dá acesso ao território e que muitas vezes são adotados pela própria comunidade. Isso porque a percepção *reencarnacionista*

da Morada da Paz é aproximada à matriz budista, em que existe a possibilidade de se reencarnar das mais diversas formas<sup>17</sup>. Um exemplo disso foi durante o ano de 2016, quando uma situação profundamente dolorosa ocorreu na comunidade. Um jovem negro, parente próximo de algumas moradoras, foi brutalmente assassinado pelo tráfico da comunidade em que morava. Ele foi acolhido quando desencarnado pelas *entidades* que trabalham com a Morada da Paz, e Mãe Preta trouxe a informação de que ele reencarnaria como cachorro em sua próxima vida. Outro exemplo é uma *entidade* que volta e meia se apresenta na comunidade, trazendo notícias de outras localidades, chamado Laska<sup>18</sup>. Conta que em uma de suas encarnações veio como uma lasca de árvore e em outra como humano nascido na região fronteira do Rio Grande do Sul e morto na Guerra do Paraguai.

Aliás, a relação que a Morada da Paz tem com os animais em geral é muito peculiar. Ali não são realizados sacrifícios animais e não se come carne, pois, como An. me explicou, seu consumo implica em “*colocar para dentro de nossos corpos o sofrimento dos animais*”. As galinhas e patos criados, fornecem ovos para consumo, mas “*só morrem de velhice*”. As cabras auxiliam com o pasto, mas também não servem de alimento. Apenas os peixes, que vivem no açude, são consumidos. Mas Yb. me explicou: “*a gente conversou com o ‘ser dos peixes’ e, esses que estão no açude, aceitaram vir ao mundo para servir de alimento*”. Houve, portanto, um processo de negociação espiritual para que pudessem ser consumidos.

Fato é que todo e qualquer animal não é morto, incluindo as aranhas que aparecem no interior das casas. São cuidadosamente retiradas dos locais e postas para o lado de fora da casa. Neste sentido, as crianças foram as minhas principais professoras. Já baratas e ratos, todavia, são caracterizados de outra forma. Por vezes são postos venenos para ratos pelos espaços, pois tem épocas que infestam os ambientes. Eles “*servem ao... outro lado*”, me disse certa vez Al., com ar misterioso, mas certificando-se de que eu entendi o que isso significava. Como servem? Eu perguntei. E ela contou que são seres que ficam nos “*rodeando, escondidos, para ouvir o que estamos dizendo e saber o que estamos sentindo para aproveitarem disso*”.

---

17 Segundo aprendi na Morada da paz, no Budismo Tibetano Mahayana acredita-se na reencarnação e desenvolve-se a ideia de que são os hábitos de cada pessoa que designará o modo como reencarnará. Segundo Ys., isso não implica em ser mais ou menos evoluídos, ou seja, não há uma linearidade evolutiva entre as espécies. Implica apenas que talvez aquela forma permita ao sujeito ter certas experiências importantes para a sua *caminhada espiritual*.

18 Laska atua nos processos de guerra, nas regiões fronteiriças da América Latina e traz sempre notícias do que acontece no mundo. Ainda que tenha tido uma vida na terra, não é considerado um *egum*, mas uma *entidade*.

Essa perspectiva de *cuidado* e *cura* também diz respeito a flora local e aos processos de plantio. Assim que eu entrei na comunidade, próximo ao portão de entrada do território, havia uma pequena horta com moranga e hortaliças. Contudo, havia uma preocupação generalizada, pois elas não estavam vingando. Explicaram, então, que seria preciso saber o que estava acontecendo com ela, comunicar-se com a terra, para saber qual medida adotariam em relação a horta. Foi em um *ipadê* que Ys. comentou que fariam um *trabalho de transmigração* com a terra durante a semana. Foram até a horta, criariam um campo de concentração e ação a partir de defumações, orações e cantos, para “*incorporar o ser da terra*” e saber das suas necessidades. Assim que o processo foi finalizado, a mensagem recebida foi de que “*a terra precisa de descanso, o solo tem que ser renovado*”. Por isso decidiram transpor aquela horta para outro espaço do território e utilizar aquele local para a criação de um pomar com laranjeiras e bergamoteiras.

*Curar* e *cuidar* também se vincula a outros aspectos. Por exemplo, todo o trabalho de recuperação do solo no território, solo esse marcado pelo plantio de eucalipto. Nos dezesseis anos da comunidade conseguiram reflorestar, com a mata nativa, uma boa porção de terra que antes era utilizada para monocultura de eucalipto. Um pequeno córrego que hoje perpassa a mata, ligada à fonte utilizada para consumo, antes era inexistente. Voltou a correr a partir do *cuidado* com a mata nativa. Seu P., agricultor que há alguns anos vive na Morada da Paz ainda que não participe da vida espiritual da comunidade, certa vez comentou comigo sobre as dificuldades de cultivo naquela terra. Por conta de tantos anos de monocultura de eucalipto, produzida pelos antigos donos, a terra ficou *fraca*. Disse-me que se colocassem fertilizantes químicos na terra ela poderia vingar mais, mas as *Yas* orientaram que esse processo fosse apenas com compostagem e com fertilizantes orgânicos. Por isso a recuperação da terra é mais lenta. O uso de químicos é pensado, na Morada, da mesma forma que o uso de fármacos no corpo: atua nas consequências e não nas causas do malefício.

Certa vez, Bm. e Bg. foram representando a comunidade em um Encontro de Agrofloresta, onde havia pesquisadores e extensionistas de universidades e comunidades locais. Perguntei para Bg. como havia sido e ele disse, sem muito ânimo, que “*é aquela coisa de universidade, né*”. Contou que, para ele, tudo aquilo que falavam e que colocavam como agrofloresta nada mais é do que *conhecimento ancestral*. *Ancestralidade*, neste contexto, acionada por ele em referência aos povos indígenas e negros. Perguntaram a ele se na Morada da Paz havia um espaço destinado à agrofloresta e Bg. respondeu que na Morada não existia “*um espaço para agrofloresta*”, pois tudo

é. O girassol que se planta na entrada do território chama abelha e, portanto, polinização que, por sua vez, afeta a plantação de milho que tem lá perto do açude. Essa visão compartimentada da agrofloresta, ele seguiu me explicando, é dar razão a uma ideia que não percebe que tudo está em relação: “*quiseram saber quantos hectares têm a Morada*”, disse rindo, “*mas a Morada é tudo!*”. É por conta dessa perspectiva que Bg. disse, durante um Plantio ComVida – uma atividade destinada às pessoas externas para um mutirão de plantio – “*quando a gente cuida da Morada a gente tá cuidando de toda a Terra, que é nossa Mãe, porque pode até ter uma cerca ali, mas está tudo em relação*”, “*a gente cuida da terra e ela cuida da gente*”.

O que fica evidente é que os processos de *cura* e *cuidado* perpassam os mais diversos sujeitos, os humanos, a fauna, a flora, e também os *eguns*, os espíritos dos mortos. Os *eguns* são aqueles que vagueiam, perdidos, no mundo, pois “*ainda não encontraram o caminho*”. Alguns, inclusive, nem sabem que morreram. Estes são cuidados e encaminhados principalmente nos *Muzunguês* e nas *Quintas do Axé* – espaços dedicados aos atendimentos espirituais de pessoas externas que vão até a Morada para *receber um axé*. Como costumam dizer ao fim de cada *Muzunguê*, “*cada pessoa que chega até a Morada traz consigo um mundo*” composta por *entidades*, *forças de luz*, por *seres e energias densas*, por *eguns* que vagueiam e se aproximam dos humanos como forma de ter acesso ao mundo terreno e *que servem a todos os lados*.

Além de englobar uma multiplicidade de seres em relação, é notável que a *cura* e o *cuidado* operam nas mais variadas situações. Quando pessoas dirigem-se ao território para uma vivência no *kilombo* – como muitos integrantes dos movimentos negros –; ou quando grupos escolares dirigem-se à comunidade, que desenvolve ações de educação ambiental e afro-brasileira – principalmente escolas da rede pública de ensino; ou quando se deslocam para ações em escolas, comunidades, universidades, as pessoas da comunidade dizem *estar a serviço da espiritualidade*, portanto, dos processos de *cura* em relação às “*dores do mundo*”, onde o machismo, o racismo, agressões ao meio ambiente fazem parte. Por conta disso que cada deslocamento realizado ou cada visita feita ao território são precedidas de rituais de *transmigração*.

Ocorre também por orientação das *entidades*. Como no caso aqui narrado sobre a solidão das mulheres, há orientações das *entidades* que alertam para os variados *ataques* que tem acontecido no mundo. Um deles, trazido por Laska, foi sobre as *forças* que querem se adonar e destruir os recursos naturais existentes da Amazônia Azul. Pediu, então, para que cuidássemos das fontes de água existentes no território da comunidade e *irradiássemos* para os povos que são diretamente impactados naquela região.

Dessa forma, os atos de *cura* e de *cuidado* englobam uma multiplicidade de outros compreendidos de uma forma ecológica, visto estarem em constante relação. São estratégias adotadas frente a *guerra cósmica* em que a *irradiação*, enviar energia de fortalecimento para outros, e *transmigração* desempenham papel central.

Acredito que ao longo do texto tenha ficado bastante evidente o conceito de *transmigração* e o modo como ele é utilizado nas práticas da Morada da Paz. *Transmigrar* é mudar o estado das coisas, é afastar os *seres e energias densas*. Tomemos o exemplo de uma enfermidade qualquer. O corpo, quando está com uma temperatura muito elevada, não se encontra em seu estado saudável. É preciso, portanto, tomar as medidas necessárias – seja com chás, xaropes ou os remédios dos *burros da terra* –, mas principalmente localizar o que está causando a febre e *transmigrá-la* – um acontecimento inusitado, uma briga, uma comida, um desconforto, um olhar podem ser meios através dos quais *ataques* acontecem. A terra para plantio, quando não está vingando, também não se encontra saudável. É preciso, portanto, realizar o mesmo processo de localização das causas para poder *transmigrá-la* – o abuso da monocultura é uma das causas. Quando acontece qualquer desavença entre dois membros da comunidade e que é percebida por um terceiro, logo vem a orientação: “vão para a fogueira!”. Porque o fogo é o elemento fundamental de todo e qualquer *trabalho de transmigração*.

O fogo tem a capacidade de transformar o estado das coisas: a madeira que vira brasa, o papel que vira cinza, os sentimentos que precisam ser transformados e são jogados ao fogo em gestos com as mãos, estalos de dedos e orações específicas. Mas a *transmigração*, não é a *cura*. É um processo pragmático, mágico, que visa a *cura*. O conceito é acionado constantemente nas mais variadas situações<sup>19</sup>, mas é nos *trabalhos de transmigração* que repousa sua maior seriedade e seu maior sentido. Esses trabalhos estão vinculados aos chamados *seres*. Esses não são como os *eguns*, pois sua atuação serve a uma finalidade, tem uma intenção e um propósito. São *seres das trevas* que se *plasmam* nas coisas, nas pessoas, nos ambientes e situações. Evita-se constantemente falar sobre para não atraí-los. Quando nos *trabalhos de transmigração*, eles não se apresentam por livre e espontânea vontade, por isso é preciso *buscá-los* sempre que necessário – visto algum malefício causado.

---

19 Lembro-me que estava auxiliando a feitura do almoço e Yb. me pediu, em tom de brincadeira, para fazer um *trabalho de transmigração* com as batatas que receberam de doação. Muitas delas estavam podres ou machucadas e seria preciso selecioná-las e limpá-las para o consumo.

Utilizam-se de uma troca de olhares, uma palavra, um sonho, um alimento, um acontecimento, uma doença. São muitas as formas de *ataques* que esses *seres* realizam. Se a Morada da Paz entende que toda pessoa é um *canal*, entende, portanto, que é continuamente atravessada por forças de *todos os lados*. A série de ritos, de orientações de alimentação, de *transmigração* na fogueira, de limpezas, vigilância constante sobre seus próprios pensamentos e sentimentos orientados a todos da comunidade, por exemplo, servem para não permitir que estes *seres* se utilizem dos sujeitos e das situações para suas finalidades que, para a Morada, são sempre destrutivas.

Estávamos nós em um rito fechado de preparação de *objetos de poder*. Em um dado momento, em relação a esses objetos, El. nos diz que precisávamos tomar cuidado com as perguntas externas sobre esses mesmos objetos, “*porque a curiosidade pode ser perigosa, pois não sabemos a intenção*”. Ela continuou. Muitas vezes, a pessoa que faz a pergunta não faz com nenhuma intenção de maldade, “*mas há seres que se aproveitam disso*” para seus objetivos. Ou seja, *usam* de situações, pessoas, palavras, para cumprirem seus objetivos que são, evidentemente, opostos aos da Morada da Paz. Lidar com esses *seres* nos processos de *transmigração* é lutar contra *as trevas*, cujo objetivo é produzir no mundo, como me foi ensinado, controle, devastação, ódio e dor. Nos *trabalhos de transmigração*, que ocorrem sempre com processos de *incorporação*, todo o movimento de busca desses *seres* tem uma finalidade de fazer com que saiam das *trevas*. Ys. sempre nos diz que se a unidade, e a disciplina necessária para construí-la, é fundamental para os que servem a *luz*, é importante perceber que “*nas trevas também tem unidade*”.

Suas manifestações são violentas, o ambiente fica pesado e lembro de sentir isso principalmente na densidade da respiração. Era sobre isso que El. se referiu quando comparou os trabalhos da Morada ao encontro da J., militante feminista, com a Política Militar em Brasília. Nem todo médium tem as condições necessárias de adentrar certos mundos para buscá-los, ou seja, condições de “*trabalhar na zona do agrão*”, como costumam dizer de forma jocosa na comunidade. Mas também nem sempre é claro quem tem essas capacidades e quem não tem. São procedimentos profundamente perigosos e densos. E um dos seus perigos é da *pessoa não voltar inteira*, como em algum momento comentou My. Ou seja, parte dela fica atrelada a essas *energias densas*, podendo levar a inúmeras consequências trágicas. Por isso os processos de limpeza, após os *trabalhos de transmigração*, são fundamentais. Ou seja, toda *cura*, que engendra processos pragmáticos de *transmigração*, configura uma *guerra cósmica*.

## CURA COMO COSMOPOLÍTICA

A tentativa aqui foi suspender a noção de sistema de gênero como um artefato universal de análise, para entender de que modo a comunidade Morada da Paz, *as que ficaram*, pensa o *feminino*. A partir disso, descrevi como o *feminino* se apresenta enquanto *força* que existe em constante contraposição com o *masculino* – cujas atribuições e diferenciações apresentam-se pragmaticamente de formas múltiplas, relacionais e situacionais. Desenvolvi como a *força do feminino* é posta em ação, fazendo da Morada uma *curandeira*. Porém, longe de apresentar-se como um lugar de passividade, a *cura* e o *cuidado* são os modos através dos quais participam de uma *guerra cósmica*. Nesta guerra, uma multiplicidade de seres encontram-se em relação, produzindo uma percepção ecológica, de “interconexão de toda a vida” (STARHAWK, 2002, p. 231), em que os sujeitos não são pensados apartados do que comumente chamamos ‘natureza’, ao contrário, são constantemente afetados por essas exterioridades.

A relação que estabelecem com a terra, com os alimentos, com os fármacos e químicas, com as *entidades* e *seres* nos permite perceber uma outra formulação, que se distancia radicalmente da percepção compartilhada pelo Ocidente do que é ‘natureza’ – nos termos de Latour (2004, p. 54), como aquilo “que permite recapitular em uma só série ordenada a hierarquia dos seres”, oriundos de uma separação entre o que seria objetivo e subjetivo. O que convencionalmente chamamos ‘natureza’ age e atua nos corpos dos sujeitos e estes, igualmente, agem e atuam nela através da *cura*. Negam tanto a ânsia de controle e anulação destes outros para obtenção de resultados – como, por exemplo, o uso de fertilizantes químicos para apressar a produção –, quanto negam qualquer imaginário romântico de preservação a uma natureza harmoniosa que não deve ser tocada, a colocação de Al. sobre ratos e baratas nos demonstra isso. Sobretudo, a *cura* nos traz outro modo de relação.

Também nos dizem que, do modo como entendem, não é possível separar as bases materiais, a terra, os alimentos e seus venenos, os sentimentos produzidos por políticas de violência – como o caso apresentado da solidão das mulheres – da *espiritualidade*, do conjunto de seres e *forças* que povoam o *cosmos* e que afetam os sujeitos. Shiva e Mies contrapõem esta inseparabilidade da política e da espiritualidade ao que chamam de “espiritualidade do primeiro mundo”<sup>20</sup> que, para elas, se tornou um nicho

20 “Primeiro” e “terceiro mundo” são conceitos utilizados sem qualquer nota explicativa.

Termos que me parecem pouco potentes para dar conta das complexidades dos fluxos religiosos e espirituais, na medida em que homogenizam as experiências através de uma separação geopolítica.

de mercado, “a ‘cobertura de açúcar’ idealista do ‘bolo’ material do padrão de vida ocidental” (SHIVA; MIES, 1993, p. 31). Esta última, caracterizada por elas pelo consumo de um conjunto de elementos esotéricos ou extraídos de povos não-ocidentais tornados puramente mercadorias, querem “simplesmente ‘comida sem suor’, não se preocupando de onde vem nem de quem é o suor que envolve” (1993, p. 32).

Em contraste com essa perspectiva, aquilo que enquadraríamos como questões políticas, participa, nos termos da Morada da Paz, de uma *guerra cósmica*. Digo participa, pois seria errôneo afirmar que a *espiritualidade* vivida na Morada da Paz, ‘no fundo’, é política – com seus problemas, seus programas e seus discursos estabelecidos. Não poderíamos reduzir a ação da pomba-gira Elo e seus discursos de empoderamento à luta contra o machismo, ainda que passe por isso. Assim como o contrário, em que a política fosse reduzida à *espiritualidade* e com isso dissolver suas particularidades em todo indiferente. Não poderíamos dizer, igualmente, que a luta contra o machismo é, na verdade, uma *guerra cósmica*, pois seria ignorar toda uma gramática particular dos movimentos feministas. Ainda que, para a Morada, a luta contra o machismo possa servir à *guerra cósmica* da qual participam. O que o *feminino* e a *cura* nos obrigam a pensar é que se a *espiritualidade* não é política, bem como a política não é *espiritualidade*, há política na *espiritualidade*, assim como há *espiritualidade* na política. Produz-se um certo agenciamento capaz de fazer insistir a presença de uma “multiplicidade de outros” na política. A cura, portanto, como cosmopolítica (STENGER, 2014).

O conceito cosmopolítica é proposto pela filósofa da ciência Isabelle Stengers em um exercício de pensar a relação entre Ciência e Política. O termo não trata simplesmente de uma relação entre cosmologia e política e nem supõe que o cosmos seja um “mundo comum” partilhado em uma paz perpétua. Isso porque, nos diz a autora, esse mundo que nos detemos a conhecer os ‘fatos’, através das ferramentas técnicas da Ciência moderna, são os ‘nossos’ saberes, mas também estão investidos dos ‘nossos’ valores. E não basta o ‘respeito pelos outros’ ou ‘igualdade de direitos’ para excluir essa diferença. Nesse sentido, cosmopolítica não pretende definir o que é o ‘Bem’ para um mundo comum.

O cosmos, tal como figura no termo cosmopolítica, designa o desconhecido destes mundos múltiplos, divergentes; as articulações que poderiam chegar a ser capazes, contra a tentação de uma paz que se quer final, ecumênica, no sentido em que uma transcendência teria o poder de exigir ao que diverge que se reconheça como uma expressão meramente particular do que constrói a convergência de todos (2014, p. 22).

O cosmos, para a autora, surge como um “operador de igualdade”, quando entendemos operar como “criar uma inquietude das vozes políticas”, “uma sensação de que a arena política está povoada por sombras do que não tem, não pode ter ou não quer ter voz política” e que, portanto, não cumpriria nenhuma das exigências da política – expressar os objetivos ou as propostas para a construção de um mundo comum. Cosmopolítica, dessa forma, não tem a ver com um programa consolidado, mas com um “espanto”, que obriga à política o questionamento: afinal, “o que estamos fazendo?” Seria possível reduzir toda criatividade desenvolvida pela Morada à designação de sistema de gênero? Seria possível reduzir suas relações com o mundo de não-humanos à nossa perspectiva do que é ‘natureza’? Dar uma dimensão cosmopolítica aos problemas políticos não diz respeito às respostas que obteremos, mas as perguntas que são postas, onde o pensamento coletivo é construído ‘em presença’ daqueles que fazem existir sua insistência. O que a *cura* nos apresenta, através do qual a Morada da Paz trava uma *guerra cósmica*, é um modo criativo de resistência<sup>21</sup> que produz, e faz insistir, outras imagens do pensamento sobre o feminino, sobre a natureza e sobre suas relações.

---

21 Lorena Cabnal e de Bernarda López, indígenas maya-xinka e autoidentificadas como feministas comunitárias, realizaram recentemente uma entrevista denominada “La sanación como camino cósmico-político”. Nessa entrevista, narram suas experiências com a *Red de Sanadoras Ancestrales* da Guatemala, coletivo criado como um espaço de fortalecimento e cura entre mulheres indígenas, principalmente do meio rural, a partir de seus conhecimentos ancestrais maya-xinka. Para elas, a resistência baseada na cura permite que um ritual de mulheres possa servir para curar a si, as feridas que atingem as mulheres ancestrais que as habitam e as mulheres que sofrem ao redor do mundo. Diz Lorena Cabnal: “a cura como caminho cósmico-político nos convoca a sentir não apenas o corpo, como temos, de uma maneira consciente, uma memória corporal como as enfermidades, como também o que a psicologia ocidental coloca. Além de uma subjetividade há uma quantidade de memórias para curar e é justamente aí que as diferentes opressões se instalaram em nós. [...] Para nós é importante fazer uma reconexão com a natureza. O sistema patriarcal nos mutilou praticamente os afetos e as formas de curar com a natureza. Se impõe um sistema capitalista, que mercantiliza a natureza [...]. Então recuperar a sabedoria dos povos, das mulheres, das diferentes práticas ancestrais para a vida, creio que também é um ato político de resistência” (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TZlSGfoe328>. Transcrição e tradução feitas por mim).

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles; Guattari, Felix. A cerca do ritornelo. In: *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*, v. 4. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- HOOKS, bell. “Homeplace (a site of resistance)”. In: *Yarning: Race, Gender and Cultural Politics*. Boston: South end Press, 1990.
- LATOUR, Bruno. *Políticas da Natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru: EDUSC, 2004.
- GONZALEZ, Lélia. A Mulher Negra na Sociedade Brasileira. In: *O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.
- LUGONES, Maria. Colonialidad y Género. *Tabula Rasa*, Bogotá, Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca, n. 9, 2008.
- LUGONES, Maria. Hacia un feminismo descolonial. *La manzana de la discordia*, Cali, Centro de Investigaciones y estudios de género, mujer y sociedad, v. 6, n. 2, 2011.
- OYERÚMÍ, Oyèrónké. *La invención de las mujeres*. Bogotá: editorial en la frontera, 2017.
- PACHECO, Ana Cláudia. *Mulher negra: afetividade e solidão*. Salvador: EDUFBA, 2013. (Coleção Temas Afro).
- SHIVA, Vandana; MIES, Maria. *Ecofeminismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. (Coleção Epistemologia e Sociedade).
- SOUZA, Claudete Alves da Silva. 2008. *A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- STARHAWK. *Dreaming the Dark: magic, sex and politics*. Boston: Beacon Press, 1988.
- STARHAWK. *Webs of power*. Gabriola Island: New Society Publishers, 2002.
- STENGERS, Isabelle. La propuesta cosmopolitic. *Pléyade*, Santiago de Chile, Centro de analisis e investigación política, n. 14, 2014.
- ZOURABICHIVILI, François. *O Vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

## LUGAR, TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE: UMA ANÁLISE A PARTIR DA COMUNIDADE MORADA DA PAZ



Figura 20: Mulheres do Asé CoMPaz. Acervo CoMPaz.

Esse texto surgiu a partir de diálogos e reflexões no Coletivo de Pesquisadoras e Pesquisadores Kilombolas OKARAN onde ao abordarmos as temáticas de lugar, território e territorialidade identificamos a sua relevância enquanto categorias de análise, pertinentes para subsidiar as estratégias das ações, projetos e tomadas de decisões que visam a sustentabilidade e o bem viver na CoMPaz.

Na escrita utilizarei como metodologia a cartografia subjetiva que dialoga com as narrativas, as histórias de vida, o registro pictórico, fotográfico, as filmagens, entendendo-as como *textos* que registram as memórias e a experiência social e que devem, portanto, ser estendidos ao coletivo

pesquisador, para que eles possam, por si mesmos, estabelecer as estratégias de registro da sua experiência (LABREA, p. 2017). Dessa forma entendemos que é uma estratégia adequada a sua utilização, considerando a riqueza de detalhes e a complexidade de elementos que compõe o universo da Comunidade Morada da Paz (CoMPaz).

Busco cartografar a CoMPaz, sendo um dos seus cofundadores, Bábà Guardião do Conselho de Anciões(ãs), sem a pretensão de esgotar essas temáticas (lugar, território e territorialidade), uma vez que cada uma delas pode nos levar a uma gama imensa de reflexões, que poderão ser aprofundadas em outros textos a posteriori a partir da busca dos significados subjetivos que cada um de seus moradores(as) possa lhes atribuir.

### SOBRE A COMUNIDADE...

*Meu Kilombo tá lindo como o quê,  
Meu Kilombo tá lindo como o quê.  
Ô mamãe, abraça eu mamãe,  
Embala eu mamãe, cuida de mim!*

*(Orin (rezo sagrado) entoado nos rituais da CoMPaz).*

Nossos ancestrais kilombolas em sua grande maioria construíram suas comunidades após um processo de fuga devido à condição de escravização a que foram submetidos no Brasil e em toda a América Latina. Realizamos um movimento com algumas singularidades. Não saímos das fazendas para locais interioranos de difícil acesso e localização, numa migração rural-rural como eles, mas fizemos um percurso da cidade para o campo, ao adquirirmos um terreno de 4,2 hectares em 2002, quando iniciamos na CoMPaz um trabalho de profunda entrega à espiritualidade, de conexão com a terra e todos os seres vivos.



Figura 21: CoMPaz – Nação Muzunguê (2019-2020). Acervo CoMPaz.

A CoMPaz é um kilombo situado em Triunfo/RS, município da região metropolitana, de colonização portuguesa (açoriana) e alemã. Desde 10.01.2003, a CoMPaz é uma associação sem fins lucrativos, registrada na Receita Federal com CNPJ, estatuto social e participação em conselhos municipais. Nossas primeiras interações com a comunidade do entorno foram através de vivências com escolas da região, voltados à educação ambiental, com um programa piloto de oficinas de agroecologia, culinária ancestral, reciclagem de papel, trabalhando princípios da nossa espiritualidade. Essas vivências continuam a acontecer até hoje. Começamos nesta época a realizar seminários temáticos voltados à paz, à solidariedade e à espiritualidade agregando pessoas e instituições afins, constituindo uma rede de envolvimento solidário (ReSol).

Fomos inicialmente nos autorreconhecendo como negros e negras herdeiros(as) de um povo lutador, buscando recuperar a nossa história, a nossa cultura e a nossa identidade. O processo de autorreconhecimento kilombola foi fruto de um movimento endógeno que culminou em 2016 com a Certificação da Fundação Cultural Palmares foi acontecendo ao longo de nossa caminhada. Nenhum de nós chegou à Comunidade Morada da Paz em 2002 com o propósito de fundar um kilombo. Com o passar do tempo fomos recuperando a nossa história, a nossa cultura e fazendo um mergulho profundo na espiritualidade.

A Nação Muzunguê (braço espiritual da CoMPaz) que emerge deste mergulho traz consigo três fontes de orientação: afrodiaspórica (que constitui a base dos rituais), budista Mahayana e indígena Mbyia-Guarani (estas duas últimas complementando a primeira, pois todas estão interconectadas). Pessoas vinculadas à irmandade levam a ritualística e o jeito de ser e de viver para os lugares onde vão em missão ou onde moram em tempo parcial. Com isso o lugar energético CoMPaz extrapola a dimensão física e se constitui em um importante elemento do patrimônio imaterial da Nação Muzunguê.

## DE LUGAR A TERRITÓRIO: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A COMPAZ A PARTIR DA PERSPECTIVA DE MILTON SANTOS

*Tambor, tambor, vai chamar  
quem mora longe tambor:  
Oxóssi nas matas, Xangô na pedreira,  
Ogum no Humaitá, Mamãe Oxum na Cachoeira!*

*(Orin entoado nos rituais da CoMPaz).*

O lugar é um elemento criador de consciência para o sujeito, que aos poucos vai fazendo novas descobertas e ressignificando a sua caminhada. Santos (1997, p. 264) a este respeito coloca que:

Ao contrário do que deseja acreditar a teoria atualmente hegemônica, quanto menos inserido o indivíduo, mais facilmente o choque da novidade o atinge e a descoberta de um novo saber lhe é mais fácil.

Ainda se referindo a lugar, Santos (1997, p. 322) considera que:

No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada um exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é quadro de uma referência pragmática ao mundo, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, por meio da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.

Nossa relação com o nosso novo lugar, a Morada, ao adentrarmos em 2002 foi de muitas surpresas e descobertas a todo o instante, pois vindos da cidade tudo era novidade: o desenvolvimento das plantas após semearmos, os hábitos dos animais silvestres, as configurações celestes, o regime pluviométrico. Fomos aos poucos interagindo com esse lugar e nos apropriando de suas características, reconhecendo suas singularidades, desconstruindo conceitos sobre o viver rural e construindo saberes baseados no nosso próprio cotidiano. Esse processo não findou. Podemos dizer que ele é contínuo, pois estamos sempre refletindo sobre os movimentos que desencadeamos. Sobre esta temática, Santos (1997, p. 224) afirma que:

O homem de fora é portador de uma memória, espécie de consciência congelada, provinda com ele de um outro lugar. O lugar novo o obriga a um novo aprendizado e a uma nova formulação.

No novo lugar, Santos aponta que o ser precisa reaprender o que nunca lhe foi ensinado, para construir um conhecimento inicial, mesmo que seja fragmentado. Salienta que o meio ambiente age como um detonador deste processo. Constrói-se então uma territorialidade nova e uma cultura nova, gerando uma nova integração e entendimento e por fim a recuperação do ser.



Figura 22: Horta de Todos Nós. Acervo CoMPaz.



Figura 23: Vista área central CoMPaz. Acervo CoMPaz.

Santos reflete que a memória olha para o passado enquanto a nova consciência olha para o futuro. O espaço é um dado fundamental nesta descoberta. Ele é o teatro dessa novação por ser ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente ao mesmo tempo concluído e inconcluso, num processo sempre renovado. Os seres que estão na borda (periferias das cidades ou mesmo no campo) dão um outro sentido ao lugar, com relações mais ricas, próximas, a comunicação e a interação com o meio são mais plenas e intensas construindo uma nova sociabilidade (Santos, 1997). Complementando, Santos (1997, p. 258) pondera que:

No lugar, nosso próximo, se superpõem dialeticamente, o eixo das sucessões, que transmite os tempos externos das escalas superiores e o eixo dos tempos internos, que é o eixo das coexistências, onde tudo se funde, enlaçando definitivamente as noções e as realidades de espaço e de tempo.

Nosso Kilombo é um lugar que se encontra na “borda”, exatamente em uma linha de fronteira entre dois municípios, Triunfo e Montenegro. Literalmente estamos na borda da BR 386, no Km 410. Mesmo assim nossa acessibilidade não é tranquila devido às condições dos caminhos e à falta de sinalização adequada.

Em nosso lugar as relações são próximas, fortes e intensas. Todos se cumprimentam com o *Namastê Odirê*, se abraçam ao sair e ao chegar, ao iniciar um novo dia. Nos *ipadês* (círculos sagrados de diálogo) há o pedido de *Ago Yê Mojubá* (*benção para ter a licença*) para que a fala e a escuta sejam sagradas e há muitos momentos de partilha nas refeições e nos ritos.

É muito interessante observar como os o-madês (crianças) se relacionam com esse lugar, pois para eles, esse foi o primeiro ambiente de moradia. Há aqueles mais destemidos, outros que são mais observadores, mas no geral todos têm um grande carinho e respeito por ele. Para os o-madês tudo é uma novidade no que se refere ao lugar: o contato com os animais, a textura das folhas das plantas, as poças da água depois das chuvas. Experimentar todas as sensações que isso provoca é um aprendizado muito encantador para cada um!

A CoMPaz já passou por muitas transformações desde a nossa chegada e continua a se transformar, o que é sua característica reconhecida por todos(as), sejam mudanças nos ambientes construídos ou na paisagem. Isso é muito natural para os moradores, mas aqueles que a visitam não percebem todas essas transformações, pois elas conseguem perceber apenas fragmentos desse universo. Isso lhes causa muitas vezes surpresas. O

relato que geralmente dão em rodas de avaliação após as vivências é de que “*nunca tinham se deparado com um lugar assim*”. Muitas dessas pessoas sentem-se atraídas para se juntarem à irmandade, outras ficam inquietas, curiosas ou assustadas, mas raramente indiferentes. A propósito, Santos (1997, p. 224) considera que:

Quanto mais instável e surpreendedor for o espaço tanto mais surpreendido será o indivíduo e tanto mais eficaz a operação da descoberta. A consciência pelo lugar se sobrepõe à consciência no lugar.

A CoMPaz é um lugar constituído por muitas identidades, pois é: uma comunidade espiritual, um espaço educativo, um Território Kilombola, um Ponto de Cultura que acolhe pessoas como moradoras, flutuadoras, peregrinas, simpatizantes. Os moradores vivenciam o lugar com toda a sua complexidade cotidiana, com seus ritos, preces práticas, compromissos e agendas. Os flutuadores têm uma vinculação espiritual com o Kilombo, porém sua presença física se restringe a algumas datas sagradas ou movimentos específicos, como retiros, celebrações, atividades direcionadas a um público determinado (colônia de férias, por exemplo).

Todas estas dimensões estão conectadas umas às outras, se interpenetram, constituindo uma comum unidade em princípios e propósito. A CoMPaz acaba sendo também um lugar de passagem, pois assim como há os que vêm, criam vínculos e desenvolvem raízes, há aqueles que se relacionam com o seu universo de uma forma transitória, ou seja, cumprem um tempo que em geral não é preestabelecido e depois seguem o seu caminho. Alguns retornam, outros não. O retorno ou não está muito ligado à forma como se processou o desenlace.

Os anciões(ãs), Yás e Bábàs, guardam a memória deste lugar, são a biblioteca viva, capaz de narrar a sua história, suas transformações, suas conquistas e desafios pretéritos, contemporâneos e futuros. Os demais moradores e flutuadores têm uma percepção que é diferente ao olhar para este lugar, pois cada um o encontra em um espaço-tempo de sua caminhada enquanto buscadores espirituais e o Kilombo os acolhe em um determinado momento de sua evolução.

Os projetos desenvolvidos a partir de 2011 tiveram um forte impacto sobre o lugar, alçando a CoMPaz a um outro patamar institucional. Houve melhorias na condição de infraestrutura para acolhermos as pessoas, desenvolvermos as atividades e sobretudo adquirirmos experiência para nos candidatar-mos a outros projetos.

Hoje encontram-se em vigência o Projeto Sumaúma Raízes Afroindígenas do Brasil que viabiliza através da parceria com o OLMA a partilha de saberes e viveres com comunidades quilombolas, ribeirinhas, indígenas, povos de terreiro em todo o Brasil, estando já no seu terceiro ano. O outro projeto que nesse momento contribui para as articulações externas é o Omorodê Ponto de Cultura da Infância, em parceria com a Sedac-RS.

A CoMPaz, por mais paradoxal que possa parecer, ainda é desconhecida de grande parte da população de Triunfo e mesmo de Vendinha, distrito onde está inserida. A maior parte do público que participa das suas atividades é proveniente de Porto Alegre e municípios da região metropolitana. A articulação com outros lugares acontece com a ida a outros e aldeias indígenas, participação na Rede RS de Pontos de Cultura, na Rede Nacional de Pontos de Cultura Rurais, Rede de Envolvimento Solidário, Rede Mocambos, entre outros movimentos. As conexões externas trazem elementos, ideias e inspirações que contribuem para “oxigenar” o Território.

O lugar tem a necessidade de encontrar seus novos significados. Santos (1997, p. 252), para isso, utiliza-se da dimensão do cotidiano. Segundo o autor: "este presta-se a um tratamento geográfico do mundo vivido que leve em conta como variáveis os objetos, as ações, a técnica e o tempo".

Para Santos (1997), são nos lugares que se desenrolam as paixões humanas, a vida social se individualiza, a política se territorializa e ocorrem as manifestações de espontaneidade e criatividade. O cotidiano na comunidade é sempre temática de reflexão, estudo e pesquisa contribuindo para a evolução espiritual de cada irmão ou irmã. Muitas orientações espirituais referentes a esta temática já chegaram à CoMPaz.

Com a certificação da Fundação Cultural Palmares de autodefinição como Kilombo, a CoMPaz passa a ser um *Território*, segundo Yashodhan, Sangoma (Guiança Espiritual) da Nação Muzunguê e cofundadora da CoMPaz. Podemos inferir que este lugar se transfigura, pois ao mesmo tempo ele continua sendo um *locus* de acolhimento, partilhas e vivências, e também passa a ter normas e legislações específicas incidindo sobre si, como a Constituição da República Federativa do Brasil (1988), o que o leva a ser caracterizado também como um território, segundo critério sugerido por Santos (1997).

O Território é a base onde se desenrolam todos os processos econômico-afetivos da Comunidade Kilombola Morada da Paz. Nesse desenrolar estão inseridas as relações de partilha de saberes, fazeres, o zelo de cada um(a) com o(a) outro(a), as preces práticas, o cuidado com o ambiente e os seres que o compõem, o manejo agroecológico, a produção artesanal, o preparo das refeições, a saúde integral. As formas de expressão oral, artís-

tica e visual também são manifestações da nossa territorialidade e integram o nosso patrimônio imaterial.

Hoje, passados 17 anos que iniciamos nossa caminhada na CoMPaz, assistimos e ao mesmo tempo protagonizamos um movimento de reconstrução do nosso Território, com a chegada de novos moradores, a construção de uma escola que representa nossa cosmovisão (visão de mundo), a CoMKola, e a consolidação de um processo de identidade e valorização da história e da cultura ancestral do povo negro.

A recente aquisição de um terreno vizinho (1,5 hectares), há três anos provocou um reordenamento territorial na CoMPaz. A Terra da Água, como chamamos carinhosamente essa área nova, pois abriga algumas nascentes, demandou realizarmos um estudo e elaborarmos um novo zoneamento de ocupação, onde foram definidas as áreas de construção de novas moradias, de plantio e manejo agroflorestal, novas áreas de compostagem, piscicultura. Gradativamente incorporamos a Terra da Água às dinâmicas do Território de Mãe Preta.

Temos nossos Ipádès de Estudo e Reflexão sobre nossas práticas e vivências espirituais, que são o Curso Básico e a Desformação. São cursos realizados na CoMPaz em que estudamos e aplicamos conhecimentos/saberes sobre a mediunidade e paranormalidade baseados na Cosmovisão da Nação Muzunguê uma vez por mês nesses Ipádès, tendo como participantes os próprios moradores(as) e o público externo (no caso da Desformação que acontece de maio a novembro).

Seria preciso trabalhar com a desformação do pensamento, segundo nossa Yabá Ancestral Mãe Preta, isto é, tirar o pensamento da forma, para acessar o coração e a mente crística. Por isso, então, esse Curso leva o nome de Desformação. A manutenção da CoMPaz acontece orientada pela Ekonomia afetiva, uma tecnologia de gestão desenvolvida pelos próprios moradores, onde o zelo e o cuidado com cada um(a) e com o Território são exercitados. Há um caixa único comunitário que faz a gestão dos recursos que entram na Comunidade, através de salários, doações, projetos e/ou prestações de serviços. A alocação desses recursos é dialogada através do Conselho Gestor. Não há salários pagos aos moradores, mas todos são assistidos quanto às suas necessidades de alimentação, vestuário, educação, saúde, lazer e cultura. A ekonomia com a grafia dessa forma, com o k, remete ao *ekos (oikos)*, o cuidado com a casa, de origem grega.

A atenção e o cuidado com as emoções e os sentimentos de cada um e cada uma também são elementos muito importantes e integram o universo de tomada de decisões nesse campo da ekonomia afetiva, que é uma força feminina, pois carrega em sua essência os princípios do zelo e do cuidado, da guardiania da vida. É algo que permeia as relações que se estabelecem

entre os seres de diferentes mundos e reinos que compõe o universo material e imaterial do Kilombo, onde o diálogo franco e verdadeiro é uma práxis constante nesse constructo, existindo sim uma hierarquia, mas é uma hierarquia circular, diferente da hierarquia vertical, cujo eixo é o respeito.

A afetividade envolve a dimensão da compreensão, que deve extrapolar os desejos meramente individuais. As necessidades de um irmão ou irmã serão atendidas levando-se em consideração o contexto coletivo e as implicações daí derivadas.

Outro aspecto marcante no *modus operandis* da economia afetiva diz respeito ao seu caráter empreendedor que motiva a alocação de recursos como mão de obra, tempo, habilidades na construção de soluções criativas para gerar trabalho e renda em benefício de toda a comunidade. Exemplo disso são as feiras que a CoMPaz promove ou participa, onde produtos artesanais confeccionados são oferecidos (sacolas, bolsas, jogos), assim como produtos gastronômicos (flocadas, pães, cucas) e mesmo produtos manufaturados com a marca CoMPaz (ímãs de geladeiras, camisas, postais).



Figura 24: Feira do Apoiwá em Novo Hamburgo (2016). Acervo CoMPaz.

Nesse empreendimento, chamado Apoiwá CoMPaz, o resultado das vendas é partilhado por todo o grupo envolvido no processo. Os saberes e fazeres apreendidos cotidianamente são fruto de um processo metodológico em que a disciplina, a busca pela excelência e a disponibilidade para a superação dos desafios motiva a um constante movimento de reinventar-se. Assim a troca de funções em áreas é algo rotineiro, tendo como preocupação a melhoria dos fluxos organizacionais e também o ensino/aprendiza-

gem a quem está assumindo uma nova função como um Gba Oya Nkan (gestor ou responsável).

Esse é um processo que sempre provoca a desacomodação, tanto individual como coletiva e por si só é extremamente valioso, pois incita a desenvolvermos a criatividade, a versatilidade e a aplicarmos estratégias diversas para buscar êxito em nossos objetivos.

Finalizando, poderíamos afirmar que o que garante a sustentabilidade da economia afetiva no Território Kilombola CoMPaz é um processo eco-espiritual e assim nos ensina nosso Bábà Afra: “*Se todos souberem comer juntos na mesma cumbuca, então todos terão aprendido o verdadeiro significado da humildade e da simplicidade*”. É possível afirmar que essa assertiva sintetiza e expressa com clareza o verdadeiro significado da economia afetiva na cosmovisão da Nação Muzunguê.

## AS VIVÊNCIAS E O SENTIDO DE TERRITORIALIDADE NA COMPAZ

*Vida que sopra em meu peito.*

*Vida de liberdade.*

*Me ama, porque sou grato ao ar.*

*Me acolhe porque sou filho do criador.*

*E que eu possa a cada minuto da minha existência,  
reconhecê-la com sabedoria, fé e evolução.*

*(Oração da vida – CoMPaz – 2003).*

Para Ambrosini e Filippi (2007), a territorialidade é apreendida a partir da motivação humana e está diretamente relacionada à tentativa de influenciar ou determinar processos, comportamentos ou acessos, inscritos em uma área geográfica delimitada.

Na perspectiva da CoMPaz fica mais explícita então a visibilidade de sua própria Territorialidade Kilombola, constituída pelas seguintes dimensões: espiritual (envolve e transpassa todas as demais), cultural (Omorodê – Ponto de Cultura da Infância), política (cuja manifestação mais genuína são os ipadês), educacional (ComKola, Encontros Dialógicos, Multiversidade dos Povos da Terra, oficinas e vivências), econômica (Instituto CoMPaz), ecológica/sustentável (projetos agroecológicos, bioconstruções, saneamento ecológico). A Territorialidade Kilombola CoMPaz é o conjunto das diversas expressões do Jeito de Ser e de Viver da comum unidade.

Nosso tempo no Kilombo não é o tempo de Kronos, mas de Yô, divindade do tempo para o Povo Bambara da África. Não contamos o tempo pelos anos que se sucedem, mas pela intensidade do que vivenciamos, o que é revelador para nós mesmos de profundos aprendizados. As vivências em nosso kilombo caracterizam-se além da subjetividade de percepções que provocam em cada um dos irmãos/irmãs, por terem um forte envolvimento coletivo/comunitário e um componente espiritual predominante. O lugar é a base para as nossas vivências e o conjunto de nossas vivências constitui a nossa história e sustenta a nossa territorialidade.

As vivências são momentos em que nos possibilitamos experimentar, sentir, perceber, transcendendo padrões lógicos e racionais de pensamento. Podemos então “viver” na mais pura acepção da palavra, sem nos preocupar com conceitos, preconceitos ou juízos de valor, sentindo-nos plenos e conectados ao nosso real ser e ao cosmos. Segundo Bello (2004), a reflexão, a percepção, a imaginação, a fantasia e a lembrança podem ser consideradas iguais às estruturas de vivências, ressaltando que os conteúdos delas podem variar de indivíduo para indivíduo.

Os grupos que vêm à CoMPaz são de muitas procedências: estudantes, professores, artistas, ativistas sociais, membros de pontos de cultura, entre outros(as). Desde a sua chegada no Território são convidados(as) a participar dos rituais que são praticados pelos moradores(as) para adentrar, pois a CoMPaz é uma comunidade que têm como orientação a espiritualidade.



Figura 25: Okan Ilu 2019 na CoMPaz. Acervo CoMPaz.

Há um movimento que vai se processando gradativamente para ambientação das pessoas, desacelerando seus pensamentos, acolhendo-as com

um abraço afetuoso, um sorriso no rosto, ofertando-lhes um cumprimento, o Namastê Odirè (O Deus que há em mim saúda o Deus que há em você para que tu tenhas o melhor dos teus dias no dia de hoje!). As pessoas percorrem a Trilha da Paz, após passar pela fogueira, realizando o seu percurso no interior da mata nativa respirando o ar puro do Kilombo e conhecem os demais recantos a seguir. A vivência na Trilha da Paz é realizada em alguns momentos também à noite, trabalhando a confiança, a unidade e a solidariedade dos grupos.

Em um Ipádè (círculo sagrado de diálogos), as pessoas conhecem mais sobre a História e a Memória da CoMPaz, conversando com os anciões(ãs) (Yás e Babàs). As vivências na CoMPaz também contemplam um momento de celebração nas refeições, com a irradiação dos alimentos e a ingestão de comida ovolactovegetariana, preparada no fogão a lenha do Templo Alquímico de Saúde Alimentar (TASA) e de água da fonte do Território.

Durante as vivências e imersões realizadas na CoMPaz as pessoas e grupos podem se envolver com o cotidiano, acordando pela manhã, realizando as ritualísticas, as preces práticas, dialogando nos Ipádès, buscando uma conexão consigo mesmas e seu propósito original (projeto de vida). Tudo isso significa em alguma medida o que é uma Vivência no Território Kilombola de Mãe Preta.

Recordo uma ocasião em que, por orientação de nossos Mestres, estávamos pesquisando sobre Vacuidade, temática importante da cosmovisão Budista Mahayana. Tínhamos muita dificuldade em compreender os escritos sobre vacuidade, pois os originais perderam muito conteúdo na tradução para o português.

Foi então que nossa Yashodhan (Anciã do Kilombo) propôs uma Vivência, ambientada no pomar da CoMPaz. Sentimos a terra, as árvores, suas raízes, caules, folhas, o frescor do vento, o aroma das flores e nos entregamos de corpo e alma para aquele momento. Incorporamos, isto é, trouxemos para dentro dos nossos corpos tudo o que havíamos sentido e acabamos percebendo o pomar como um “Ser”, com vida e consciência. Naquele instante nos tornamos um só, uma unidade.

Até hoje confesso que tenho alguma dificuldade em conceituar Vacuidade, mas só lembrar dessa Vivência sinto o que seja Vacuidade: uma integração potente com os vários seres, mundos e reinos. Podemos então perceber que as vivências na perspectiva da CoMPaz são experiências coletivas que transcendem à realidade exclusivamente material, pois há um componente espiritual que permeia tudo o que acontece (rituais, oficinas, alimentação coletiva, preces práticas). São experiências sociais do cotidiano, pois as vivências estão imbricadas diretamente dentro dele.



Figura 26: Vivência Kilombola (2019). Acervo CoMPaz.

São exemplos de algumas vivências que acontecem anualmente dentro do Território CoMPaz a Colônia de Férias Curumim-O-Madê (para crianças de 0 a 12 anos acontecendo em janeiro de cada ano, com oficinas de agroecologia, canto, dança, artesanato), o Ipadê da Juventude Kilombola (para jovens de 12 a 21 anos após as colônias de férias, onde são trabalhados o significado da unidade, o respeito e a solidariedade, assim como a cidadania e o empoderamento dos jovens para salvaguardarem a história e a cultura de seu povo com o uso de tecnologias digitais), a Vivência Kilombola (aberta às escolas da região em um dia de novembro para os estudantes vivenciarem o cotidiano da CoMPaz) e o Plantio Com Vida (vivência que ocorre sempre em setembro celebrando a chegada da primavera e onde realizamos o plantio agroecológico com a força das nossas divindades). Podemos sentir que nas vivências se (re)afirmam o Território e a Territorialidade Kilombola da CoMPaz.

## PARA QUE FIQUEM ALGUMAS REFLEXÕES

*Mais do que ter fé, é preciso ser fé!  
Mãe Preta*

Existem diferentes maneiras de expressar as territorialidades em cada Kilombo, por conta das suas histórias e caminhadas. A CoMPaz se configura assim pela sua orientação espiritual Afrobudígena, que é a sua base de sustentação. Essa territorialidade representa a expressão de um jeito de

ser e de viver onde há a recuperação da história e da memória ancestral. Ocorre um diálogo externo com o mundo através dos jovens e dos anciões que partilham a história do seu povo honrando seus princípios e buscando aprender o que poderá auxiliar nas melhorias e no bem viver do povo do Território de Mãe Preta.

Como alternativas para a superação dos desafios dos tempos atuais e dos que se anunciam no Território Kilombola CoMPaz, apresentam-se a pedagogia do encantamento, a economia afetiva e a valorização das vivências locais que fortalecem a sua territorialidade e foram sendo construídas ao longo da sua caminhada, trazendo consigo a força da comum unidade e do seu propósito original.

Diante de uma conjuntura bastante desafiadora, com a perda de tantas liberdades e a supressão de direitos conquistados com muita luta, as estratégias que vêm sendo utilizadas pela CoMPaz nos últimos anos podem apontar caminhos interessantes para muitos indivíduos, comunidades, organizações sociais e coletivos empenhados em construir um cenário de mais paz, ética e amorosidade para o mundo.

## REFERÊNCIAS

- AMBROSINI, L. B.; FILIPPI, E. E. *Território*, um diálogo multidisciplinar a partir da economia-ecológica, na legitimação de sistemas de produção territoriais em áreas rurais marginalizadas. Artigo apresentado no V CONGRESSO EUROPEO CEISAL DE LATINOAMERICANISTAS, 11-14 de abril de 2007, Bruxelas, Bélgica. Disponível em: <http://www.ulb.ac.be/soco/cercal/accueil.html>.
- BELLO, A. A. *Fenomenologia e Ciências Humanas: psicologia, história e religião*. Bauru: Edusc, 2004.
- COMPAZ. Ipadês CoMPaz 2015-2020.
- COMPAZ. Curso de Desformação CoMPaz 2016-2019.
- COMPAZ. Vivências CoMPaz 2002-2020.
- LABREA, Valéria Viana. *Cartografias de memória social, tecnologias sociais e produção de conhecimento contextual na Educação do Campo. Projeto de Pesquisa e Extensão Universitária*. Porto Alegre: FACED/UFRGS, 2017.
- PARREIRA, A. *Economia e Sociedade em Angola na época da Rainha Jinga (séc. XVII)*. Lisboa: Estampa, 1990.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.



## COMKOLA: AÇÕES E REFLEXÕES SOBRE CRIANÇAS DE 0 A 7, 70, 100 ANOS



Figura 27: Omorodê Comkola Epé Layiè. Acervo Comkola.

Nos dias atuais vivemos uma automatização das relações familiares, da educação no âmbito da escola e no brincar das crianças. Por esse motivo a CoMPaz em seus 17 anos de existência, vivenciou, refletiu e dialogou sobre como romper o que estava sendo imposto pela sociedade.

A Comunidade Morada da Paz é uma instituição que zela pela infância. Para isso, buscamos nós adultos uma autoeducação a partir de Ipádês (círculos de diálogos sobre nossas posturas), visando sermos referências

sadias para os nossos omadê e odomode (respectivamente crianças e jovens em yorubá).

Como uma instituição zeladora da infância sempre tivemos como foco de nossos trabalhos as crianças, assim, a cada ano de nossa existência, aprofundamos nossos estudos vivenciais realizando projetos que pudessem ancorar nossa energia de realização e fortalecimento da educação integral de nossas crianças (físico, mental, emocional, espiritual, lúdica e criativa), como por exemplo:

- Círculos de diálogos dos pais, mães e zeladores do kilombo – Ipadê dos Cuidadores;
- Brincando com a/na Morada – Brincando CoMPaz – projeto no qual convidamos os adultos a trazerem suas brincadeiras da infância para brincarem com seus filhos, netos... resgatarem sua criança interior;
- Colônia de Férias Curumim-Omadê;
- Cine Pipoca – projeção de filmes comentados para trabalhar princípios e regados com pipoca;
- Eco-Formação com educadores – momentos de diálogo, troca de saberes entre educadores sobre o jeito de ser e viver no kilombo CoMPaz;
- Seminários sobre a Pedagogia do Encantamento – Diálogos com educadores e profissionais dedicados ao cuidado de crianças e jovens, realizados na comunidade de Vendinha, Triunfo/RS, sobre a Pedagogia vivenciada na comunidade Kilombola Morada da Paz;
- Auxílio Extra Escolar – tem como objetivo principal potencializar o gosto pela aprendizagem, fortalecendo o “ser curioso” que há na criança, fazendo-a construtora de suas próprias aprendizagens, para isso usamos uma metodologia lúdica educativa para o despertar de suas potencialidades.

A Pedagogia do Encantamento traduz a importância de encantar-se pelo processo de educar e de aprender. O educar encantado tem afeto e amor para a construção do conhecimento baseado no que toca o coração para além do cérebro. O autoconhecimento e os valores são instrumentos desse saber que edifica, se forma para toda a vida, assim ressignifica sua própria existência e a existência do outro. O ato de cuidar, educar e amar passa pelo processo de encantar-se e manter-se vivo em ações, pensamentos, atitudes e sonhos. É uma educação baseada na ancestralidade e na unidade tendo como base a circularidade com valores matriciais e kilombolas, mantendo esse sonho vivo no dia a dia, ressaltando o zelo pela memória

dos povos. Essa pedagogia é livre de fórmulas, possibilita a troca de saberes através de exemplos mais do que de palavras e propõe a manutenção da esperança, do sonho e da fé. É acreditar nas possibilidades, fortalecendo e tecendo uma sustentação, um olhar para o respeito e gratidão pela vida. É uma filosofia que está sendo construída com a comunidade quilombola, educadores e colaboradores da CoMPaz nos Ipádès de elaboração do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da Escola CoMKola Kilombola Epè Layiè.

O encantar-se para encantar, plantando a semente em todo o terreno que necessite de nossa força e com essa energia, desde 2016, estamos, enquanto Território Kilombola – Território de Mãe Preta, sonhando e construindo a muitas mãos e corações a nossa Escola CoMKola Kilombola Epè Layiè que, a cada encontro, ipádè, vivência, sonho se torna grande dentro de nós e se espalha e se fortalece nos corações daqueles que compartilham conosco esse sonho.



Figura 28: Ipádè sobre Ancestralidade com escolas da região. Acervo CoMKola Epè Layiè.

E assim crescemos, envelhecemos, vivenciamos a Pedagogia do Encantamento conosco para além dos projetos, mas para um sonho que nos acompanha como um filho, que da estrela nos escolhe enquanto progenitores (denominação de pai e mãe no quilombo de Mãe Preta) fica por um bom tempo nos acompanhando para nos conhecer, até descer para dentro

da progenitora (denominação de mãe no kilombo de Mãe Preta) e/ou do progenitor (denominação de pai no kilombo de Mãe Preta) e vai crescendo, crescendo até nascer e ser um potencial de luz e criação na Terra.

Temos construído círculos de amorosidade, sonhos, fortalecimento congregando várias pessoas que ouviram o chamado da esperança e do encantamento, na qual dialogamos, brincamos, comemoramos e fortalecemos a esperança que precisa ficar viva em cada um de nós. Não somente viva, mas crescendo e gerando sementes, árvores e frutos, para que a continuidade possa se estabelecer apesar das adversidades que estamos vivendo nesse momento.

E como diz a nossa Yabá Ancestral Mãe Preta “Nada justifica a falta de esperança”, então juntos sonhando, criando seremos fortes, seremos resistência. Assim nasce a CoMKola, um espaço educativo construído no Kilombo de Mãe Preta, tendo como meta ser oficializada para acolher, além de o-madês (crianças) da CoMPaz, o público do entorno. Essa proposta surgiu a partir da constatação de que as Escolas da região não representam os anseios da comunidade quanto à sua proposta educativa. Isso passa desde a total inobservância da Lei 10.639/03 que institui a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura africana no currículo escolar até a total ignorância dos princípios e valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros, como a circularidade, a territorialidade, a corporeidade, a musicalidade, na pedagogia das escolas onde as crianças e jovens do kilombo estão matriculados. As crianças e jovens da Comunidade Kilombola Morada da Paz ao cursarem a rede pública de ensino se depararam com uma metodologia de ensino que simplesmente ignora e invisibiliza a História e a Memória Ancestral do povo negro, seus princípios, suas raízes, sua espiritualidade.



Figura 29: Puja de Buda Shakyamuni. Acervo Comkola Epé Layiè.

A CoMKola nasce para que nossas crianças e jovens (e outras que a vierem compor), possam se sentir orgulhosas, empoderadas e sabedoras da força de resiliência, da ancestralidade e da cultura que carregam dentro de si, trazendo como proposta a Pedagogia do Encantamento, uma pedagogia construída dentro da própria CoMPaz, que têm como propósito a construção de saberes e fazeres e a sua partilha de uma maneira lúdica, prazerosa, amorosa e vivencial.



Figura 30: Caminho de Oração. Acervo Comkola Epé Layiê.

Nesse momento a CoMKola está atendendo aos “pitocos” da comunidade e crianças do entorno e da região metropolitana que têm entre oito meses e seis anos. E foi assim enquanto educadores<sup>22</sup>, através de muitos diálogos e vivências com educadores(as)/professores(as), que vimos em seus olhos e seus corações o desencantamento, a desesperança, a frustração, a angústia de um sistema educacional falido, não só no externo da instituição escola, mas nos protagonistas (educadores, educandos e comunidade escolar-família) e, como comunidade comprometida com a infância, zelamos e compartilhamos nossos sonhos com todos e todas que sentem o chamado para uma mudança interna.

A CoMKola vem há quatro anos reunindo a Comunidade Kilombola Morada da Paz, seus amigos e amigas, colaboradores, filhos e filhas de Mãe Preta para dialogar sobre seu projeto político pedagógico com os professores da Licenciatura em Educação do Campo, para estruturá-la como um espaço escolar comunitário.

---

22 Através de reflexões realizadas na construção do PPP da CoMKola refletimos que Educadores designa os educadores da CoMKola, porque esses estão comprometidos e pautam seu trabalho pedagógico na amorosidade e no zelo.



Figura 31: Brincar é um direito urgente. Acervo CoMKola Epé Layiè.

A CoMKola tem um espaço próprio ocupado, atualmente na área de entrada da CoMPaz, que é seu local de referência (alojamento e espaço lúdico-pedagógico), porém todo o Kilombo é um ambiente educativo. Trabalhamos nos últimos dois anos com a alternância das/nas temporalidades, havendo o Tempo CoMKola e o Tempo Casa, conforme detalhamos a seguir:

**Tempo CoMKola:** imersão de segunda-feira pela manhã até quinta-feira pela manhã. Os pitocos dormem, fazem suas refeições, tomam os banhos, realizam seus ritos de chegada e saída. Interagem principalmente entre si, com os educadores e alguns voluntários que fazem vivências específicas. Circulam no Território nas suas vivências de aprendizagens, onde a teoria-prática dos conhecimentos estudados é uma constante: história, agroecologia, espiritualidade, ciências da natureza, expressão corporal, música, gastronomia ancestral, brincadeiras e sapequices.

**Tempo Casa:** de quinta-feira pela manhã até segunda-feira pela manhã, os pitocos são acolhidos pelos seus progenitores, irmãos e irmãs, interagindo normalmente na rotina da CoMPaz: participam dos rituais, brincam, jogam, auxiliam nas preces práticas, exercitam a guardiania da CoMPaz. O processo educativo é constante, o tempo todo e todo o tempo: “É preciso uma comunidade inteira para educar uma criança” (provérbio africano). Os pitocos são seres que carregam a força da espiritualidade CoMPaz, interagem com as divindades, aprendem a história do seu povo com os seus anciões e anciãs, têm o seu asê de fala e de escuta nos Ipádès e são muito respeitados.

A metodologia de trabalho da equipe pedagógica se desenvolve por meio de Ipádès que são círculos sagrados de escuta e de fala. Há Ipádès semanais de avaliação e planejamento com os educamores e momentos de estudo e reflexão sobre temáticas ligadas à educação para as relações étnico-raciais e as diretrizes curriculares da educação escolar quilombola, com a participação dos membros da comunidade e colaboramores.

Os processos pedagógicos da escola têm como referências autores brasileiros, afro-brasileiros e africanos como Paulo Freire, Frantz Fanon, Milton Santos, Kabengele Munanga, Rosa Margarida de Carvalho Rocha entre outros que apresentam a cosmovisão africana e a Educação Quilombola que são fundamentais para a formação da CoMKola.

Educamores é uma ideia criada na Morada da Paz para designar os educadores da CoMKola, porque esses educadores estão comprometidos com uma educação amorosa e acolhedora, característica da Pedagogia do Encantamento.

O termo educamado descreve as crianças da CoMKola, porque se tem a intencionalidade educativa de que elas sintam amor em aprender e gostem do espaço onde se encontram.

A CoMKola possui seu calendário próprio com base na Nação Muzunguê, onde os meses do ano e os dias da semana são regidos pelas divindades, entidades e deidades que compõem as três matrizes filosóficas que embasam o nosso jeito de ser e viver (Indígena, Budismo Mahaiana na figura do 14° Dalai Lama e Afro), por isso nos autodenominamos Afrobudígenas. Por exemplo, em maio temos o Pujá do Buda (12/05) e também a reverência as Ìyamis que são as mães ancestrais – a Grande Mãe África.

As principais vivências da CoMKola ofertadas pelos educamores nesses últimos dois ciclos foram: agroecologia, percussão, canto, dança e expressão corporal, astronomia, gastronomia ancestral, História, Cultura e Memória Afrobrasileira Diaspórica.

Os projetos da CoMKola para os próximos ciclos incluem, além da manutenção e qualificação das suas atividades em andamento, a sua legalização enquanto espaço educativo, fortalecer intercâmbios com outros Espaços Educativos dentro e fora do Estado do Rio Grande do Sul, acolher outras crianças e jovens em suas oficinas e vivências e constituir a Associação dos Pais, Progenitores, Responsáveis e Colaboramores da CoMKola (APREMACOM).

*Ajé!  
Chuva de Luz!  
Gratidão!*



## ENCONTROS DIALÓGICOS COMPAZ: DESFORMAR-SE A PARTIR DE UMA COMUNIDADE ESPIRITUAL KILOMBOLA



Figura 32: Encontros Dialógicos. Acervo Instituto CoMPaz.

Os encontros dialógicos são espaços de trocas da Escola Comkola Kilombola Epè Layiè da Comunidade Kilombola Morada da Paz (CoMPaz) com a rede escolar e demais interessados. As partilhas ocorrem através de rodas de conversas e dinâmicas proporcionadas pelos moradores do território e parceiros da comunidade. Esse projeto nasce num diálogo no TASA

(Templo Alquímico de Saúde Alimentar) entre três mulheres da irmandade da CoMPaz que tinham um sonho de criar um espaço a fim de problematizar, refletir sobre a situação atual da Educação no Brasil, trazendo a visão da comunidade, a Pedagogia do Encantamento, um olhar sobre educação a partir de uma comunidade espiritual kilombola. A Yalase do território acolheu a proposta e a materializou através de um texto que trouxe a metodologia desses encontros mensais que ocorrem desde junho de 2017 na CoMPaz.

Esses encontros dialogam com o modo de viver da comunidade trazendo temáticas de estudos, prática e formação dos moradores. Desta forma, trabalham a interdisciplinariedade no desenvolvimento dos diálogos propostos. Além disso, visam a criação de vínculos com as escolas da região para projetos futuros conforme a Lei 10.639/03 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Esse projeto é de suma importância, pois pretende dar visibilidade para a educação kilombola, trazendo sobre as formas de pensar e de ver a vida a partir da educação Kilombola CoMPaz. É importante salientar também a não eficácia da Lei 10.639/03 nas escolas e a pouca formação para a prática dessa lei em níveis nacional, estadual e regional.

As temáticas dos Encontros Dialógicos CoMPaz versam sobre a visão de saúde integral dentro da comunidade; a Pedagogia do Encantamento da Escola Comkola Kilombola Epè Layiè; Etnoludicidade – o brincar dentro do território; Território, lugar e espaço, dentre outros assuntos.

Este projeto também nasce a partir de um desejo de auxiliar os educadores que estão inseridos no ensino tradicional através de um processo de sensibilização em outras formas de se educar, além de possibilitar um espaço de promoção de saúde e bem estar aos educadores e todos os interessados através de momentos de escuta e fala respeitosa. O Projeto promove um ambiente onde eles podem trazer suas percepções, angústias e ideias em relação a diversos assuntos que envolvem a educação e vivenciar algumas horas do nosso jeito de ser e viver, das ritualísticas da Nação Muzunguê. São recebidos na porteira por um dos moradores e depois, na fogueira, passam por um processo de limpeza de todas as energias negativas que possam estar em seus corpos. Este rito proporciona uma consciência corporal, das emoções, pensamentos, atitudes e fortalece as pessoas no sentido de ser responsável por conduzir, limpar suas incomodações, angústias, ansiedade para estar dentro do território com o coração tranquilo. Na sequência são acompanhados até o espaço do Encontro para realizar a atividade. Na abertura onde são invocadas as entidades, é pedida às divindades, aos povos da terra, especialmente a Odé, guardião da CoMKola a licença para iniciar

os trabalhos. Em seguida, se pede o Asé de fala e de escuta. Para os povos originários, a fala e a escuta são atos sagrados e devem ser respeitados.

A educação que acreditamos e vivemos na comunidade tem uma pedagogia que é chamada de Pedagogia do Encantamento. Esta integra corpo, mente e espírito com a natureza, zelando por um convívio de amor, respeito e sentimentos. É fundamentada na espiritualidade e nos princípios civilizatórios dos povos originários, mantendo os princípios do diálogo, da escuta, da oralidade e do cuidado como fortalecimento da Comum Unidade. É também importante salientar que esse projeto visa a formação da comunidade escolar na rede pública de ensino, a partir da Lei 10.639/03.

Os encontros dialógicos integram um projeto de extensão da UFRGS, vinculado ao OKARAN (Grupo de Pesquisadores Kilombolas da UFRGS). No último ano, o objetivo dos encontros foi um movimento interno de aprofundamento de conteúdo para no segundo semestre podermos aprofundar a Pedagogia do Encantamento na UFRGS, visando uma ampliação no alcance de pessoas para trocas e construção de saberes e práticas em educação.

Desta forma, considera-se a importância desses diálogos com a rede escolar e demais interessados na ampliação dos olhares sobre a educação, ressaltando a importância de falar sobre Educação Kilombola dentro da educação a partir dos olhares de um kilombo.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" e dá outras providências. *Diário Oficial União*, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 jan. 1997. Seção 1, p. 1.
- Ipádès com as Yas e o Babá da Comunidade Kilombola Morada da Paz (2017).
- Ipádès de Todos Nós da CoMPaz. (2017-2020).
- OKARAN – Grupo de Pesquisadores(as) Kilombolas – UFRGS. (2017-2020).



Figura 33: Encontro Dialógico na Comunidade Morada da Paz (2017). Acervo Instituto CoMPaz.

OJU AYIÊ: CONSTRUINDO  
SOBERANIA E SEGURANÇA  
ALIMENTAR E NUTRICIONAL  
NA COMUNIDADE KILOMBOLA  
MORADA DA PAZ

*Kosi Ewe Kosi Orisá  
(Sem folha não há orisá)  
provérbio yorubano – África.*

Nossa comunidade tem 5,5 hectares e está inserida na área rural de Triunfo/RS, região metropolitana de Porto Alegre/RS, distante 50 quilômetros da Capital do Estado, na bacia hidrográfica do Baixo Jacuí. Estamos em uma região de transição entre os biomas Mata Atlântica e Pampa. A monocultura de eucalipto é uma das principais atividades econômicas do entorno, impactando a terra e reduzindo o nível dos lençóis freáticos há algumas décadas. Na nossa localidade somos um dos poucos núcleos de resistência e cultivo agroecológico. Há dezessete anos estamos na CoMPaz, promovendo um trabalho dedicado a recuperação da fertilidade da terra utilizando princípios da agroecologia e da permacultura juntamente com os saberes tradicionais de nossos ancestrais e divindades. Nosso Kilombo é o único no município de Triunfo. Esse sistema agroecológico que praticamos têm um componente agro-eco-espiritual, onde há uma presença das divindades do povo negro (Orishás), interagindo permanentemente, trazendo suas orientações. A Ciência da CoMPaz é a Ciência Boa, termo designado por nosso povo para referir essa integração com esse saber ancestral.

Trabalhamos na Comunidade Morada da Paz – CoMPaz com sistemas agroecológicos agrofloretais, construídos através de um zoneamento permacultural, onde realizamos o consórcio de culturas (verduras, legumes, frutíferas, grãos). Promovemos a semeadura e o cultivo de espécies de plantas medicinais e fitoterápicas em estufa, assim como coletamos frutos e plantas nativas existentes em nosso Território. Não existem lotes individuais. A terra é de uso comunitário e as roças são coletivas.

O plantio segue em sincronia com nosso Ciclonário (movimento de orientação com base nas fases da lua e na potência solar orientados por nossos Orisás e Divindades, sobretudo, as divindades que acreditamos serem as responsáveis pelo sistema agrícola e agroflorestal: Iroko-Nanã Buruke-Ewá-Ossaim) geralmente é feito entre os meses de fevereiro a novembro, após a preparação da terra, onde ela é virada manualmente e adubada. Entre os meses de novembro e fevereiro, realizamos a manutenção do sistema agroecológico agroflorestal, reduzindo o plantio. Momento em que zelamos cuidadosamente a terra com rezos e asés repousando sobre o solo cultivo de proteção, adubação natural (preparada com as folhas das árvores e cavas de valas preenchidas com o resíduo de orgânicos advindo da cozinha ovolactovegetariana comunitária). As épocas de poda, para as árvores frutíferas, são entre os meses de maio a agosto, observando as fases da lua seguido de ritual para Ewá e Ossaim (Divindades que intensificam o recolhimento cura-cuidado para a futura renovação que se dará nos próximos ciclos – setembro/outubro).



Figura 34: Estufa (2019). Acervo CoMPaz.

As principais culturas são

- Verduras como alface, couve, alho poró, cebolinha, salsa, rúcula, rabanete;
- Legumes, como beterraba, cenoura, aipim, moranga, abóbora, berinjela, pimentão;
- Frutas destacamos as cítricas, como laranja, limão, bergamota e as frutas nativas como banana-do-mato, andiroba, butiá, entre outras.

Conseguimos alcançar a partir de 2014 com o Projeto Oju Ayiê (cuidar da terra, em uma livre interpretação do idioma yorubá de África) um nível de produtividade que garante entorno de 60% de autonomia em relação à aquisição de verduras, legumes e frutas considerando a sua sazonalidade. Fomentamos consideravelmente o cultivo de ervas medicinais para chás, banhos, fluídos, pomadas caseiras. Isso nos estimula a prosseguir com as práticas agroecológicas a fim de aumentarmos esse percentual gradativamente. Assim reduzimos as compras externas e o que é excedente podemos comercializar junto às pessoas que frequentam a CoMPaz em nossas atividades.

As trocas acontecem em eventos na CoMPaz, onde oferecemos sacolas de produtos orgânicos para venda e em feiras que eventualmente participamos em outros locais. Aceitamos também encomendas de sacolas de produtos orgânicos e entregamos para as pessoas da cidade.

Sejam atos e não palavras teus ensinamentos (Mãe Preta – Yabá ancestral da comunidade Kilombola Morada da Paz). O aprendizado agroecológico se dá no cotidiano, com a participação nas atividades, onde há a presença dos Olùwás (em uma livre interpretação do yorubá, anciões que têm a sabedoria ancestral para passar adiante) partilhando seus saberes com os mais jovens do Kilombo. Realizamos vivências e rituais onde essa integração intergeracional é potencializada. Os saberes são sistematizados, há momentos de estudo e troca entre os participantes e o público externo, que interagem em alguns momentos, como no Plantio Com Vida, que acontece sempre em setembro de cada ano, celebrando a chegada do equinócio da primavera e a Vivência Kilombola, que ocorre durante um dia, no mês de novembro e é uma atividade voltada às escolas da região, que vêm conhecer um pouco mais sobre o nosso jeito de ser e de viver e o manejo agroecológico Kilombola da CoMPaz.

As novas gerações estão integradas às atividades aprendendo e experimentando constantemente. Todas as crianças e jovens fazem um estágio com os Olùwás (guardiões da sabedoria ancestral) da terra. Há oficinas de agroecologia para as crianças na Escola CoMKola Kilombola Epe Layiê, espaço educativo não-formal da CoMPaz, há três anos. Percebe-se pelas escolhas que alguns jovens do Kilombo fazem ao direcionar seus estudos de ensino médio, graduação e outros, quando optam por cursos ligados ao zelo e cuidado com a natureza, com práticas alimentares bioenergéticas-vegetarianas e também quando possibilitam, participam e potencializam espaços de trocas de sementes crioulas, seminários entre comunidades Kilombolas e indígenas intergeracional sobre manejo e cultivo do solo – como o ocorrido em 2019 – organizado pela juventude Kilombola da Comunidade Morada da Paz, que há profundo interesse em se envolver e dar

continuidade ao Sistema Agroecológico como uma marca de nosso Jeito de Ser e Viver.

A divisão do trabalho se orienta pelo sistema de ciranda (principalmente entre os mais novos). Na ciranda não há distinção de gênero – é o espaço em que há a possibilidade de aprender o ciclo inteiro do processo no movimento de cirandar, e isto, é muito importante e necessário. A horta é de todos nós, e a origem deste nome se deu pelo movimento próprio em que todos nós precisamos conhecer os processos e saber como zelar e cuidar por cada etapa. Para que melhor seja compreendido destacamos o cirandar do Clã da Terra, composto por oito pessoas, (cinco mulheres e três homens), que se envolve mais diretamente nas atividades agroecológicas, mesclando experiência e juventude. Há os Olùwás (uma mulher e dois homens) que orientam o trabalho. Nesta ciranda há o revezamento de zelo-cuidado, mas todos se envolvem com o processo na sua integridade e totalidade.

O cirandar segue o fluxo do ciclonário do preparo da terra, ofertório aos orisás, escolha das culturas, manejo, acompanhamento, colheita, limpeza, organização, separação do excedente, troca, comercialização, partilha, feiras, preparo e transformação.

As principais ameaças que enfrentamos para a manutenção do nosso Sistema Agroecológico Agroflorestal kilombola são o uso de agrotóxicos por parte dos vizinhos, que não respeitam a natureza e muitas vezes somos impactados diretamente por suas ações na nossa terra, na água e no ar da CoMPaz. Por conta disso a Comunidade Kilombola pode deixar de existir!

As pessoas que frequentam nosso Território (cerca de 250-300 pessoas bimestralmente) são colocadas em contato com nosso Sistema Agroecológico Kilombola. Sempre que adentram o Kilombo são convidadas a realizarem uma das trilhas do território e, deste modo, são conduzidas intencionalmente a partilharem de nosso processo de zelo pela natureza. Na sequência são convidadas ao colha e pague, momento em que um morador mais jovem ou Olùwá mostra como o alimento cultivado no kilombo chega à nossa mesa e à sacola ecológica que ela levará para a sua casa na cidade. O Plantio Com Vida é uma celebração que acontece, desde 2012, em uma data no mês de setembro, geralmente dia 20, em reverência ao equinócio de primavera. O Clã Osúpa reúne-se toda Lua Nova para o preparo de banhos, fluídos, pomadas, chás, unguentos com o uso de ervas fitoterápicas cultivadas, de forma agroecológica, no espaço Arakitembo na CoMPaz, para ofertar aos moradores(as) e às pessoas que vêm ao Território de Mãe Preta.

As verduras, frutas e legumes cultivados são utilizados para a preparação de pratos típicos da culinária afro-brasileira, que integram a gas-

tronomia ancestral sagrada do nosso Território, servidos em momentos de celebração, como no Terreiro de Chão Batido, evento que ocorre sempre no segundo sábado do mês de junho e invoca a força dos povos originários, kilombolas e indígenas.

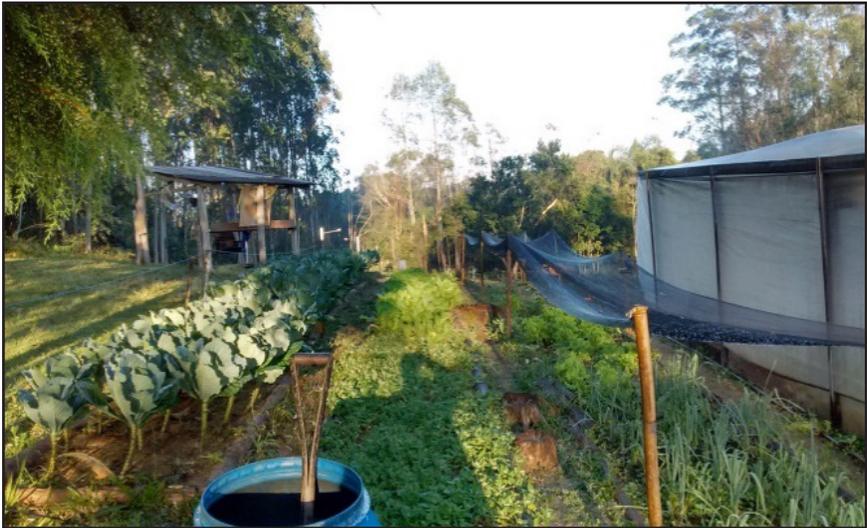


Figura 35: Horta de Todos Nós (2019). Acervo CoMPaz.

O Sistema agroecológico agroflorestal na CoMPaz contribui para que tenhamos um nível satisfatório de autonomia em relação às compras externas, além de possibilitar a alimentação com produtos de qualidade, cultivo de ervas fitoterápicas/medicinais sem agrotóxicos, fortalecendo a nossa saúde e nos trazendo soberania e segurança alimentar e nutricional.

O Projeto Oju Ayiê iniciou com a análise do solo da CoMPaz por técnicos e estudantes que estavam integrados às ações. A partir daí definimos um roteiro de atividades incluindo principalmente a construção do zoneamento permacultural do nosso Território, a implantação de um sistema agroflorestal agroecológico e estratégias para a proteção das nascentes de água. Após a fase inicial em 2014, quando tivemos o apoio do Fundo Socioambiental CASA, prosseguimos as atividades, aprofundando a pesquisa e a aplicabilidade do que havíamos começado.

Construímos uma estufa para abrigar as culturas mais sensíveis ao frio e para a preparação de mudas de verduras em 2015. Investimos no aumento da captação da água da chuva para irrigação dos canteiros e para não sobrecarregar as nascentes do Território com o consumo em 2016. Iniciamos também um trabalho de piscicultura em pequena escala, com a criação de carpas para autoconsumo em um açude integrado ao sistema agroflores-

tal agroecológico a partir de 2015 e 2016. Seguimos fazendo atividades de ensino-aprendizagem para estudantes de escolas e universidades da região. Hoje temos o envolvimento direto das sete famílias existentes no Kilombo, de oito pessoas adultas, do total de 24 moradores(as), com o manejo agroecológico na CoMPaz, sendo cinco mulheres e três homens.

As crianças e jovens de três a dezoito anos (dezesesseis pessoas no total) também estão integradas nas cirandas as práticas de zelo, cuidado e aprendizagem realizando vivências periódicas com os adultos que são responsáveis pelo Sistema Agroecológico Kilombola. O projeto Oju Ayiê contou com apoio do Fundo Socioambiental CASA , com o aporte de recursos financeiros (2014), a Rede Orientada ao Desenvolvimento em Agroecologia da UFRGS (Rede RODA), com apoio e capacitação técnica, bem como a Rede de Sistemas Agroecológicos Agroflorestais do Sul (Rede SAFAS). A participação nessas redes tem contribuído para o intercâmbio de saberes, fazeres e viveres que têm sido aplicados para o fortalecimento das nossas práticas agroecológicas internas. Tudo o que temos acesso em termos de novos saberes partilhamos com grupos e pessoas interessadas na temática que visitam a CoMPaz ou aqueles que participam de nossas palestras e encontros externos. Sobretudo, a participação da Comunidade Morada da Paz nas redes fortalece as ações do kilombo e estimula os mais jovens à troca de experiências e os mais velhos à comunhão, pois faz com que percebamos que não estamos sós.

Há um forte engajamento de todos e todas da CoMPaz no desenvolvimento das atividades, propondo e participando das oficinas e vivências realizadas. A integração intergeracional é muito importante, entre jovens e adultos. As mulheres dentro do nosso Território são maioria, imprimindo uma característica feminina de zelo e cuidado com a terra ao Projeto Oju Ayiê.



Figura 36: Orgânicos da estufa CoMPaz. Acervo CoMPaz.

Há as plantas que são consideradas sagradas pelo nosso povo, que são utilizadas nos nossos rituais (arruda, manjeriço, guiné, alecrim, alevante, malva cheirosa, entre outras) e processos de cura tradicionais para o povo negro (benzeduras, rezos). O cultivo dessas plantas através do Projeto Oju Ayiê foi potencializado com o desenvolvimento do Sistema Agroecológico Agroflorestal na CoMPaz e isso é muito importante para nós, porque a nossa relação com a terra está intimamente ligada às nossas práticas espirituais e às nossas divindades. Realizamos nossas orações para o plantio, irradiamos durante o desenvolvimento das plantas e agradecemos à terra quando da colheita, pois reconhecemos nela uma consciência que nutre a vida. Há verduras que são utilizadas na nossa gastronomia ritualística e, a partir do Projeto Oju Ayiê, foi possível garantir que a sua procedência fosse da CoMPaz, sem necessidade de compras no mercado externo, pois conseguimos construir uma estufa, semear essas culturas e evitar a incidência do frio e da geada sobre plantas muito sensíveis, como a mostarda, utilizada na preparação de um prato sagrado para o ritual do Terreiro de Chão Batido, que faz parte da nossa agenda anual e ocorre no segundo sábado do mês de junho.

Temos também em nossa estufa o Baobá, árvore de origem africana, que é sagrada para o nosso povo e que só pôde ser plantada porque essa estufa construída a partir do Projeto Oju Ayiê possibilita a ela um micro-clima tropical favorável ao seu crescimento. Assim esse Projeto contribuiu muito para a salvaguarda deste patrimônio cultural imaterial da CoMPaz que é a sua ecoespiritualidade.

O Projeto favorece a salvaguarda desses saberes, na medida em que potencializa o cultivo de espécies que são importantes para a gastronomia e a medicina do nosso povo, para nossos rituais e celebrações. Assim mantemos viva a nossa memória e nossa cultura para que as gerações futuras continuem essa vivência ancestral profundamente conectada com as nossas divindades e com os seres da terra.

A CoMPaz se beneficia economizando em compras externas, comercializando ou trocando excedentes, consumindo alimentos saudáveis, partilhando saberes e viveres e gradativamente melhorando seu nível de soberania e segurança alimentar e nutricional. Também conseguimos aumentar a quantidade de ervas medicinais utilizadas para o preparo de chás, pomadas, banhos e fluídos caseiros. E mantemos e sustentamos a morada de nossos Orisás e Divindades!

Esta prática agroecológica é uma prática exitosa de recuperação da terra aliando o uso de saberes agroecológicos ancestrais e contemporâneos. Há um know-how construído pela CoMPaz na sua área de agroecologia, que a coloca como uma referência na sua biorregião nesse tipo de manejo com a

terra. Estamos constantemente aprendendo com o estudo e a aplicabilidade na nossa vivência agroecológica, em sintonia com as nossas divindades, qualificando nossa metodologia no cultivo de verduras, legumes, árvores frutíferas e ervas medicinais, fortalecendo a ecoespiritualidade na CoMPaz. Impactamos na promoção do cultivo agroecológico com a experiência Kilombola na região, estimulamos a integração intergeracional nesta esfera de produção de riqueza; produzimos e partilhamos riqueza e sustentabilidade com os mais novos e o respeito aos mais velhos, assim como o zelo e cuidado com a terra que é morada de nossos orisás e divindades; também realizamos um trabalho pedagógico sobre a origem dos alimentos e os modos de plantio sustentável-ecológico-orgânico; assim refletimos sobre o (plantar-cuidar-esperar-colher-partilhar) partilhar-colher-esperar-cuidar-plantar como um ato político e revolucionário e nós estamos fazendo isso aqui no Kilombo!



Figura 37: Plantio Com Vida (2018). Acervo CoMPaz.

## REFERÊNCIAS

Vivências na Comunidade Kilombola Morada da Paz 2003 a 2020 – Território de Mãe Preta – Vendinha, Triunfo/RS.

Ipádès Yás e Bábàs da CoMPaz: 2003 a 2020 – Território de Mãe Preta – Vendinha, Triunfo/RS.

## OȘÛPÁ: CLÃ DA LUA NOVA TRADIÇÃO E EKOESPIRITUALIDADE EM TERRITÓRIO DE MÃE PRETA



Figura 38: Projeto Akotirene Kilombo Ciências. Acervo Akotire CoMPaz.

Clã Oșùpá é um rito realizado por mulheres kilombolas de diferentes gerações: Yaôs – iniciadas na ritualística africanista, Yalossae – guardiã do Așé das ervas sagradas, que têm a permissão, a bênção e são preparadas em ritual próprio para cuidar e zelar das ervas medicinais da Comunidade Kilombola Morada da Paz e celebram a relação de respeito, reciprocidade e de complementaridade com a natureza. Estas mulheres são escolhidas pelo Conselho Sagrado de Yas e Baba, onde recebem a licença dos Orishás Ossae, Ewá, e Iroco para que suas mãos auxiliem no cuidado espiritual de todos os moradores do Kilombo de Mãe Preta da Nação Muzunguê, daquelas pessoas ligadas ao Kilombo e de quem mais necessitar.

O Clã Oșùpá realiza o ritual no quarto dia da Lua Nova, este dia foi escolhido pela potência de força que esta fase da lua exerce sobre as plan-

tas, a terra e a água. Os encontros iniciam-se no turno da manhã e seguem no turno da tarde. O Clã inicia seu preparo no despertar: no primeiro é feito o caminho de oração até a ciranda da fogueira. No segundo momento são realizados os banhos de ervas – para limpeza e harmonização dos corpos físicos, emocionais e espirituais – e depois as mulheres vestem seus Axós e reúnem-se para ir ao templo da Nação Muzunguê onde o rito é realizado.

O Oşùpá Clã do Rito da Lua Nova inicia seus ritos pedindo licença para as entidades das matas Ossae, Ewá e Iroko invocando a força ancestral através dos Orins (rezos sagrados dos Orishás). Logo após a abertura do rito as Yaôs e Yalossae vão em direção à Sala da Terapia, também conhecida como Sala Azul, que fica dentro do Templo da Nação Muzunguê. A Sala da Terapia é um espaço de refazimento dos corpos físico, emocional e espiritual; da cura que vem do cosmos interior de cada ser na sua individualidade. Neste espaço são guardados os fitoterápicos preparados pelo Clã, e é, principalmente, um lugar de estudo e diálogo com as entidades espirituais que muito nos ensinam sobre o cuidado e compreensão destes corpos. Estas entidades espirituais são por nós conhecidas como médicos do astral superior. Com frequência reafirmam que este rito só é possível porque: “homens e anjos caminham juntos”, ou melhor, mulheres caminhando juntas. Existe uma particularidade quando citamos mulheres, pois somos a maioria na Comunidade e somos, muitas vezes canais de manifestação destas entidades.

As Yaôs preparam a mesa do Clã com todos os elementos que a compõem: o ojá (toalha sagrada), o incenso, as xícaras, o bule, as bacias, a água, as ervas medicinais e outros elementos necessários no decorrer do preparo. Após a mesa posta as Yaôs e Yalossae apanham suas cestas de colheita e vão em direção ao espaço Arakitembo Ti Ossae (espaço de salvaguarda, plantio e colheita, cuidado e zelo com as ervas medicinais; e o respeito com o tempo do corpo com as bênçãos de Ossae).

A fase de colheita é sempre iniciada com o Orin *Kosi ewe, kosi Orishá* (Sem folha não tem Orishá). Este Orin é um rezo sagrado para o Orishá guardião das folhas.

A escolha das ervas se dá após diálogo das Yaôs e Yalossae e, principalmente, no processo intuitivo de cada uma das mulheres, através do qual percebem o chamado das ervas que estão prontas e desejam ser colhidas. A propriedade medicinal da planta é um elemento muito importante, mas é quando a maceração da erva inicia que se dá a manifestação mais potente deste movimento: a conexão das mãos das mulheres com o espírito das ervas. Nesta alquimia vão surgindo os elementos fitoterápicos: os banhos, os fluídos, as tinturas, as pomadas, os sabonetes, entre outros.



Figura 39: Clã Osúpá e Omorodê e o-madê da Comkola Epè Layiè.



Figura 40: Madressilvas cultivadas no Território de Mãe Preta. Acervo CoMPaz.

Os elementos alquimicamente transformados beneficiam todos os moradores e moradoras da Comunidade Kilombola Morada da Paz, Território de Mãe Preta – CoMPaz, da Nação Muzunguê. Alguns destes elementos compõem os ritos diários dos moradores. Cada Yaô, Ogan (homens guardiães do Território), O-madê (crianças), Odomode (jovens), Yas e Baba, recebem seus fluídos em ritual de entrega com a participação dos O-madê, na partilha de saberes e fazeres ancestrais.

Estes benefícios também são ofertados a outras pessoas em eventos, vivências e ritos realizados ao longo do ano.

A experiência do Oşúpá Clã da Lua Nova vem demonstrando que todos devem compartilhar os saberes e fazeres ancestrais, guardados na memória dos povos que constituem nossas matrizes e na memória das plantas sagradas que habitam o nosso Território.

“Plante, cuide, regue, colha, distribua e aprenda a ofertar amor” nos ensina nossa Yabá Ancestral, Mestra Espiritual do Território, Mãe Preta. O ensinamento ofertado por nossa Yabá reverbera em nossas preces práticas e nutre o propósito de salvaguarda do patrimônio imaterial manifestado no jeito de ser e viver CoMPaz. Um exemplo disto é quando os O-madê, em suas andanças pelo Território reconhecem as ervas medicinais e brincam de preparar banhos e fluídos para os moradores. A partir disso é que o rito é realizado como prática pedagógica e ancestral na Escola Comkola Kilombola Epè Layiè, espaço educativo não formal, situado dentro da Comunidade Kilombola Morada da Paz, destinado ao ensino dos O-madê e demais integrantes do Kilombo. Outro resultado que demonstra a importância do rito protagonizado por estas mulheres é a condição de vitalidade dos moradores sem a dependência de medicamentos alopáticos.

Outro resultado que se destaca é a preservação de espécies nativas e medicinais raras, fato que deu origem, em 2016, a um Calendário de árvores e espécies nativas raras, presentes em nosso território. A elaboração do calendário partiu do curso de biologia da UFRGS. As mulheres construíram uma cartilha das ervas medicinais cultivadas dentro do Território e que já está indo para a segunda edição.

Quem tem como práticas ancestrais o cultivo e o manejo das ervas medicinais, descobre a ciência que o Kilombo de Mãe Preta revela através da força feminina que acompanha as fases da lua no céu de seu próprio território. Vendo neste processo inúmeras possibilidades de compartilhamento, cuidado, acolhimento para todos os seres. O encantamento e força do rito protagonizado por estas mulheres salvaguarda a vida e os saberes para as próximas gerações.



Figura 41: Clã Oşùpá. Acervo Clã da Lua Nova.



Figura 42: Ensino de preparo de unguentos e fluídos para estudantes da escola secundária da região. Acervo CoMPaz.



## QUANDO O ORISHÁ É O CURADOR: A VISÃO DE SAÚDE COMPAZ

Pensar saúde na Comunidade Kilombola Morada Paz/CoMPaz – Território de Mãe Preta e Nação Muzunguê, significa pensar o jeito de ser e de viver que se originam nas matrizes ritualísticas indígenas, afrodescendentes e budhista mahayana, constitutivas deste território, e que vem sendo recuperadas pelo conjunto de saberes e viveres dos moradores guardiões do Território. E, compreendendo que esta é uma vivência singular este relato tem como objetivo dialogar sobre alguns aspectos da percepção de saúde na Comunidade Kilombola Morada da Paz, partindo da compreensão de que a saúde é determinada pelos modos de ser e viver que nos constituem. Para isso apresentaremos a Comunidade, a noção de pessoa e aspectos do nosso nascer e viver que impactam a nossa condição de saúde no território.



Figura 43: Flores de Omùlù no Caminho de acesso à ciranda da fogueira. Acervo CoMPaz.

### A COMUNIDADE

A Comunidade é para nós, o lugar de (re)existir. Um modo de viver que se organiza a partir de um propósito que sustenta a compreensão de que tudo e todos estão interligados. De que todas as formas de vida são

coexistentes e de que a harmonia e o bem viver estão condicionados ao respeito às diferenças, à noção de interdependência e a uma vida sagrada.

Na década de 90, quando nós, hoje moradores da comunidade nos reencontramos, havia a certeza do que desejávamos abdicar em nossas vidas: a sensação de desconforto coletivo e os males provocados pela individualidade, competitividade, artificialidade, o sofrimento emocional e espiritual frequentes, o adoecimento físico, entre outros. Ainda não havíamos despertado para a atuação étnico racial, mas o desconforto com a desigualdade, com as expressões do racismo e a ausência de valorização social sobre os aspectos identitários e culturais dos povos já eram sentidos individualmente, pelos futuros moradores da Comunidade. E sabíamos que negar a pulsão de vida que é constitutiva do paradigma civilizatório originado nessas matrizes ancestrais e que até os dias de hoje são guarnecidas pelos anciões, iria impor a cada um sofrimento que não sabíamos nominar, mas sentíamos. Viver em comunidade foi para nós, moradores da Comunidade Kilombola Morada da Paz, uma escolha consciente e na contramão dos modelos familiares e sociais hegemônicos até então conhecidos ou vivenciados pelo grupo. O surgimento da comum-idade em nós foi fruto da escuta da ancestralidade africana e indígena que pulsa na memória do nosso povo e que hoje nos identifica como Kilombolas.

Ao se constituir fisicamente em 2002, a Comunidade vai reconhecendo e fortalecendo a compreensão de que há vida em diferentes formas de existir: há vida na pedra, na madeira, no vento. De que nada no universo existe sem um sentido e um propósito, de que a natureza é interligada, de que a comum-idade está onde tudo se encontra, onde tudo se relaciona a partir de princípios fundamentais comuns. E o Território vai se tornando eminentemente espiritual e sagrado, onde o agir se define pela unidade e pela interconexão do jeito de ser e de viver e onde tornam-se irmãos aqueles que partilham dos mesmos princípios.

## A PERCEPÇÃO DE PESSOA

Na Comunidade Kilombola Morada da Paz o cuidado se fundamenta através das dimensões bio-mento-espiritual, que constituem a vida. A partir destas dimensões a saúde pode ser preservada, recuperada e expandida. E nesta perspectiva, é necessário compreender a noção de pessoa na CoMPaz.

Para nós toda pessoa é um ser integrado a diferentes formas de vida, seres sencientes e, portanto, responsável por esta coexistência. É um ser que vive em unidade, de natureza sensível e coexistente inata a todos os seres, mas que pode ser expandida e cultivada de modo específico pelo

humano. A pessoa é percebida a partir de sua comunidade de vida e não há sentido em existir em si mesma.

Mergulhando em nossas raízes africanas e afrodescendentes consideramos que a pessoa é um ser espiritual, é composta pela tríade Ará, Emi e Ori. O Ará é a unidade física(bio) guardiã do espírito(alidade); do Emi: das memórias, dos pensamentos, das emoções, das energias, dos saberes, da mente. O Ará é o veículo em movimento constante, que se produz e se re-produz como agente consciente da comum-unidade. A pessoa é então capaz de sentir, dialogar e manifestar realidades diversas a partir do seu próprio Ará/corpo. É dotada da capacidade de interligar realidades manifestando e se comunicando com diferentes temporalidades, algo que podemos nominar como incorporação, fenômeno mediúnico, onde um humano possibilita que se manifestem outras realidades, humanas ou não humanas, a partir do seu Ará. A pessoa é um canal, um meio de manifestação. E, consciente ou não dessa natureza intrínseca, pode se relacionar com a pedra, com a árvore, com o fogo, com a água, com o Orishá.

Orishá para CoMPaz é a divindade dos elementos que guardam a memória primordial da vida tal como ela é conhecida desde a sua origem.

O Emi, mente/alma, guarda a respiração divina que habita em nós e que possibilita a cada pessoa manter a conexão com realidades interdimensionais, com diferentes seres e com a sua memória primordial.

O Ori é a divindade singular que rege a existência corpórea, marca da identidade da pessoa no universo.

O Ará, o aspecto físico, biológico da existência, acumula a memória celular, emocional e energética das experiências familiares, hereditárias, ambientais, sociais, entre outras. Estas memórias são igualmente determinantes na manifestação de uma condição de saúde e/ou adoecimento.

## NASCER E VIVER COMPAZ

O cuidado expresso no jeito de ser e viver CoMPaz se inicia quando cada espírito (ser não visível no Ayiè, dimensão terrena da vida), solicita a nossa Yabá Ancestral Mãe Preta a permissão para o seu retorno ao Ayie, na condição de filho ou filha de um dos integrantes moradores do território<sup>23</sup>. Aspectos da história deste espírito estão gravados no seu Emi. Aceito o seu

---

23 Tal como em diversas tradições espiritualistas e reencarnacionistas, entendemos que o espírito tem consciência do seu retorno ao Ayie, e, em partilha com os grandes Mestres do Universo, em nosso caso Mãe Preta, definem em que momento e com que propósito retornarão ao Ayie.

retorno, o reencarne deste espírito passa a ser preparado com a aproximação dos progenitores.

Por meio de canalizações, incorporações, sonhos e toda forma de comunicação possível para os médiuns da Nação Muzunguê, podemos acessar os registros memoriais desse espírito. Os progenitores ao conceberem passam a adotar hábitos alimentares e cuidados físicos. Mas para além destes há um cuidado mento-espiritual guiado pela sabedoria de nossa Yabá, que afirma que *todos são filhos e filhas do amor universal* e assim sendo, todos devem ter, em algum momento, a possibilidade do reencarne, da reconstrução e do fortalecimento do propósito divino no Ayie. São exercitadas condutas mentais, leituras, músicas, práticas e ritos espirituais que possam fortalecer a conexão deste espírito com o seu propósito do reencarne vindouro.



Figura 44: Pés de (re)constru(ção)ir. Acervo CoMPaz.

Gestação e parto são acompanhados pelos Orishás, deidades e toda a ordem de espíritos humanos e não humanos a serviço da Grande Fraternidade Resplandecente e Universal<sup>24</sup>, a quem serve a Nação Muzunguê.

---

24 Comprendemos que o Planeta Terra é um dos componentes do Cosmos. O Cosmos é constituído por inúmeros planetas, estrelas, galáxias, vidas humanas e não humanas. A Nação Muzunguê reconhece e é reconhecida pelas Fraternidades que coexistem com o Planeta Terra. Somos guardados e orientados por Mestres e Mestras Ascensionais e Ascencionados que pela sabedoria e virtudes alcançadas ao longo de suas existências, orientam a harmonia do universo. A Nação Muzunguê, por seus princípios éticos fundamentais, está ligada à Grande Fraternidade Resplandecente e universal, mantendo vivos no Ayie o seus modos de ser e viver.

Nascer e viver CoMPaz é continuamente um ato de cuidado, de acolhimento, de reverência a vida, recuperado através dos saberes e viveres do povo negro afrodescendente, dos povos indígenas e do dharma semeado pelo budhismo tibetano mahayana. Compreendemos que a condição de saúde é um processo que demanda de cada pessoa e da comunidade, autoconhecimento, respeito, receptividade, determinação, compreensão, solidariedade, gratidão, amor, comum-idade e fé.

Quando pensamos em saúde e adoecimento, a nossa experiência de vida, anterior à Comunidade revela que as pessoas, na maior parte das vezes, são consideradas individualidades. Observamos que quando uma pessoa manifesta em seu Ará algum desconforto físico e emocional, em geral, é considerado que esta pessoa está doente, havendo a necessidade da busca de *um profissional de saúde* para avaliar e intervir no processo de adoecimento, com medidas terapêuticas que, de modo geral, agem a partir da ingesta de elementos externos ao corpo, direcionados aos sintomas mais evidentes. Na maior parte das vezes não é considerado que a desarmonia possa ter origem em processos coletivos da comunidade de vida deste indivíduo e, ainda que se considere o ambiente familiar e/ou social como causador, o tratamento é direcionado ao indivíduo.

Na compreensão CoMPaz, o desconforto físico e/ou emocional é, primeiramente analisado como desarmonia e desalinhamento dos fluxos bioenergéticos e espirituais corpóreos. Em nosso cotidiano é parte do convívio e do cuidado perguntar: o que houve? Como você dormiu? O que fez e com quem esteve nas últimas horas? O que você sonhou? O que o está preocupando? Você tomou água hoje? Estas e tantas outras questões da vida são parte da autoavaliação e do cuidado da comunidade com todos os seus moradores e guardiões.

Também são observados aspectos da comunidade de vida: como estamos, tensões e desafios coletivos, condições ambientais, alimentares e bioenergético espirituais do Território. O zelo cotidiano aos aspectos citados oferece elementos para que a condição de saúde, de alinhamento bioenergético e espiritual se mantenha presente na maior parte do tempo.

## A CIÊNCIA DOS ORISHAS E OS SABERES DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS

*Se você é de rodar  
Ou se é de bater tambor  
Faça o favor,  
Tome um banho de abo...  
Mas pra se ter a certeza  
Que banho só traz axé  
Seja banho de cheiro,  
Banho de arruda,  
Banho de guiné.  
É pois é o mais importante é a fê  
(Banho de fê, Fundo de Quintal)*

Alguns caminhos fundamentais foram trilhados ao longo dos anos de existência da Comunidade e estes foram constituindo e aprofundando práticas e saberes que possibilitam o diálogo entre o ancestral e o contemporâneo. Todas estas práticas e saberes têm o mesmo fundamento: a consciência do sentido de existir. Dentre estas podemos citar:

- A elaboração e revisão contínua do projeto de vida;
- A maternidade e paternidade espiritualizadas;
- O cuidado com a saúde alimentar (orgânica, ovolactovegetariana, alinhada às necessidades biológicas e energéticas, jejum, água irradiada);
- O uso correto da palavra (Asè de fala, a reverência a ancestralidade, os Rezos entoados, Ipádè dos sentimentos);
- O cuidado ambiental integrado (defumação, trilha, açude, fogueira, Adehun);
- O cuidado com o Ará (banhos de folhas, dança, o toque do tambor, pés no chão, escalda pés, banhos de assento);
- A partilha (os O-madês como centro do cuidado, a brincadeira, a arte, a Economia Afetiva, a hierarquia circular, o propósito).

*“Vocês são todos filhos e filhas do amor universal”* diz a nossa Yabá Ancestral, Mãe Preta. A consciência da potência de vida como princípio divino é para nós a evidência de uma condição de saúde. O Kilombo sempre esteve presente na Comunidade, mas nós só o percebemos quando nos reconhecemos como mulheres e homens negros e negras e indígenas

re(existindo). Quando reconhecemos a Fonte e recordamos as experiências e os modos de viver dos nossos povos originários a potência de vida (e de saúde) se manifesta na sua melhor condição. Esta condição se refere à capacidade de sentir e saber que o cuidado com nossos corpos, com a nossa mente, com o nosso espírito pode ser diferente e que pode ser realizado a partir de cada pessoa e a partir do Território.



Figura 45: Espaço de Cura. Acervo CoMPaz.

O Orishà é o nosso Curador! Na cosmovisão CoMPaz os Orishàs são as divindades da Nação Muzunguê, originadas em nossa ancestralidade africana, e que carregam a força, a sabedoria das águas, das folhas, do fogo. Atuam no cosmos compartilhando com os seres sencientes sem assumir o domínio ou a direção por nossas escolhas. Mas do mútuo reconhecimento pode se originar uma relação de cuidado e de harmonia entre mundos.

“Não somos deuses, apenas vemos o que você não vê, estamos em perspectivas dimensionais diferentes e assim podemos nos complementar”. Diz Dr. Thyélo, médico da equipe espiritual que compartilha com os moradores da CoMPaz os seus saberes. Esta equipe é formada por humanos e não humanos, orishás, pajés e por todos que constituem a Nação Muzunguê. A experiência mediúnica é o meio pelo qual a comunicação se estabelece e o cuidado direcionado ocorre. Os saberes e fazeres compartilhados são registrados e aplicados às situações previamente avaliadas e definidas. Sendo assim, o exercício do cuidado contínuo não nos exime da necessidade de intervenções agudas em processos de desarmonia bioenergéticos

e espirituais corpóreos. Nossas práticas, contudo, nos levam ao êxito da prevenção da exposição a fatores de risco, da diminuição da probabilidade do surgimento e manifestação de doenças presentes no código genético e mento-espiritual. E nos casos de desalinhamento (adoecimento) a utilização de recursos menos invasivos.

O que vivemos na CoMPaz produz uma ciência genuína, que pode ser, e é ofertada a todas as pessoas que partilham do nosso convívio e ritos. Assim fazemos a cada dia e a cada rito, como no Muzunguê, na Quinta do Asê, no encontro do Clã da Lua Nova, nos encontros e celebrações anuais do Sagrado Feminino, Masculino e dos Metaã, na Colônia de Férias, entre outros tantos momentos em que a ciência do cuidado ancestral ganha vida e sentido para cada pessoa que se permite experimentar o Jeito de Ser e Viver CoMPaz. A interconexão com todos os seres sencientes sustenta a memória dos processos que passam a ser vividos e sentidos por aqueles que se conectam energeticamente e espiritualmente em qualquer lugar, a qualquer tempo. O Ará traz a consciência da manifestação aproximando as intenções, desejos, ideias. Todo o conhecimento é parte da vida. Viver em comunidade é viver por um propósito comum que não isola e não inibe por si só a ocorrência de adoecimento. Saber e viver esta perspectiva é o que aciona essa rede energética, inspira e transpira o cuidado em todas as direções.

Nossa mais profunda aspiração é de que *A Morada Curandeira* possa ser também a morada de cada um, através dos seus próprios modos de existir, sentir e agir, universo pelo qual seremos infinitamente lembrados.

*Asê!*

## REFERÊNCIAS

- CAPRA, Fritjof. *O Tao da Física: um paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.
- CLÃ DA LUA NOVA, COMUNIDADE KILOMBOLA MORADA DA PAZ. *O Poder , o Cuidado e a Utilização das Ervas na Cosmovisão da Nação Muzunguê*. CoMPaz: Chuva de Luz, 2017.
- COMUNIDADE KILOMBOLA MORADA DA PAZ. *Dizidedores da Mãe Preta*. CoMPaz: Chuva de Luz, 2018.
- BRENNAM, Bárbara Ann. *Mãos de Luz: um guia para cura através do campo de energia humana*. 29. ed. São Paulo: Pensamento. 2014.

- DAVIDSON, John. *Energia Sutil: como se manifestam as energias que estão além da nossa percepção normal e como podemos fazer uso delas*. 12 ed. São Paulo, Pensamento, 1997.
- DOCUMENTOS E REGISTROS DA COMUNIDADE KILOMBOLA MORADA DA PAZ – TERRITÓRIO DE MÃE PRETA.
- FLORES, Luiza Dias. “A Morada é uma curandeira”: o feminino enquanto força. *Revista de Antropologia*, Campos, [S. I], v. 19, n. 1, jan. 2019. ISSN 2317-6830.
- GYEKYE, Kwame. Person and Community in African thought. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P. J. (eds.). *The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002. p. 297-312. Tradução para uso didático por Thiago Augusto de Araújo Faria, Pessoa e Comunidade no Pensamento Africano. Disponível em: [https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/kwame\\_gyekye\\_-\\_pessoa\\_e\\_comunidade\\_no\\_pensamento\\_africano.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/kwame_gyekye_-_pessoa_e_comunidade_no_pensamento_africano.pdf). Acesso em: 25 jun. 2019.
- HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. La notion de personne en Afrique Noire. In: DIETERLEN, Germaine (ed.). *La notion de personne en Afrique Noire*. Paris: CNRS, 1981, p. 181-192, por Luiza Silva Porto Ramos e Kelvlin Ferreira Medeiros, A noção de pessoa na África Negra. Disponível em: [https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/amadou\\_hampaté\\_bâ\\_-\\_a\\_noção\\_de\\_pessoa\\_na\\_áfrica\\_negra.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/amadou_hampaté_bâ_-_a_noção_de_pessoa_na_áfrica_negra.pdf). Acesso em: 25 jun. 2019.
- NOBLES, Wade W. Shaku Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. In: *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- MOTOYAMA, Hiroshi. *Teoria dos Chakras: ponte para a Consciência Superior*. 9. ed. São Paulo: Pensamento, 1993.
- REYO, Zulma. *Alquimia Interior*. 12. ed. São Paulo: Ground, 1996.



# AS PRÁTICAS ALIMENTARES EM UMA COMUNIDADE KILOMBOLA: UM ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE MORADA DA PAZ = TERRITÓRIO DE MÃE PRETA

A CoMPaz se mantém através de recursos próprios dos seus moradores que trabalham remunerados em serviços externos, doações regulares e eventuais. Não há o apoio do governo ou de empresas através de projetos até este momento. Há um caixa único comunitário constituído pelas entradas através das fontes citadas. A área de planejamento e gestão de recursos delibera com os representantes das demais áreas a aplicação dos recursos para custear as despesas com alimentação, transporte, educação, vestuário, entre outras necessidades.

A CoMPaz procura desenvolver uma relação de sustentabilidade, nas suas relações internas, com o meio ambiente e com seus parceiros e colaboradores.

Capra (2002, p. 238) afirma que:

As comunidades sustentáveis desenvolvem seus modos de vida no decorrer do tempo mediante uma interação contínua com outros sistemas vivos, tanto humanos quanto não-humanos. A sustentabilidade não implica uma imutabilidade das coisas. Não é um estado estático, mas um processo dinâmico de coevolução. A definição operativa de sustentabilidade exige que o primeiro passo no nosso esforço de construção de comunidades sustentáveis seja a alfabetização ecológica, ou seja, a compreensão dos princípios de organização, comuns a todos sistemas vivos, que os ecossistemas desenvolveram para sustentar a teia da vida.

## AS PRÁTICAS ALIMENTARES NA COMPAZ

As práticas alimentares podem ser entendidas como parte da filosofia de vida da CoMPaz, seu *ethos*, construído a partir do seu movimento originário, o Cosmos. Neste sentido, Geertz (1978), explica melhor:

Os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo *ethos*, enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo *visão de mundo*. O *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A *visão de mundo* que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade.

A gestão da nutrição fica a cargo de um membro do Conselho Gestor. Não há um prazo estipulado para que o mesmo ocupe a função, sendo que estatutariamente o máximo previsto é de três anos. São realizadas as seguintes refeições no dia a dia: café da manhã, almoço, lanche, janta.

## O HISTÓRICO DA ALIMENTAÇÃO NA COMPAZ

Sobre a trajetória da alimentação na história do movimento e o seu significado, S. J., refere que:

Deixamos de nos sentir escravos e obrigados a consumir determinados alimentos considerados saborosos, necessários, como as carnes, o refrigerante, os industrializados e outros de fonte não orgânica. O que num primeiro momento foi uma orientação médica passou a ganhar sentido e força interna

A alimentação é um caminho para uma melhor condição de saúde holística, uma das linhas de ação da CoMPaz. Não há o consumo de álcool ou tabaco, carne vermelha, nem há a permissão para isso, pois é contrário à filosofia da Comunidade que prima pela alimentação como uma forma de equilíbrio físico, energético, mental, emocional e espiritual. S. J. relata que:

Em 1999, enquanto grupo de estudos, passamos a estudar a constituição bioenergética do ser humano e iniciamos uma série de questionamentos sobre o que de fato o nosso corpo biológico, nossos corpos energéticos necessitavam para encontrar estados de harmonia e equilíbrio, que promovessem saúde e fossem componentes efetivos nos processos de cura e recuperação. Buscamos orientação em di-

versas áreas do conhecimento, principalmente na medicina naturalista, nas filosofias orientais, na agroecologia, no saber popular, mas principalmente em processos de auto observação intuitiva. Quanto a esse último, talvez se configure como um dos nossos principais aliados, pois dessa vivência decorre o autoconhecimento a percepção interna, singular e subjetiva de nossas necessidades bioenergéticas. Outro resultado desse movimento foi o reconhecimento dos biorritmos. Embora “naturais” os alimentos não deveriam ser consumidos com o mesmo modo de preparo, nos mesmos horários e com a mesma frequência. Uma mesma substância/ingrediente, usada por diferentes pessoas poderia alcançar propriedades igualmente diferentes.

A prática da alimentação vegetariana sempre acompanhou a história da CoMPaz, sofrendo algumas adaptações durante o seu transcorrer, como a inclusão do ovo e do leite e seus derivados no cardápio das refeições, assim como o peixe, eventualmente, como forma de complementar as necessidades vitamínicas e proteicas do corpo. Neste sentido, Garine (1987) salienta que:

Cada grupo social possui seus valores, seu estilo de vida e um registro alimentício que contribui para ilustrá-lo. Em função de critérios muito variados, cada grupo realiza uma seleção entre numerosos recursos que lhe são oferecidos, o que limita as possibilidades de ver estabelecido, como às vezes se imagina, um modelo alimentar uniforme.

Fernández-Armesto (2004), relata ainda que:

Desde a antiguidade, dietas totalmente vegetarianas foram aprovadas por sábios conscientes dos efeitos benéficos de todos os tipos de austeridade e por críticos da arrogância humana que afirmam ser superiores aos animais.

A prática de uma alimentação vegetariana era compreendida como um fator necessário à purificação dos corpos para o exercício das atividades espirituais, pois à ingestão da carne, sobretudo a carne vermelha, é atribuída uma densidade energética que incorporada ao organismo acaba

prejudicando a sensibilidade, além de acarretar uma série de riscos à saúde. Sobre este aspecto, S. J., explica melhor:

Considerando ainda a questão bioenergética, passamos a nos deparar com o dilema de ter que consumir produtos como verduras, legumes, grãos e de origem animal (como leite, ovos, queijos) dos quais não temos capacidade de produção, sabidamente contaminados por agrotóxicos, hormônios, geneticamente modificados, e outros. Em alguns casos optamos por: eliminar da dieta coletiva produtos considerados nocivos, capacitação para produção, trabalhar com o magnetismo para eliminação e transformações moleculares nesse alcance, compra nas feiras ecológicas, diálogo com produtores locais para esclarecimento quanto ao plantio agroecológico e, num âmbito mais geral participamos de atividades, eventos públicos com relatos sobre a nossa experiência. É importante destacar que a eliminação das carnes e seus derivados têm como base princípios nutricionais, e na mesma medida de importância, filosóficos. Compreendemos que diante do grau de evolução do ser humano, das necessidades alimentares humanas desse contexto sócio-histórico, e da crueldade com que são tratados os animais criados para o abate e produção de derivados, não há como manter o consumo descompromissado. Em estudos realizados quanto ao aspecto bioespiritual do consumo e do abate, tivemos acesso ao estado energético alterado de quem consome, e o profundo sofrimento vivido pelos animais submetidos ao cárcere, alterações genéticas e hormonais, bem como o processo de morte.

## O SIGNIFICADO ESPIRITUAL DA ALIMENTAÇÃO NA COMPAZ

*Comer junto é um ato de Unidade humildade político e revolucionário*  
(Aurilene, Belém, 2019)

Na CoMPaz, alimentar-se significa prover de energias benéficas e salutares os corpos, como paz, fé, amor, respeito, humildade, solidariedade.

Não se ingere apenas o alimento, mas a energia com a qual ele foi preparado no nosso Templo Alquímico de Saúde Alimentar (TASA). Fernández-Armesto (2004), esclarece que:

Quando olhamos para uma banana ou um copo de suco de laranja, é provável que não compreendamos que há prana, ou energia universal neles, ou que o mesmo espírito que anima tudo vive, se mexe ou respira existe na comida, mas ele está lá, mesmo assim.

O movimento de preparar os alimentos, irradiá-los e ingeri-los são considerados sagrados na CoMPaz . Estes são momentos em que a fé nos princípios e valores da comunidade renovam-se, congregando a atenção dos membros para estes rituais que celebram a confraternização e também o agradecimento aos seres da natureza e também a todos que direta ou indiretamente possibilitaram que o alimento estivesse à mesa.

Sobre estas questões, S. J., explana mais:

Todo o alimento preparado pelos integrantes da CoMPaz além dos componentes necessários a nutrição recebe as emanções magnéticas oriundas do pensamento, emoções e sentimentos de quem os prepara e compartilha, em outras palavras, isso significa que nos alimentamos de nossas intencionalidades e sonhos. O que nos difere de algumas pessoas é a consciência no uso dessa capacidade, a qual não requer nenhuma habilidade anterior, mas tão somente a intenção, pois sabemos que independente desse saber o processo de magnetismo ocorre. Isso talvez, para algumas pessoas explique porque “a comida da mãe é sempre tão saborosa” e porque alimentos ingeridos em locais, aparentemente assépticos produzem um enorme mal estar.

Há a presença dos alimentos simbólicos ou sagrados presentes em determinados ritos da comunidade, como a canjica e a pipoca, consumidos em reuniões mensais, voltadas a espiritualidade. Isto simboliza segundo K. R. (27 anos), outra moradora da Comunidade, um ritual de socialização e compartilhamento, assim como a fartura, representada pelos grãos.

A partir da alimentação, as práticas espiritualistas são também trabalhadas com as crianças, como a irradiação, referida anteriormente, possuindo uma função educativa. Com os visitantes nos momentos das refeições,

esta prática também é realizada, ocasião em que é geralmente feita uma breve explanação sobre o significado deste ato e os princípios e valores da Morada da Paz.

Há períodos de recomposição energética na CoMPaz, onde as refeições são realizadas pontualmente em horários predeterminados. Ocorre então um preparo coletivo da alimentação, para alcançar este objetivo, reforçando através deste movimento a solidariedade e a união dos moradores e dos convidados para este movimento.

Ainda a respeito do significado espiritual da alimentação, K. R. (27 anos), afirma:

Sinto a partir da entrada no movimento uma mudança com relação a minha forma de cozinhar. Observo como estou me sentindo, e emano pensamentos positivos durante o preparo do alimento para que ele traga uma condição de equilíbrio e bem-estar quando for ingerido.

## ALIMENTAÇÃO E SUSTENTABILIDADE NA COMPAZ

Ocorre na CoMPaz a produção de alimentos orgânicos para autoconsumo, porém isto não eliminou a necessidade de aquisição de hortifruti-granjeiros de fontes externas, com produção convencional. A busca por uma alimentação orgânica estimulou a adoção de técnicas de sustentabilidade ligadas à permacultura<sup>25</sup>. Isto revela uma das principais preocupações da Comunidade: o equilíbrio das atividades humanas com o meio ambiente. Estas práticas e técnicas sustentáveis utilizadas diariamente também reforçam a filosofia e os princípios da Morada da Paz. Assim, tudo o que é colhido é agradecido a terra, sendo motivo de comemoração, simbolizando o fortalecimento dos propósitos de existência do movimento, por tudo que o alimento representa para seus moradores. Sobre isto, S. J., comenta que:

Já na CoMPaz a relação com a terra, o plantio, trouxe novos questionamentos quanto ao modelo de produção agrí-

---

25 A permacultura, conceito desenvolvido por Bill Mollison nos anos 70, traduzida por cultura permanente, procura recriar as condições mais favoráveis para o desenvolvimento dos vegetais cultivados, utilizando-se técnicas de manejo naturais, com insumos orgânicos e associações de cultura. É uma filosofia, poderíamos assim definir, porque visa integrar as atividades humanas ao ambiente natural com o menor impacto possível, e com um fluxo equilibrado de energia e movimentos entre ambos. Para conhecer mais sobre o assunto ver [www.permacultura.org.br](http://www.permacultura.org.br).

cola predominante e as formas de resistir a eles de modo sustentável. Iniciamos então uma incursão por um mundo até então teórico e distante para a maioria de nós, seres originalmente urbanos. Iniciamos o plantio de espécies variadas para consumo familiar, buscando auxílio e orientação de ambientalistas e trabalhadores da terra.



Figura 46: Comer juntos é um ato político e revolucionário. Acervo CoMPaz.

## ALIMENTAÇÃO E GÊNERO NA COMPAZ

Não há a distinção de gênero para o preparo da alimentação. Assim, homens e mulheres realizam este movimento. Isto representa a busca do equilíbrio entre as polaridades feminina e masculina em todos os aspectos de vida da Comunidade. Esta prática estabelece uma diferença com relação à família camponesa tradicional, onde a cozinha é um espaço feminino, como referido por Woortmann (2006). K. R comenta sobre isto:

Este é um avanço tanto para homens quanto para as mulheres, demonstrando que todos podem e tem capacidade de cozinhar. É muito boa a troca para provar também do tempero do outro, é um processo de cuidado, de carinho e algo tranquilo.



Figura 47: Preparar junto. Acervo Comkola Epé Layié.

## ALIMENTAÇÃO E SOCIABILIDADE NA CoMPaz

A alimentação é preparada no TASA, como referido anteriormente (o espaço social alimentar da CoMPaz). As cinco famílias a utilizam, respeitando as regras de convivência comum, definidas no manual da organicidade. No TASA são sinalizados nas portas dos armários e balcões os conteúdos neles presentes, para facilitar os trabalhos dos moradores e colaboradores voluntários.

O café da manhã é preparado coletivamente e é sempre uma refeição reforçada, com a presença de grãos (castanhas, amendoim, aveia, germe de trigo, linhaça), frutas (mamão, banana, abacate), leite, ovos ou peixes, pães caseiros, chimias, para haver uma sustentação energética para as demandas do dia a dia. Há uma grande exigência física nas atividades rotineiras que incluem as lidas da casa e atividades comunitárias (animais, hortas, construções) e em atividades externas. O café da manhã costuma ser a refeição que reúne todos os membros da comunidade, pois existem aqueles que trabalham fora. É o momento de maior troca e socialização das refeições, sendo a que melhor simboliza o modo de vida da Comunidade Morada da Paz. A respeito disso, uma colaboradora da Comunidade, R. F. (57 anos), pedagoga, relata:

Como colaboradora da CoMPaz há algum tempo, tenho a alimentação como referência de todas as atividades que participo. O café da manhã é um momento de participação de todos, sempre que possível, havendo variedades de nutrientes que irão dar condições ao corpo e a mente, para realização das tarefas de cada membro.

A alimentação desempenha um papel muito importante no acolhimento e integração das pessoas que chegam à comunidade. Há o preparo coletivo dos alimentos em eventos (seminários e oficinas), onde há a possibilidade de compartilhamento de saberes e vivências entre os membros participantes, o que enriquece muito as atividades. As pessoas trazem os alimentos que compõem a cesta solidária para as refeições. Ao término das refeições as pessoas podem visualizar o resultado do seu trabalho e aumentam a sua autoestima, o que faz demonstrar a união e a solidariedade no trabalho.

Sobre este aspecto, R. F. comenta:

Nos eventos, a participação de mais pessoas na elaboração das refeições é uma marca da Comunidade, que acredita na energia de todos para fortalecer e dar ao alimento sabor especial de participação e alegria. No início do evento, são recolhidas as contribuições que sempre são trazidas pelos participantes e colocadas em uma cesta chamada de Cesta Solidária. De acordo com as verduras, legumes, frutas e outros alimentos trazidos, é organizado o cardápio, contemplando toda a Cesta na elaboração de pratos saborosos, acompanhados de sucos, geralmente feitos com as laranjas e bergamotas da Morada da Paz.

Na relação da CoMPaz com a vizinhança, o alimento ocupa um espaço importante, refletindo a sociabilidade e a reciprocidade. São comuns o oferecimento mútuo de verduras, frutas, legumes, pães e bolos entre as partes, assim como o repasse de produtos recebidos através de doações. Sobre este aspecto, K. R. declara:

Também vejo isto como um processo de confraternização, de socialização. Este é um processo de cuidado, de carinho, de alimentar as pessoas com aquilo que tu gostas, com amor, com harmonia.

## ORIENTAÇÃO ALIMENTAR NA COMPAZ

Não há o uso de cardápios, mas uma orientação para elaboração da alimentação que inclui o preparo do café da manhã rico em grãos, queijo colonial, açúcar mascavo, ovos, peixe, leite, pão caseiro, saladas, o almoço e a janta com a presença de sopas ou cremes, verduras, legumes, arroz ou massa, grãos (feijão ou lentilha) e o lanche vespertino com a ingestão de sucos de frutas, leite, pão caseiro ou bolos.

A respeito da diversidade na alimentação da Comunidade, K. R., afirma que:

O fato de não consumirmos carne vermelha estimula o preparo de novos cardápios com base em uma dieta predominantemente vegetariana. Gosto de ir para a cozinha e criar, experimentar temperos diferentes, testar novas receitas. Após tornar-me vegetariana sinto que sou mais criativa na alimentação.

O consumo de alimentos variou bastante pela quantidade de moradores em cada momento e também pela disponibilidade de recursos financeiros. Sobre este fato, S. J., comenta que:

Na concepção organizacional da CoMPaz um dos maiores desafios que destaquei foi o de garantir o princípio fundante do movimento coletivo, no que se refere às necessidades individuais, a capacidade financeira, material de gerenciar a singularidade. As soluções criativas foram emergindo dentro do próprio movimento, garantindo a continuidade dentro de bases harmoniosas e sustentáveis.

## ALIMENTAÇÃO E SAÚDE HOLÍSTICA NA COMPAZ

Algumas ervas medicinais são cultivadas na própria Comunidade para extração das essências usadas nos sabonetes como a arruda e outras na culinária como tempero verde, a cebolinha, a sálvia, o salsão, o manjeriço, o alecrim. Os chás, banhos e pomadas provenientes destas ervas são elaborados também, mas para consumo interno.

O preparo de sabonetes com ervas e essências medicinais revela a preocupação com o resgate de saberes tradicionais para aplicação em prol

da saúde. Embora comercializado, não há a preocupação da comunidade em auferir lucro, mas este processo tem o intuito de levar a mensagem da Comunidade, pelo que representa este produto na visão da Morada da Paz, ou seja, equilíbrio energético, preservação ambiental, saúde holística. Este é um movimento que se iniciou a partir de março de 2020, representando uma nova fase na vida da Comunidade, que a partir dele pode divulgar o seu trabalho. K. R. relata sobre o significado deste movimento:

Estes produtos têm o significado de concretização, de realização, de colocar em prática as ideias que sempre tivemos, embora ainda não tenhamos a produção de todas as ervas na Morada. Hoje não compramos mais sabonetes e temos o retorno de várias pessoas que adquiriram os sabonetes relatando seus efeitos benéficos para a saúde. É também uma oportunidade de compartilharmos com outras pessoas aquilo que acreditamos!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alimentação na CoMPaz permite visualizar muitos símbolos que revelam a identidade coletiva deste movimento no dia a dia, integrando seus moradores, amigos e colaboradores e as relações sociais que estabelece com o núcleo rural onde está inserido. As práticas alimentares demonstram uma profunda crença nos princípios e valores de existência deste projeto, sendo um fator de coesão coletivo, que está vinculado intrinsecamente à própria história do movimento, constituindo-se desta maneira em um marco na sua constituição e nas mudanças de práticas alimentares dos seus moradores ao longo do tempo. Estas mudanças referem-se não somente ao que é ingerido pelos moradores no presente momento, mas também a maneira como se processavam e como processam agora o cultivo e o preparo dos alimentos.

A evolução da concepção sobre alimentação dos moradores da Comunidade Morada da Paz ocorreu a partir de estudos e práticas diárias, tanto coletivas quanto individuais e expressam o desejo de uma vida em harmonia e em sintonia com a natureza, consigo mesmo e com todos os seres. Estas aspirações motivaram a criação da Comunidade em uma área rural, com características singulares em suas práticas alimentares que atestam as diferenças com relação às sociedades camponesas tradicionais, como visto ao longo deste artigo, como a relação com a espiritualidade, a saúde holís-

tica, a preservação ambiental, a orientação alimentar predominantemente vegetariana e o papel socioeducativo da alimentação.

A abordagem da alimentação na CoMPaz acaba, pois, a partir da análise realizada, por demonstrar a sua significância como mais uma área de fundamental importância na manutenção de um eixo de sustentabilidade nas relações que o movimento constrói tanto interno quanto externo, expressando na plenitude dos seus vários aspectos considerados ao longo deste texto a cultura e o Jeito de Ser e de Viver na CoMPaz – Território Kilombola de Mãe Preta.

*Asè!*

## REFERÊNCIAS

- CANTARERO, Luis. Preferencias alimentares y valores de los neorrurales: un estudio in Aineto, Ibort y Artosilla en el Serrablo oscence. *In: GRACIA A., Mabel (Coord.). Somos lo que comemos: estudios de alimentacion y cultura en España.* Barcelona: Ariel, 2002. p.151-177.
- CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas.* Ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002. 296 p.
- CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: Novas identidades em construção. *Estudos sociedade e agricultura*, n. 11, p. 53-75, out. 1998. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/onze/zeze11.htm>.
- FERNANDEZ-ARMESTO, Felipe. O significado do comer: a comida como rito e magia. *In: Comida: uma história.* Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 49-94.
- GARINE, Igor de. Alimentação, culturas e sociedades. *O correio da Unesco*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 7, p. 4-7, 1987.
- GEERTZ, Clifford. Ethos, visão de mundo e a análise dos símbolos sagrados. *In: A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 13-41.
- WOORTMANN, Klaas. O sentido simbólico das práticas alimentares. *In: ARAÚJO, Wilma Maria Coelho; TENSER, Carla Márcia Rodrigues (Orgs.). Gastronomia: cortes e recortes.* Brasília: SENAC, 2006. p. 23-55.

E como nos diz Mãe Preta, nossa Yabá Ancestral:  
“No mais não se pode dizer, é o agora do agora...”

*GRATIDÃO!*



Figura 48: Um jeito de Ser e Viver CoMPaz.

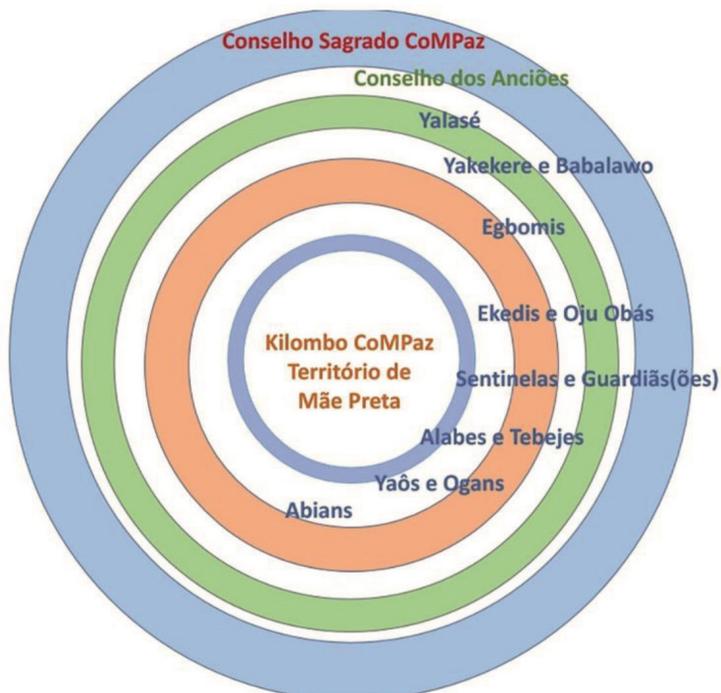


Figura 49: Harmonograma CoMPaz.

GLOSSÁRIO: COMO NOS FALAMOS

<b>TERMO/ EXPRESSÃO</b>	<b>SIGNIFICADO</b>	<b>PRONÚNCIA</b>
ÌGBÉSÌ-AYÉ ILÈ ÀLÀÁFÌÀ	Jeito de Ser e Viver	IBEXI AIE ILE ALAFIA
ÀJEBÒWÁBÁ. OLÓRUN SÚRE FÚN O!	Futuras Gerações. Deus dê Bênçãos para vocês!	AGEBOUA. OLORUN SURE FUNO
YIALAŞÉ	Mãe responsável pela guiança de seu povo – líder ESPIRITUAL e estratégica que mantém e sustenta a unidade no/do Kilombo.	IALAXÉ
YIAKEKERE	Mãe responsável pela guiança de seu povo – líder ORGANIZACIONAL que mantém e sustenta a gratidão no/do Kilombo e a eficácia das preces práticas.	IAQUEQUERE
YABACE	Mãe responsável pela guiança de seu povo – líder NUTRICIONAL que mantém e sustenta a saúde e segurança alimentar no/do Kilombo.	Como se lê
BAOGAN	Pai responsável pela guiança de seu povo – líder ADMINISTRATIVO que mantém e sustenta a determinação no/do Kilombo e a eficácia das preces práticas.	Como se lê
BABALAWO	Pai que orienta e aconselha sobre a organização ritualística no/do Kilombo.	BABALAUÂ

EGBOMIS	Irmãs(ãos) mais velhos que devem orientar os mais novos no Kilombo em relação a posturas dentro e fora do Kilombo	EBOMIS
EKEDIS	Zeladores/cuidadores dos preceitos espirituais e ritualísticos da Nação Muzunguê dentro e fora do Kilombo e salvaguardar o bem estar da Yalásé.	EKEDJIS
OJÚ OBAS	Conselheiros(as) responsáveis por aconselhar a Yalásé sobre assuntos que dizem respeito ao Território de Mãe Preta.	OJUOBAS
ALABES	Responsável pelas orações da Nação Muzunguê tocadas em atabaques.	ALABES
GBA OYA NKAN	Responsáveis pela coordenação das dimensões/ atividades da Comunidade Kilombola Morada da Paz-Território de Mãe Preta CoMPaz.	GUIBAOYANKAN
YAOS	As filhas/integrantes mais novas do Kilombo-CoMPaz	IAOS
OGANS	Os filhos/integrantes mais novas do Kilombo-CoMPaz	OGANS
ABIANS	Os integrantes do Kilombo-CoMPaz que não possui uma função específica e/ ou dimensão sobre sua responsabilidade.	ABIÃNS
IPÁDÊ	Reunião/Encontro	IPADÊ
OMORODÊ	Infância/criança	Como se lê
O-MADEÊ	Adolescente	OMADÊ
ODOMODÊ	Jovens	Como se lê
OLÓÓRÊ	Amigo/Cuidador	OLOORÊ

EKONOMIA	Ekonomia com (k) de zelo e cuidado com o bem viver da Comum Unidade	Como se lê
KILOMBO	Kilombo com (k) grupamento estratégico de salvaguarda da memória de seu povo pelo direito de Ser e Existir em seu Jeito de Ser e Viver.	Como se lê
ADOGÃ	Zelador – fiscalizador	Como se lê
AGBEDEMÉJÌ	O que está no meio de – entre duas coisas	ABEDEMÉJÍ
OPANIŞÉ THANDANUÍ	Bastão da história e da memória	OPANIXÉ TANDANUÍ
ADOSÚ	Cerimonial de iniciação na Nação Muzunguê	ADOXÚ
MUZUNGUÊ	Filosofia afrobudígena que orienta o jeito de ser e viver do Kilombo-CoMPaz	Como se lê

<b>TERMO/ EXPRESSÃO</b>	<b>SIGNIFICADO</b>	<b>ORIGEM</b>
<i>Kilembe</i>	Árvore da vida	Bantu
<i>Yvy marã e' ý</i>	Terra sem Males	Guarani
ahimsa	Disponibilidade para a bondade	Sânscrito
nkenda	Caminho espiritual	Bantu
bongar	Busca espiritual	Bantu
Kissondè	Formiga	Origem africana
Metãm	Três	Yorubá
<i>maafa</i>	Trauma histórico	Swahili



## OS AUTORES E AS AUTORAS

### COLETIVO DE PESQUISADORAS E PESQUISADORES KILOMBOLAS – OKARAN



Figura 49: Coletivo OKARAN

Fundado em 2017 a proposta do Coletivo é problematizar o conceito de ciência hegemônica com as ciências existentes em Territórios Limites e dialogar na medida do possível no enfrentamento da invisibilidade dos saberes e fazeres dos Povos Tradicionais criando e propondo estratégias de re(exis)tência dentro e fora da academia.

### BÀBÁ KÌNNÍ

**Bàbá Kinní** é Baogan (Rogério Ferreira Teixeira); homem negro, 44 anos, Kilombola, cofundador da Comunidade Kilombola Morada da Paz – CoMPaz, Bàbá da Nação Muzunguê, Adogã (representante fiscal) da CoMPaz, pesquisador do Okaran (coletivo de pesquisadores(as) Kilombolas), Mestre em Ciências do Ambiente, Agroecologista, educador da CoMKola.



Figura 50: Bàbá Kinní.  
Acervo CoMPAZ.

### KARAMY ADETTA

**Karamy Adetta** é Elemojó (Sara Jane Escouto dos Santos); mulher, negra, 49 anos, Kilombola, cofundadora da Comunidade Kilombola Morada da Paz – CoMPaz, Ekedí da Nação Muzunguê, Mestre em Serviço Social.



Figura 51: Karamy Adetta.  
Acervo CoMPaz.



Figura 52: Opá Tenondé.  
Acervo CoMPaz.

## OPÁ TENONDÉ

**Opá Tenondé** (Manoela Dutra Ramos); mulher branca, 28 anos, Kilombola, Yaô da Nação Muzunguê, Adogã (representante fiscal) da CoMKola, pesquisadora do Okaran (coletivo de pesquisadores(as) Kilombolas), Psicóloga, Educamor da Escola CoMKola Kilombola Epè Layié.

## PEDRO EDUARDO KIEKOW

**Pedro Eduardo Kiekow**, graduando do Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza – Educação do Campo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul desde 2016/2.



Figura 53: Pedro Eduardo Kiekow. Acervo pessoal.



Figura 54: Valéria Viana Labrea.  
Acervo de Isadora Labrea.

## VALÉRIA VIANA LABREA

**Valéria Viana Labrea**, pesquisadora e professora adjunta na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na área de Política e Gestão da Educação no Departamento de Estudos Especializados. Coordenadora do curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza, de 2018 a 2019. Doutora em Educação pela Universidade de Brasília (2014), mestre em Educação e Gestão Ambiental pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (2009), especialista em Epistemologías del Sur pela Clacso e Universidade de Coimbra (2020), especialista em Gestão Cultural pela Fundação Itaú Cultural/Universidade de Girona/Espanha (2012), especialista em Educação Ambiental pelo SENAC (2007), graduada em Letras – licenciatura plena em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000).

## MAKO'YILÈ

**Mako'Yilè** é Yabace (Kelly Rocha de Souza David); mulher, negra, 40 anos, Kilombola, cofundadora da Comunidade Kilombola Morada da Paz – CoMPaz, Ya da Nação Muzunguê, pesquisadora do Okaran (coletivo de pesquisadoras(as) Kilombolas), Pedagoga, Coordenadora Pedagógica da Escola CoMKola Kilombola Epé Layiè.



Figura 55: Mako'Yilè.  
Acervo CoMPaz.



Figura 56: Ômò Ayó Òtunjá.  
Acervo CoMPaz.

## ÔMÒ AYÓ ÒTUNJÁ

**Ômò Ayó Òtunjá** é Yamoro (Claudia Rocha David); mulher, negra, 47 anos, Kilombola, cofundadora da Comunidade Kilombola Morada da Paz – CoMPaz, Yiakekere da Nação Muzunguê, Agdebeméji (representante legal) da CoMPaz, pesquisadora do Okaran (coletivo de pesquisadoras(as) Kilombolas), cientista social, educador da CoMKola.

## YASHODHAN ABYA YALA

**Yashodhan Abya Yala** (Denise Freitas Dornelles); mulher, negra, 50 anos, Kilombola, cofundadora da Comunidade Kilombola Morada da Paz – CoMPaz, Yialasè da Nação Muzunguê, pesquisadora do Okaran (coletivo de pesquisadoras(as) Kilombolas), Pós-Doutora em Políticas Sociais.



Figura 57: Yashodhan Abya Yala.  
Acervo CoMPaz

## FILHOS DO TERRITÓRIO DE MÃE PRETA E PARCEIROS DO OKARAN



Figura 58: Alan Alves-Brito.  
Acervo pessoal.

ALAN ALVES-BRITO

**Alan Alves-Brito** é doutor em ciências (astrofísica estelar), com pós-doutorados no Chile e na Austrália. Desde 2014, é professor adjunto no Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde exerce atividades de ensino, pesquisa, extensão, divulgação científica e gestão. Integra o Programa de Pós-Graduação em Física e em Ensino de Física e o NEAB (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos)

da UFRGS. Coordena o PLOAD-Brasil (Portuguese Language Office of Astronomy for Development) da União Astronômica Internacional. Interessam-lhe temas voltados à integração e ao diálogo da universidade com a educação básica e a sociedade, como a evolução química da Via Láctea, educação e divulgação da Astronomia. *Ìyàwó Dofono de Òsòòsi no Ilê Axé Ogunjá, Recôncavo da Bahia.*

LUIZA DIAS FLORES

**Luiza Dias Flores**, Folaiyan, mulher branca, 31 anos *Ìyàwó* da Nação Muzunguê e constante aprendiz dos ensinamentos da Comunidade Kilombola Morada da Paz. Cientista Social pela UFRGS com mestrado (PPGSA/IFCS) e doutorado (PPGAS/Museu Nacional) em Antropologia pela UFRJ, professora adjunta do Departamento de Antropologia da UFAM – Universidade Federal do Amazonas.

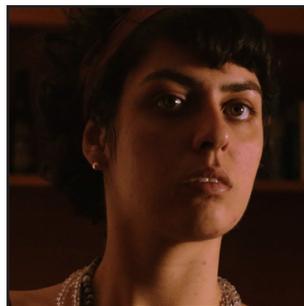


Figura 58: Luiza Dias Flores.  
Acervo pessoal.

## COMO COLABORAR COM A COMPAZ

A formação de uma rede de colaboradores financeiros para um espaço como a Comunidade Kilombola Morada da Paz –Território de Mãe Preta é antes de tudo a construção de uma corrente de pessoas que acreditam em um sonho. Em um mundo de forte apelo ao materialismo, ao individualismo, ao racionalismo, espaços e grupos como a Morada da Paz-Kilombo de Mãe Preta representam a manutenção de um elo, muito antigo, com o coração da Terra, com a alma integral da humanidade. A Morada é um espaço, terreno concreto, formado por pessoas que se dedicam por inteiro a zelar esta pureza, esta integralidade em suas ações cotidianas, muitas frentes de atividades lá estão presentes. O sonho vivo de conexão com a força está tanto na forma de viver da Comunidade, no cuidado com as crianças e animais, no cultivar a terra, no alimento e na nutrição e, principalmente na vivência de saberes ancestrais expressos nos ritos, nos espaços físicos e nas muitas expressões da subjetividade do grupo, o cuidado com o sagrado em cada ato, em cada lugar.

Portanto, o apoio a Morada não é só o apoio aos seus membros em particular, idosos, crianças e adultos, mas fundamentalmente a um espaço onde a Terra, a natureza e os seres espirituais, podem respirar e se expressar livremente. A Morada, sendo um lugar da região metropolitana de Porto Alegre, cercada por um entorno de forte industrialização de um lado e de comunidades “carentes” de outro já se tornou um ponto de expressão de um clamor que é universal: que a Terra continue viva na abundância e beleza de todas as formas de expressão de seus seres, visíveis e invisíveis.

Que o ser humano retorne seu lugar de filho do Cosmos, em criatividade e benevolência. Apoiar financeiramente a Morada é ajudar essas pessoas, que se entregaram totalmente a esta causa, para que possam, continuar cuidando de um espaço nessa existência que é para todos nós!

*Joseh Severiano (Fundação Terra Mirim/BA)*

*Informações de como cooperar  
pelo e-mail moradadapaz@gmail.com  
e pelo whats (51) 98616-6842*

*COMUNIDADE MORADA DA PAZ*

*BANCO SICREDI (748)*

*AGÊNCIA 0119*

*CONTA 96737-8*

*CNPJ 06.242.174/0001-47*



CASA LEIRIA  
Rua do Parque, 470  
São Leopoldo-RS Brasil  
[casaleiria@casaleiria.com.br](mailto:casaleiria@casaleiria.com.br)

Aqui no agora-agora a CoMPaz como Kissondè, formiga africana que bravamente consegue carregar o dobro de seu peso, luta de maneira constante e perseverante pelo empoderamento de seu povo, negro, feminino-jovem-kilombola-rural; que cria em seu jeito de ser e viver estratégias de resiliência para uma vida com dignidade: Círculo Mundial da Paz (2010) e Sumaúma: Raízes Afro-indígena do Brasil (2018) para o respeito ao diálogo inter-religioso; Rota das Pomba Gira (2013) empoderamento da mulher negra; Ipádè Metãm (2019) para dialogar estratégias de proteção e políticas públicas para a Comunidade LGBTQi+; o Curso de Desformação (2000) para descolonizar o sentir-pensar-sentir o mundo revisitando por meio de sua cosmopercepção (filosofia e espiritualidade vivida na Nação Muzunguê) a história de povos que foram historicamente invisibilizados e subalternizados; a escola Comkola Kilombola Epé Layiè (2014) que atende crianças dos oito aos oitenta anos; o Instituto CoMPaz (2015) que promove a cultura afroindígena no diálogo ancestral-contemporâneo; o Omorodè Ponto de Cultura da Infância e juventude Kilombola (2013) que faz da cultura afro-brasileira e diásporica estratégia de enfrentamento da maafa sofrida pelo povo negro ancestral com consequências desastrosas para seus descendentes; Akotirene Kilombo Ciência e a Multiversidade dos povos da Terra de Mãe Preta (2018) e o Okaran grupo de pesquisadores e pesquisadoras Kilombolas (2017) como formas de enfrentamento à violências produzida pela ciência e tecnologia racista e colonialista históricas.

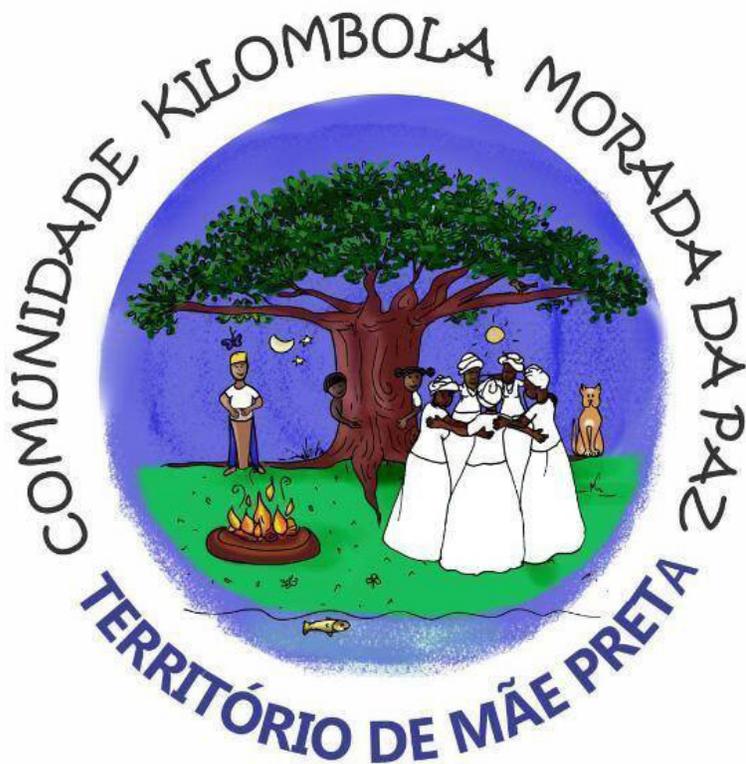


JESUÍTAS BRASIL



OLMA

Observatório Nacional de Justiça Socioambiental  
Luciano Mendes de Almeida



Casa Leiria

ISBN 978-65-991675-0-8



9 786599 167508 >